

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

**NÚCLEO DE ESTUDOS DAS DIVERSIDADES, INTOLERÂNCIAS E CONFLITOS –
DIVERSITAS**

LAURO LOPES LEANDRO PARIKO EKUREU

BOE JORUDUWA BOE ERO

A EDUCAÇÃO BORORO E O BAKARU

Aldeia Meruri, MT, 2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P231b Pariko Ekureu, Lauro Lopes Leandro
BOE JORUDUWA BOE ERO / A EDUCAÇÃO BORORO E O
BAKARU / Lauro Lopes Leandro Pariko Ekureu;
orientadora Marília Librandi Rocha - São Paulo, 2021.

122 f.

Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação
Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da
Universidade de São Paulo. Área de concentração:
Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades.

1. Educação. 2. Aldeia Meruri. 3. Projeto Bakarú.
4. Escola Indígena. 5. Mitos. I. Librandi Rocha,
Marília, orient. II. Título.

LAURO LOPES LEANDRO PARIKO EKUREU

BOE JORUDUWA BOE ERO

EDUCAÇÃO BORORO E O BAKARU

Projeto de Dissertação apresentado para Exame de Qualificação ao Programa de Pós- Graduação Humanidades, Direitos e outras Legitimidades, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Librandi



Fig. 1. Alunos da escola que participaram da elaboração do texto.

Foto com Pariko Ekureu, Projeto Mano. 1995

Título : *BOE JORUDUWA BOE ERRO*/ EDUCAÇÃO BORORO E O BAKARU

Title: *BOE JORUDUWA BOE ERRO* /BORORO'S EDUCATION AND THE BAKARU

Resumo:

Em Meruri, Mato Grosso, estamos participando de um projeto maior: trata-se do Projeto Bakaru, que consiste em revitalizar nossa mitologia para devolver `a nossa sociedade os valores mais profundos da nossa cultura. Dentro deste grande projeto, minha escolha foi fazer uma análise da nossa educação, antes e depois do contato com os brancos, no sentido de resgatar, através dos Bakaru, os valores da nossa educação tradicional ou encontrar uma via de equilíbrio entre as duas metodologias de ensino. Integram a dissertação, uma série de quatro entrevistas assim como uma auto-etnografia.

Abstract:

In Meruri, Mato Grosso, we are participating in a larger project: The Bakaru Project, which consists of revitalizing our mythology to give back to our society the deepest values of our culture. Within this great project, my choice was to make an analysis of our Education, before and after the contact with the white people, in the sense of rescuing, through the Bakaru, the values of our traditional education or finding a way to balance both teaching methodologies. The dissertation includes a series of four interviews as well as an auto-ethnography.

SUMÁRIO

Agradecimentos p.06

INTRODUÇÃO

1. *Bakaru* de Abertura p.09
2. Minha fala com Ailton Krenak p.11
3. Os Bakaru e a reciprocidade inteligente p.13
4. Apresentação da Pesquisa p.16

PARTE I. TESTEMUNHAL

Capítulo 1. Auto-entrevista p.22

Capítulo 2. Entrevistas

- 2.1. Agostinho Eibajiwu: Narração do *bakaru do milho*. p.29
- 2.2. Leonida Maria Akiri Kurireudo. Narração do *bakaru Juko Ro*. p.37
- 2.3. Gérson Mário Enogureu. Narração do *bakaru de Tori e Kado*. p.52
- 2.4. Marcos Lopes Leandro Borocereu. p.58

PARTE II. EDUCACIONAL

Capítulo 3. Panorama histórico-cultural da educação em Meruri. p.60

Capítulo 4. Orientações da educação Boe p.67

CONCLUSÃO p.80

Referências bibliográficas p.83

ANEXOS

Bakaru de Abertura na Enciclopédia Bororo p.85

Alguns Nomes Próprios de pessoas Boe p.89

Atividades Realizadas no Mestrado p.119

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer ao Deus pôr me conceder o Dom da Vida, que dá a oportunidade de viver, também fazer dela boas ações e me mostrar uma vereda a ser seguida.

A minha mãe, *in memorian*, Rosita Georgina Lopes Kiexebado, da metade Ecerae e do clã Bakoro Ecerae, por cuidar de mim, participar de minhas práticas educativas antes da escola, no período escolar, mesmo tendo cursado até a 4 série, sempre esteve me ajudando.

Ao meu pai, *in memorian*, Euclides Leandro da Silva Aroereia, da metade Ecerae e do clã Baadojeba, por cuidar de mim, por me ensinar mesmo que, na dureza de sua pessoa, sempre me enriqueceu com suas histórias de vida, também com seus ditos populares mesmo que forte, mas sempre com sentido atualizado a todo tempo serve.

Ao meu irmão, Márcio Lopes Leandro Adugoeiga, da metade Ecerae e do clã Bakoro Ecerae, por ter me acolhido nas suas vidas, sempre tive admiração pela sua escrita e ilustrações sempre exímios, também aprendi a escola com ele.

Ao meu irmão, Marcos Lopes Leandro Borocereu, da metade Ecerae e clã Bakoro Ecerae, por ter sido uma pessoa que aprendo, nas vezes esporádica em que convivemos, aprendemos a disciplina, também os trabalhos escolares, e sempre aprendendo.

A meus avós maternos, *in memorian*, Guilhermina da metade Ecerae do clã Bakoro Ecerae e, *in memorian*, Elias, da metade Tugarege do Clã Apiborege, por não ter muita lembrança, mas guardo na memória afetiva o carinho deles por mim, destaco o nome que me falaram que o meu avô falava de mim, “gigante”.

A minha avó, *in memorian*, Olga Alda, da metade Tugarege do clã Baadojeba, do qual tive o contato com a língua, quando ela conversava com a Natividade em casa, ambas juntas conversavam na língua Boe, com isto tive este contato com certa frequência, meus ouvidos aprenderam.

A todo os professores e professoras que me ensinaram no período de 1995 a 2004, na Aldeia Meruri. Foram todos muito importantes, tive oportunidade de aprender bastante coisas da escola e para a escola.

À minha companheira, Adelina Ikuetaga, da metade Tugarege e do clã Apiborege, por ter me ajudado bastante desde quando resolvemos nos ajudar, tem tido muita paciência que, às vezes ,aparecem dificuldades, que tendem a nos desviar de nosso foco, sempre me incentivando nos estudos, e me apoiando literalmente.

Ao iedaga, *in memorian* Adelson Bakuruceba, da metade Tugarege e do clã Paiwe, sempre esteve ensinando durante a sua vida, com calma e muita sabedoria. A imarugo Leonida Maria Akiri Kurireudo, da metade Tugarege e do clã Apiborege, sempre me ensinando, com disposição, com ânimo, pessoa de muita sabedoria, é uma pessoa que possui muitas coisas a respeito da cultura Boe Bororo, grande profissional, restauradora do Museu Comunitário Centro de Cultura Padre Rodolfo Lukenbein.

Aos imes Leoni Manfroi Pana Makuda da metade Tugarege e do clã Apiborege, Douglas Brandão Tubore Ewororo da metade Tugarege e do clã Apiborege, Antonio Elano Jerigiare da metade Tugarege e do clã Apiborege e Álvaro Luigi Torowe Enawu da metade Tugarege e do clã Apiborege, que me acompanharam indiretamente, mas foram fontes de energia para buscar e aprofundar a pesquisa.

As professoras Luciana Akeme, Luciene Rosa, Rita Natália, Deijalsina, da Cefapro, equipe técnica que trabalhou e trabalham com a Educação Escolar Indígena, que muito me ajudaram nas reflexões pertinentes ao pedagógico, planejamento, metodologias ativas, ensino híbrido, sempre me ensinando.

Ao professor Bruno Tavie, da Escola Estadual Indígena Korogedo Paru, que muito despertou a pesquisa e entrevistas, através de suas aulas de Bororo, durante o curso de Magistério Intercultural, também foi muito acolhedor.

Ao professor Benedito Pereira Júnior, da Escolta Estadual Indígena Korogedo Paru, do qual uma das etapas muito nos acolheu, ensinou em suas conversas.

Ao Boe Eimejera in memoriam, José Américo Rubugu, que muito contribuiu no Magistério Intercultural, e também através destes ensinamentos absorvidos até hoje levamos e tem perpetuado estes saberes.

Ao Boe Eimejera, Joaquim Burudui, que muito ensinou no Magistério Intercultural, e os ensinamentos repassados, são de grande riqueza.

A professora Eunice Dias de Paula, do Magistério Intercultural, muito ensinou sobre legislação da educação escolar indígena, mais tarde concretizou estes ensinamentos devido as demandas, também tem dado sugestões de leituras e trabalhos nesta pesquisa.

Aos professores João Bosco Martins, Leeny Teixeira, Mário Roney e Robson Carvalho, alguns professores do curso de Pedagogia, do qual pude aprender sobre planejamento, diversidade na educação, educação especial, pesquisa científica, além de serem compreensíveis comigo.

A Neide Campos, Leures Silva, colegas de trabalho da Ação Saberes Indígenas, mesmo com os trabalhos do programa também contribuíram com a pesquisa, sempre me ajudando nas dúvidas.

A professora Beleni Grando, com sua pesquisa que foi relevante para a nossa pesquisa, também das conversas cotidianas possíveis a gente se orientou.

Ao Kleiton Rodrigues Owaiga, da metade Ecerae e do clã Baadojeba, com a sua pessoa política desperta na gente, esse ânimo em buscar formas de como alcançar metas através das políticas públicas.

Ao Denilson Alves Tuboreceba, da metade Ecerae e do clã Baadojeba, com a sua pessoa jovem, traz um toque de jovialidade em nossos trabalhos.

Ao Ivanir Matias Rondon Koguegadu, da metade Ecerae e do clã Bokodori, com seus pensamentos a respeito da concepção do sujeito, tem nos dado oportunidade de um pensar Boe.

Ao César Amin Rondon, da metade Ecerae e do clã Baadojeba, com seus métodos técnicos sempre tem deixado a gente neste caminho técnico, sempre no diálogo a gente vai aprendendo.

Ao Idelfonso Boro Kuoda, da metade Tugarege e do clã Paiwoe, com seus conhecimentos a gente tem aprendido sobre as questões profundas do ser Boe.

A Maria Auxiliadora Koge, da metade Tugarege e do clã Iwagudu, com sua determinação, deixa esta referência em seguir a meta, persistir mesmo com todos os obstáculos, nos dá uma energia, sendo uma mulher, e pela nossa cultura ser matrilinear, tem forte peso de sua pessoa em relação a nossa pesquisa.

Ao Adriano Boro Makuda, da metade Tugarege e do clã Paiwoe, um colega de estudo, de vida, sempre tive nessa pessoa um apoio, e, ultimamente, tem me ajudado bastante me ensinando questões reflexivas a respeito de Boe Bororo e também da escrita.

Ao Mariel Mariscot Bento Kujiboekureu, da metade Tugarege e do clã Iwagudu, um colega de estudo e de trabalho, o qual é uma referência para avançar nos estudos em prol de um trabalho eficiente, tem me ajudado bastante na reflexão dos Bakaru, de forma a dissecá-los para uma melhor atividade, sempre me ensinando com suas palavras.

Ao Agostinho Eibajiwu, da metade Tugarege e do clã Iwagudu, pessoa que muito me ensina, inclusive a proximidade que me fez dos saberes e fazeres foi através dele como monitor do Projeto Centro de Cultura Padre Rodolfo Lukenbein, e, recentemente, como colega tem ensinado muita coisa sobre a língua e cultura Bororo.

Ao inodowu Gérson Mário Enogureu, da metade Tugarege e do clã Apiborege, sempre me ensinando boe ewadaru (língua Boe). Cada conversa que temos a gente vai aprofundando sobre esta área, também é uma pessoa que muito reflete as políticas públicas, mesmo de forma implícita, tem grande sabedoria do mundo Boe Bororo.

A professora Aivone Carvalho Brandão, que com o projeto de Centro de Cultura Padre Rodolfo Lukenbein, tive o contato mais próximo dos saberes e fazeres de objetos de nossa cultura, verdadeiro ambiente de despertar. Também por agora, junto Marília Librandi e Sérgio Bairon, trouxeram o Projeto Bakaru ,e abriram espaço para ingresso no Programa Diversitas, para os povos indígenas.

Ao professor Maxwell Miranda, agradeço. Quando nos conhecemos, ele falou sobre a etnomatemática de Ubiratan DAmbrosio, e, um pouco mais recente, trabalhamos no Programa Ação Saberes Indígenas, e muito me ensinou, e, por agora, tem participado da Banca de Exame de qualificação e fez vários apontamentos pertinentes e muito relevantes.

Ao professor Sérgio Bairon, que conheci a partir do Projeto Bakaru, é um momento rico de aprendizagem de nossos Bakarus, pelo seu ensino a partir do ponto de vista midiático sempre trazendo novidades, ensinando a criar possibilidades.

A professora Marília Librandi, que é minha orientadora, mesmo com esta distância espacial, conseguimos nos aproximar intelectualmente, a partir do escutar de ouvido. O escutar há tempos temos sistematizado como uma das pedagogias Boe, escutar o outro, sentindo o outro pela escuta, escutar a fala da natureza, estas escutas mais aguçadas despertadas pela professora, com quem estou aprendendo bastante.

A DISSERTAÇÃO

INTRODUÇÃO

1. BAKARU DE ABERTURA

Este foi o primeiro bakaru que eu ouvi na escola. Quando eu voltava para casa, eu contava esse bakaru e surgiam outros detalhes diferentes, o que despertou meu interesse neste bakaru. Eu aprendi ouvindo o professor Félix Adugoenau contar na escola, e, em casa, com a minha mãe Rosita Georgina Lopes Kiexebado, a gente fazia os contrapontos. O bakaru criou vida em casa, e da escola para casa. Eu aprendi ouvindo e imaginando todo o cenário. Assim é o bakaru:

Tinha o Pari (Pari é o filho, uma criancinha), e ele perdeu os pais, e a avó ficava chorando toda a tardezinha, porque de saudade, lembrando os filhos dela, o pai e a mãe da criança que morreram. O menino falava, “vovó porque a senhora chora?” Ela falava, “não é nada não”. Toda vez, até que ele cresceu, virou um juvenzinho, meio adulto. Ela propôs desafios para ele, “você vai pegar um animalzinho, desde um animalzinho bem e bem lerdinho, aquele que anda bem devagarinho”, até ele pegar o último, que foi um beija flor, se chama **piodudo**, ele é bem rápido, muito rápido. Então, e ela recomendava, “você não tem que dormir com nada na sua barriguinha, você tem que vomitar, vomita. Você também não pode acordar e sair por aí andando, você tem que vomitar ou senão você vai ficar bem pesado”, aí a avó dele foi ensinando, ele foi treinando. Daí que eu fico pensando, hoje eu penso na questão do processo educativo. Ele ficou muito forte, e ele foi andar num lugar tipo uma caverna. Ele viu um buraco num morro, e ele viu muito osso de bororo, daí ele lembrou, “por causa disso é que a minha avó chora, chora toda tardezinha”. Ele começou a montar uma estratégia: ele montou praticamente três obstáculos, desde um mais levinho até um mais forte mesmo, se não me engano, era um pé de sucupira. Ele foi lá, atçou o **butoriku**, batendo o pé, batendo o pé no chão, tum tum tum, ele fica incomodado, fica furioso, e vem atrás

do pari. Ele passa pelo primeiro obstáculo, passa pelo segundo, e, no último, ele engancha no pé de sucupira. O Pari estava com cacetete e ele mata o Butoriku. Ele vai na aldeia e avisa: “eu matei o Butoriku” aquele que fazia ficar triste, deixava nós sem alegria. Todo mundo vai lá, e corta o pedaço do Butoriku e leva para a aldeia. Eles fazem uma dança, e o chefe recomenda para as mulheres se protegerem bem, principalmente o colo, para evitar qualquer contato do sangue do Butoriku com eles, mas **Aturuarodo**, ela descuida, ela não prende bem o colo dela, e o sangue penetra em Aturuarodo. Ela fica grávida, a barriga vai crescendo, crescendo e crescendo. Ela sente fome, desejo igual mulher grávida, ela quer fruta, ela fala: “não tem ninguém para pegar fruta para mim, estou com fome de fruta, ninguém quer dar comida para mim, ninguém quer dar comidinha”. Dentro da barriga dela, fala: “mamãe, mamãe, mamãe, a senhora quer fruta? eu posso pegar fruta para a senhora”. Ela vai sem jeito até o pé de jenipapo. E o nenezinho dela fala para ela que é para ela abrir a perna, que ele vai sair para pegar fruta para ela. Ele desce, ele sai, derruba bem muita fruta, fruta de jenipapo, e entra de novo no colo dela. Ela fica com receio, e comenta com os irmãos, “aconteceu isso e isso e isso comigo”, e eles falam “então vamos, vamos matar ele, que não é bom, não é gente, não é Bororo Boe igual a nós”. Ela fala de novo: “ah estou com fome de fruta, estou querendo comidinha, ninguém quer me dar”. Daí ele fala de novo: “mamãe, mamãe a senhora quer fruta?” Daí, faz o mesmo processo, mas na hora que ele vai lá para cima, ela sai correndo, ele grita atrás dela, e os irmãos, os tios dela matam ele e queimam também. Ela vai embora para a aldeia. Depois de um certo tempo, ela volta de novo para ver como é que ficaram as cinzas do que era filhinho dela, e aí ela encontra urucum, algodão e fumo. E por ela ser do clã do Paiwoe, esses itens pertencem aos Paiwoe.

(Ver no Anexo I, o mesmo bakaru narrado na *Enciclopédia Bororo*, Volume II, “A mulher Aturuadoro e o monstro Butoriku”)

2. MINHA FALA COM AILTON KRENAK ¹.

Meu nome é Lauro Pariko Ekureu: o Pariko Ekureu significa cocar amarelo. Sou do povo Boe Bororo, eu moro na aldeia Meruri, e trabalho na escola. É uma honra e emoção estar na presença do senhor..



Eu tenho um projeto de pesquisa denominado **Boe Joruduwa Boe Ero (A Educação Bororo e os Bakaru)**. *BAKARU* para nós significa mitos de origens, são histórias que contêm valores de ensinamento. O objetivo do projeto de pesquisa é encontrar traços da educação tradicional Bororo dentro do bakaru. O meu projeto de pesquisa está dentro de um projeto maior chamado *Bakaru*, e ele é trabalhado com base na **Produção Partilhada do Conhecimento**, junto com professor Sergio Bairon, professora Aivone de Carvalho Brandão, e professora Marília Librandi. Nessa conversa, eu represento o meu povo, e em especial os estudantes indígenas do **Diversitas**. Seu livro *Idéias para adiar o fim do mundo* foi lido por todos nós.

Como escreveu meu colega Matias Rondon, Kre-nak, “cabeça na terra”, é o oposto do “penso logo existo”, separado da terra. Na verdade, todas as filosofias e certezas devem se dobrar diante da grande verdade dita pelo senhor: “Tudo em que eu consigo pensar é natureza.” – esta é a filosofia capaz de adiar o fim do mundo.

¹ “Live” “Constelação de saberes”. realizada em 15 de outubro de 2020. Link : <https://www.youtube.com/watch?v=bOSg4b16isg>

O rio Doce, avô do senhor, foi engolido pela lama tóxica do capital. Nosso morro das araras, do mito “o desaninhador de pássaros”, também foi invadido pelo capital, ficando apenas na nossa lembrança, como toroari, o morro de Santo Antônio. Restou o morro de Meruri, morro das arraias, nosso lugar. A gente morava na aldeia Tori Po e com a escassez de recursos naturais, saímos `a procura de outro lugar, e vimos um morro e, no rio kujibo, havia arraias, originando o nome Meruri.

Gosto muito quando o senhor diz que “**a cultura vem do barro que existe debaixo do chão**”. No nosso rito de iniciação masculina, os meninos são cobertos de barro para reviver o **bakaru de Baitogogo e Boroge**. Eles fundaram a estrutura circular de nossas aldeias. Antes de organizar isso, eles foram para o fundo do rio e se purificaram para poder constituir a aldeia. Nem todas as aldeias têm essa estrutura, mas no ser de cada boe têm sua localização, ou lugar aonde fica.

Os bororo têm duas metades. Caso haja um trabalho prestado de uma metade a outra, a outra metade já fica em dívida com a outra, isso é a **reciprocidade**. Gostei imensamente de perceber, depois de ouvir o senhor, que nós indígenas não possuímos dogmas em nossas culturas. Achei muito interessante o senhor falar **do ritual de suspender o céu**. Na cultura bororo tem os **pariko (cocares)** e na ponta de cada pariko tem uma penugem, e estas penugens representam os **aroe (almas)**. Quero expressar aqui, minha gratidão e orgulho por ter um parente tão nobre.

No ano de 2013, na fala do professor Edilberto, da Universidade Federal de Mato Grosso, ele mencionou que perdemos espaços geográficos, **e agora era o momento de nós ocuparmos este espaço não apenas de forma geográfica, mas sim intelectual.**

3. OS BAKARU E A RECIPROCIDADE INTELIGENTE ².

Aqui em Meruri, estamos participando de um projeto maior: trata-se do Projeto Bakaru, que consiste em revitalizar nossa mitologia para devolver `a nossa sociedade os valores mais profundos da nossa cultura, seja ela religiosa ou puramente sociocultural. Dentro deste grande projeto, nós mestrandos do Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades – FFLCH- USP, aqui de Meruri, escolhemos cada qual um tema relacionado com nossa rica mitologia para as pesquisas de nossas dissertações de mestrado. Minha escolha foi fazer uma análise da nossa educação, antes e depois do contato com os brancos, no sentido de resgatar, através dos Bakaru, os valores da nossa educação tradicional ou encontrar uma via de equilíbrio entre as duas metodologias de ensino.

A educação indígena foi modificada a partir do contato com a cultura ocidental, um outro mundo no qual fomos inseridos e com o qual hoje compartilhamos. Como diria Krenak, este compartilhar deve ser olhado com critério para saber até onde vai o limite de tal relação, ainda mais para ver se tem alteridade.

Um dos objetivos, hoje distante de nós, mas imprescindível para nós, deve ser, segundo a fala de Krenak, “descobrir alguma forma para que quem está no centro e fora do centro tenha uma comunhão, experimentar o movimento de reciprocidade”. Isto é, a nosso ver, resgatar valores e também ver alguma forma de enculturação, entre as culturas Boe de Meruri e da sociedade envolvente para que o saber Boe tenha seu lugar e espaço a uma reciprocidade, sem o prejuízo de nossa cultura. Aqui, coloco a questão do Mori, uma troca justa e espontânea de respeito e reciprocidade, sem que ninguém se sobreponha ao outro...

Ao longo de seu discurso, Krenak fala dessa “reciprocidade, única via para um futuro promissor”, um investimento frutuoso para algo iminente. Assim, compreendemos que, para que haja um ensino também voltado para a cultura Boe, em Meruri, faz-se necessário pensar em um novo modelo, que contemple a sabedoria indígena em suas raízes mais profundas. Só assim poderemos absorver de outras culturas apenas aquilo que não pode danificar a nossa própria

² Esse texto está baseado na análise que eu fiz da palestra de Ailton Krenak, intitulada “Constelação de Saberes”, apresentada na disciplina “Pensamento Ameríndio”. *Live* disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=bOSg4b16isg>. Disciplina ministrada pelos professores Sérgio Bairon, Marília Librandi e Aivone Carvalho, no segundo semestre de 2020.

cultura. Isto, hoje, em Meruri, significa recriar o nosso mundo para dialogar com a sociedade envolvente. Conforme Krenak, “a partir das relações de mundos diversos, é preciso pensar um novo mundo”. Considero este pensamento fundamental, para que o mundo seja salvo, a terra precisa ser purificada de egoísmos e egos, para que os humanos se unam numa “constelação de saberes”.

A colonização católica chegou entre os Bororo do rio Garças há mais de um século e, para obter o sucesso integracionista e catequista desejado pelo Estado e apoiado pela Igreja, a primeira providência foi interferir no processo educativo tradicional. Segundo Krenak “o colonialismo tem um poder de interferir na transmissão de conhecimentos e valores”. Aí está o ponto que eu gostaria de ressaltar: a moral, a ética cristã está na Bíblia, a qual respeitamos muito, por saber que os ensinamentos mais nobres da cultura ocidental católica estão ali. Mas toda cultura tem suas crenças religiosas e mitológicas. Antes de ser escrita, estas culturas fazem parte da cultura oral. A Bíblia não nasceu escrita, ela já existia ao longo dos séculos de transmissão oral. Assim é com a nossa cultura. Antes dos Salesianos registrarem nossos *bakaru*, eles já existiam ao longo de milênios de cultura oral.

E agora? Onde está a verdade? Estou descobrindo, aqui, que até as verdades são culturais, assim como os deuses. Então, é preciso que um respeite as verdades dos outros, e que absorvam uns dos outros aquelas verdades que possam fazer bem à humanidade. Esta é a reciprocidade inteligente para um mundo perdido pela ambição. O mais interessante disso tudo é que, querendo nos catequizar, os Salesianos acabaram, por cuidado com aquilo que os fascinava, apesar de dizer o contrário, acabaram escrevendo, com a ajuda de um Bororo muito especial, o Tiago Aipobureu, a nossa bíblia, a *Enciclopédia Bororo*.

Krenak disse ainda que “felizmente, o pensamento originário ainda vivo pode ser a esperança, uma semente a ser semeada, nos lugares onde tem espaço e aceitação, de reciprocidade entre as culturas e entre as perspectivas de visão de mundo”. De nossa parte, o projeto de pesquisa para trazer nossos Bakaru, nossa sabedoria mais profunda, para nossas salas de aula, seria um desafio capaz de buscar o lugar de aceitação para o cultivo da nossa reciprocidade perdida. Antigamente, ninguém comia sem dividir. Hoje, uns comem outros não. Para ensinar reciprocidade vamos ter de reaprender. Esta é a função do Projeto Bakaru, lembrar daquilo que, sem perceber esquecemos. Esta é a função do meu projeto de pesquisa: ensinar aquilo que ficou escondido de nós; ensinar aquilo que foi trocado, nosso pensamento ameríndio. Nossas pesquisas não são para

ser que nem as pesquisas de muitos pesquisadores brancos, que passaram por aqui. Elas tem uma função científica, intelectual, mas, principalmente, social porque, hoje, temos a compreensão de que todos devem se engrandecer com o conhecimento, e que aquilo que não serve para uma comunidade não serve para o mundo porque o mundo também é uma comunidade: de comunidade em comunidade se constrói o mundo

Durante a palestra, Krenak falou da religião da individualidade, sem comunidade e sem reciprocidade. Esta também é a religião do capital, do colonialismo, que escraviza pessoas até hoje, só que de outra forma, inculcando nelas o desejo de “ter” isto ou aquilo, e assim, esquecemos de “ser”. Tudo isto vem em oposição a como as culturas tradicionais se organizam ou se organizavam como a nossa. Os processos de educação indígena incluíam a comunidade, a reciprocidade, ou seja, a aldeia também é um fator que ajuda na aprendizagem do indígena, uma criança era sempre cuidada por todos. Este era o senso de comunidade que a criança levava para a vida. Pode ser um sonho pensar em criar uma metodologia de ensino que tenha isto como valor, **mas este é o sonho que nossos projetos de mestrado querem sonhar.**

Os processos de ensino-aprendizagem indígena não podem obedecer a um currículo comum ao dos brancos e nem comum a todas as etnias indígenas, porque cada povo tem suas particularidades, que devem ser levadas em conta na elaboração do currículo escolar. É preciso também levar em conta o currículo básico da escola dos brancos porque é importante saber as coisas que eles sabem para dialogamos sobre nossos direitos, e para ajudar a construir políticas públicas que possam ser favoráveis aos povos indígenas.

O que não se deve nunca esquecer é que a educação Boe traz, em sua estrutura, a afetividade de quem ensina para com os seus aprendizes, seja a avó materna, os tios maternos, pois eles conduzem este método com afetividade, uma forma oposta de como a educação tem sido vista pela sociedade envolvente, como disse Krenak “esse divórcio afetivo em relação ao saber, passou a tornar o saber mercantilizado”; a educação é vendida.

A avó, em nossa cultura, quanto mais idade ela possui, mais sabedoria ela porta; o avô também. Já a sociedade envolvente trata-os com “obsolescência programada (validade programada)”. As pessoas possuem funções programadas e, a partir do momento que elas não contribuem com a máquina do capital, elas perdem o valor, ficam obsoletas para a sociedade.

Nossa pesquisa vem ao encontro do pensamento de Krenak, no sentido de que a educação não pode nos fazer esquecer quem somos. Ailton Krenak foi eleito o intelectual do ano de 2020

não só porque conhece o saber dos brancos, mas porque não se esqueceu de quem é. Isto lhe deu e lhe dá voz para lutar por todos os povos indígenas. Ele é um exemplo a ser seguido.

4. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Os Boe não tinham uma escola separada da vida...

O presente projeto tem como objeto de estudo a educação entre o povo boe bororo da Aldeia Meruri, no Mato Grosso. Os Boe não tinham uma escola separada da vida. A vida do Boe era a escola onde a pessoa ia se construindo num processo paciente e longo como a vida mesma. O observador percebia que o indivíduo estava sempre aprendendo ou então se especializando em algum ramo da sua cultura. Havia uma etapa, indefinida, quando o indivíduo passava a formar parte da categoria dos mestres (**Boe eimejerage**), porém não se sabia quando se dava este momento, que não era o mesmo para todos os da mesma idade. Havia jovens que, de repente, começavam a participar desta categoria, e havia adultos que nunca chegavam a integrá-la. Dependia do interesse e das qualidades de cada um. Minha pesquisa recupera essa história e os termos da educação Boe.

Objetivos e Problemas

Uma cultura esfacelada por mais de um século de aculturação e que ainda sobrevive, mesmo com imensas adaptações, necessita de ações que possam promover o restauro de valores, sem os quais a identidade do indivíduo e coletiva não sobrevive. Nosso trabalho caminha nessa direção, por acreditar que nossa comunidade necessita, aceita e participa da nossa proposta. Nesse sentido, a relevância do nosso trabalho é promover o bem de nossa comunidade.

Antes os pesquisadores vinham aqui, passavam um pouquinho de nada e escreviam sobre nós. Não chegávamos nem a ver o que eles escreviam sobre nós. Agora é diferente, nós pesquisamos inclusive na bibliografia existente, e usamos só o que é verdadeiro, porque tem muita fantasia, interpretação errada sobre nós. Eles são doutores e isto só serviu a eles nas suas Academias, conosco agora falando sobre nós o conhecimento vai ficar aqui, e, para nós, é isto que

importa: o que não serve para nossa comunidade não serve para nada. Os objetivos de minha pesquisa incluem:

- Pesquisar traços da educação tradicional Bororo através dos Bakaru, e analisar o Bakaru como forma de ensinar em Boe;
- Compreender a história das perdas culturais durante a formação introduzida pela colonização através de auto-entrevista e entrevistas com os Boe.
- Levantar dados históricos do contato com os Boe de Meruri, e levantar dados históricos da educação escolar de Meruri;
- Resgatar os valores e os ensinamentos contidos nos Bakaru da cultura Bororo.

Por que fazer essa pesquisa?

Acredito que, em cada Bakaru, tem uma norma, uma conduta, uma regra para se ensinar uma criança. Por exemplo, temos o Bakaru do menino teimoso, em que a mãe recomenda a ele não ir ao rio, e que, em casa, ele obedecesse a avó, e usasse água do pote guardado. Mas, por sua teimosia, ele foi no rio e morreu. Então, é indiscutível que as recomendações dos mais velhos são transmitidas pelos bakarus. Eu espero propor pedagogias que o povo Boe tem nos Bakaru através das normas e condutas para ajudar a escola.

O que eu espero como resultado pessoal e coletivo desse trabalho?

Queremos criar possibilidades das crianças se enxergarem no registro em uma proposta de trabalhar de forma interdisciplinar. Hoje, em 2021, nesta pandemia, estamos trabalhando com apostilas e com o *Bakaru* da criação dos *Boe Bororo* e sua organização, de forma interdisciplinar.

Traduzir os mitos dá visibilidade à nossa história, e acho que nem seria traduzir, mas trabalhar o que se tem e mostrar ao outro. Relembro aqui a fala que tivemos com os professores e alunos do curso da matemática do Instituto Federal de São Paulo, em 2021, e eles comentaram a respeito de mostrar os trabalhos indígenas para as outras pessoas verem, e também ganharem espaço na academia. Através da pesquisa fazer a comunidade crescer. Também criar uma nova geração de sábios. Há de ser um trabalho para fora e não só para o pesquisador. Ter uma ideia coletiva é importante para esta comunidade. Antropologia participativa, em que todos dêem suas contribuições. Trabalhar junto e fabricar junto.

Procurar uma forma de educação que contemple três campos: *bakaru*, casa (feminino) e *bai mana gejewu* (masculino). Podemos criar uma performance a partir de uma história através do *bakaru* (pela hipermídia), ou um jogo que explore a organização social *boe*. Há um projeto em curso em parceria com a Universidade Federal de Rondonópolis, com apoio do professor Gérson *Enogureu* e com a minha interlocução. Está sendo desenvolvido um aplicativo na forma de um jogo que contemple a organização social *boe*, usando uma estratégia pelo fato das crianças terem apreço por tecnologia.

O que é o bakaru?

Falar em cultura material bororo significa, principalmente, lembrar os *bakaru*. Cada objeto e as matérias primas que constituem um adorno tem um *bakaru*, que vem dar sentido para a existência de um pedaço ou traço. Aqui lembramos do *bakaru*, que pela razão da sua existência, explica detalhes de uma ave, de um inseto e outros. A maior parte dos *bakaru bororo* pode ser considerada mitos de origem, isto é, mitos que revelam a condição atual dos homens, da morte, das instituições religiosas, das regras de conduta e da natureza circundante, como as plantas alimentícias, os animais e até os acidentes geográficos.

Os *bakaru* de origem estão associados a personagens humanas e sobre-humanas que existiram em um tempo mítico e que, ao contrário dos deuses criadores e poderosos, são mortais, mas não perecem definitivamente, porque se transformam sempre em alguma coisa que terá sua origem inaugurada. Aqui destacamos a função do *bakaru* de ultrapassar o tempo e o espaço, de alguém contar no presente, levar o ouvinte para um tempo longínquo mesmo estando no tempo presente. Normalmente, morrem em conflito com os ancestrais, motivo pelo qual são sacrificados fisicamente e de forma lenta e prolongada. Os *bakaru* são um ensinamento. O *bakaru* para ser contado precisa de um cenário, de uma demanda para que um aconselhamento possa criar efeito.

O *Bakaru* tem como objetivo “... explicar fenômenos naturais, justificar a existência de certos seres, estabelecer a origem de tradições e ornamentos” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 206). O *bakaru* é um conjunto de mitologia que funciona para explicar por que um pássaro canta quando está amanhecendo, por que os enfeites de um determinado clã e sub-clã tem uma cor, por que tem animais que têm cauda e outros não, o surgimento das estrelas; por que as crianças devem obediência aos mais velhos para não serem penalizados (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962).

A educação e os aspectos éticos: o *poguru* e o *mori*

As regras sociais são inseparáveis do sistema religioso na cultura Bororo. Pode-se dizer que os dois sistemas não sobreviveriam separados. As regras sociais estão associadas ao *poguru*, sentimento de vergonha.

Infringir as regras do *poguru* é agir em benefício dos *bope pegareu-ge*, espíritos malfazejos. Os *pogureu-ge*, aqueles que sabem se comportar, são os que têm direito à vida e os *pogurubokuareu-ge*, os desrespeitosos, são os perigosos e, por isso, devem ser eliminados pelo *bope*. A estruturação das coisas ligadas à vida só é possível dentro das regras do *poguru*, que, ao engendrar os momentos constantes entre prescrições e proibições, seleciona para a vida aqueles que o *bope* permitiu que sobrevivesse.

Contudo, os *pogureu-ge* também morrem, porque acabam falhando em alguma coisa e a justificativa mais frequentemente para a morte é a vingança do *bope* enfurecido pelo consumo indevido de alimento proibido, isto é, aquele de sua primazia que deve ser benzido pelos *baire* antes de ser consumido. O Bororo perde o seu corpo, mas jamais a sua alma, porque a sobrevivência dela não se fundamenta na transitoriedade e irreversibilidade dos processos fisiológicos inerentes à vida, mas na eternidade do contexto cultural que permite ao indivíduo se perpetuar como *aroe*.

O *poguru* ou sentimento de vergonha manifesta-se nos diversos aspectos da vida social e religiosa: no trato da relação entre o homem e a natureza, imposto, no caso, as regras relativas à dieta alimentar; na relação entre os vivos, regulando o intercuro sexual; e na relação entre os vivos e os mortos, cujas regras estão inscritas nos seus ritos fúnebres (Viertler, 1979, pp.40,41,45,48).

Esses códigos culturais foram repassados oralmente pelos mais velhos, aos mais moços e estão também prescritos nas narrativas míticas, nas quais os grandes heróis, normalmente antepassados, ensinaram como comer, trocar e dividir o alimento, como se relacionar com o outro e como enterrar os seus mortos

Importante também ressaltar o *poguru*. O *poguro* significa “...noções sobre o valor moral e social do sentimento de vergonha” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 883). Segundo o termo e significado, seria a **ética bororo**, pois todo membro a tem em seu ser pelo fato de evitar de cometer transgressão e ser penalizado. É um valor moral que anda com todos, e é recomendado no ensinamento a crianças e jovens.

A pesquisa está dividida em duas partes. Na primeira, testemunhal, busco entender os processos de formação em Meruri a partir de uma auto-entrevista, e de entrevista com quatro professores e mestres da cultura Boe, que são os mestres com quem aprendo. Na segunda parte, a temática é educacional, e faço um balanço do histórico da escola em Meruri.

PARTE I. TESTEMUNHAL

CAPITULO 1. AUTO-ENTREVISTA

Meu nome é Lauro Lopes Leandro Pariko Ekureu. Pariko Ekureu significa cocar amarelo. Minha mãe biológica é Baadojebado e meu pai Paiwoe. Contudo fui criado por minha mãe Bakoro Ecerae e meu pai Baadojeba. E o nome Pariko Ekureu pertence a estes dois clãs Bakoro Ecerae e Baadojeba. Eu sou da metade exôgamica Ecerae e do clã Baadojeba Cobogiwuge. Para situar, este nome Bakoro Ecerae é o mesmo que Baadojeba Cobogiwuge (pode ser cobogiwuge cobogiwuge, cobogiwuge boe eiadadawuge ou cobogiwuge cebegiwuge), já Baadojeja Cebegiwuge (pode ser cebegiwuge cobogiwuge, cebegiwuge boe eiadadawuge ou cebegiwuge cebegiwuge). Por nosso povo Boe Bororo ser matrilinear, o meu clã é Bakoro, e todos que pertencem a este clã são meus parentes.

Meus pais (de coração) contam que, certo dia, a irmã Otaviana chegou a passar na aldeia à procura de uma família para me adotar. Infelizmente, com todo o cenário de dificuldades, ela não encontrava uma família. Quando ela chegou na casa de meus pais (de coração), o filho mais novo deles, meu irmão do meio, Márcio Lopes Leandro Adugoeiga, sentiu apreço por mim, e pediu para que eu fosse adotado por eles. Mas de todo esse cenário, eu não me lembro. Lembro de minha avó, Olga, e de minha madrinha, Natividade (esposa do meu iedaga Kanajó). Elas iam em casa e falavam na língua boe, e eu ficava escutando, e acho que aprendia indiretamente, cito Gérson Mário Enogureu (2021) aprendeu e aprendeu a língua bororo com a avós. Percebemos a importância das avós. Depois, lembro do ingresso na escola, que eu achei fantástico ir para a escola, porque eu via os meus irmãos saírem de casa cedo com materiais escolar e quando eles voltavam, eu ficava fascinado.

O que eu aprendi como boe desde criança em casa?

Meu aprendizado em casa foi conforme os costumes de rigidez, respeito, honestidade e obediência. Lembro-me de um senhor que vinha em casa, de idade avançada, e os meus pais falavam **kugo (bitcho)**, passando o medo, **pagudure**, mas de forma estratégica, para se ter respeito. E o que era muito falado era para ouvir, e não interromper a fala dos mais velhos.

Eu me lembro com carinho de uma irmã salesiana, que meigamente eu chamava de **chamãemiana**. Tratava-se da irmã salesiana Otaviana. Eu dei este apelido pelo fato de ela ter cuidado de

mim, mesmo após a minha madrinha irmã Terezinha ter morrido. Daí, eu a considerava como minha madrinha. Ela acompanhou os professores no **Projeto Tucum**, ela trabalhava com vigor igual aos demais se dedicando à escola. Pego aqui a conversa com a irmã Aurizena no qual ela falou, que ficou muito contente ao ver uma sala de aula de uma professora Bororo e falou com ela, elogiando e ela disse quem me ensinou a desenvolver este trabalho foi a irmã Otaviana, temos um testemunho de dedicação desta.

Eu tinha dois irmãos, adotivos, mas eu soube depois. Todos vivíamos juntos. O meu irmão mais velho entrou no seminário dos Salesianos. Ao regressar, ele casou-se e saiu de casa, mas o contato era mais com a avó por parte dele. Até que o meu irmão do meio casou e foi embora.

A língua Boe e a educação dos meus pais

Recordo vagamente, mas acredito que os dois, pai e mãe, falavam a língua Boe na minha família, mas ambos tinham estudado no internato, meus pais de coração. Eu não aprendi a língua Boe, mas tinha apreço por lendas, pois ficava a imaginar todos os cenários, as personagens. Aprendi o português diretamente. Lembro do episódio de 3ª série quando tive contato com o **bakaru (lenda) do Butoriko**, que em casa eu ouvia algo, e em casa, quando conversava com os meus pais, eles falavam em divergência, mas achava bom esta coisa de ver outros ângulos.

Os meus pais (de coração) estudaram no internato, e eles falavam de rigidez, obediência. Uma coisa curiosa é que eles gostavam de falar sobre o **Projeto Minerva**, seria um tipo de educação `a distância, tinha uma rádio que ficava no centro da sala, e eles ficavam ouvindo e aprendendo.

A Escola

Eu fui para a escola no ano de 1995, quando inteirei os 6 (seis) anos, requisito para ingressar no ensino pré escolar, deparamos com o ritual de Mano, e nossa participação foi nba memória ilustrativa, todos desenhamos a corrida ou parte que mais marcou, mesmo sendo uns riscos, mas os docentes compreenderam o que queríamos dizer nos simples mas profundos riscos, representando pessoas, a natureza e o entorno. Segundo Grando (2004, p.120) a escola já vinha de encontro ao trabalho de interculturalidade e este ritual foi um dos exemplos destes investimentos. Eu estudei com professores Boe até a quarta série. **Félix Adugoenau**, eu estudei com ele na 3ª e

4 série, e eu ficava muito interessado ao contar Bakaru. Na quinta série, eu estudei com clérigos salesianos.

No ano de 2000, tivemos oficinas, na escola, de violão e datilografia. Pelo fato de eu ter fascínio por música, mais especificamente para tocar, eu ingressei na oficina de violão e datilografia. Na oficina de datilografia foi muito trabalhoso para conseguir aperfeiçoar, durou um ano inteiro, e, no final do ano, foram beneficiados alguns alunos, que estavam com exercício um pouco avançado. Ficamos com um grupo de colegas, junto com o padre Ochoa e o professor de datilografia, Félix Adugoenau, uma semana inteira, na casa salesiana Patronato Santo Antônio em Coxipó. Esse foi um momento de muita aprendizagem. Estar pela primeira vez em contato com um computador, depois de um ano em frente a uma máquina datilográfica, e, ao manusear um computador foi uma experiência assim muito boa. Lembro-me que os meus dedos foram treinados a digitar em datilografia, acostumados com a intenção involuntária de fazer o mesmo processo no computador, ou seja, digitar com força, sendo que não era necessário aplicar a mesma força. Em seguida, tivemos o afastamento do computador por conta de que aqui em Meruri não tinha computador. Depois de um bom tempo com o centro de cultura a gente pode pedir ao padre Ochoa para exercitar com o uso de em computador no centro. No ano de 2003, tivemos oficinas no centro de cultura, após a sua inauguração. Lembro-me de duas oficinas, uma de fotografia e outra de **akigo** (faixa de cabeça). Na oficina de fotografia era para retratar algo que a gente achasse bom registrar, e eu tirei foto do meu pai trabalhando com os postes que seriam para um curral, mas acho que não foi revelado. Na oficina de akigo, a gente, com o auxílio do instrutor **Agostinho Eibajiwu**, fez akigo do clã Bakoro Ecerae. Foi muito bom porque que era para deixar no centro de cultura. Foi algo que eu aprendi e fiz, auxiliado pelo instrutor, e seria útil para a comunidade, ou melhor ainda, para os membros do mesmo clã que eu.

Ao terminar, em 2004, tive, desde 2001 um acompanhamento vocacional para ser aspirante salesiano. No ano de 2005, ingressei no seminário salesiano e, no ano de 2006, eu desisti de prosseguir este itinerário, mas foram momentos muito formativos e essenciais. Os anos de 2006 e 2007 foram os dois últimos anos do ensino médio. Todo fim de tarde, a gente pegava um veículo para se deslocar até o distrito de Paredão Grande. Noites e mais noites, recordo-me que, no último ano, nos últimos dias, pareciam ser um teste de resistência, o veículo com garrafas pets cheias de água para poder jogar no motor porque acabava a água, tínhamos que parar com o veículo e esperar que ele esfriasse.

Minha formação até chegar a ser professor da escola

Concluí o ensino médio no ano de 2007. No ano de 2008, eu fui voluntário de inspeção de computador. Recordo de fazer levantamento e organização de materiais do centro. No ano de 2009, ingressei na Universidade Federal de Mato Grosso, no curso de Bacharel em farmácia, mas, infelizmente, eu desisti. Nos anos de 2009 e 2010, tentei cursar ciências da computação e engenharia de computação, infelizmente, não foi possível. No final do ano de 2010, eu trabalhei como auxiliar de pedreiro, popular “cabeça seca”, junto com pedreiros e outros colegas Boe. No ano de 2011, com a mudança do professor Kleiton Rodrigues Owaiga para a Funai, eu fui indicado pelo mesmo e pelos salesianos para trabalhar com exatas, e trabalhei até o ano de 2014.

No ano de 2012, ingressei no Magistério Intercultural, e os estudos foram desenvolvidos na Aldeia Gomes Carneiro.

Aulas de língua e cultura bororo

O professor Bruno Tawie, professor Boe Bororo, atuou no curso de Magistério Intercultural Seduc MT, na ocasião, ele lecionou a aula de língua bororo, fazendo os apontamento do qual selecionamos a seguir: dentro do canto bororo, canta-se uma linguagem específica. No choro há também uma linguagem específica. O (socó), o (dente) e o (dele). Uma coisa tem vários significados. Quando makao, jiwe jiwe cantam é sinal de presságio. Ki não mata e não come. Quando a pessoa morre tem **pobo boe makuda**, tem a chegada dos familiares (**pobo boe makuda, dar água aos aroe**). Sistema de educação Boe, através do **funeral, corrida de mano, boe iedoda** (nominação), **boe ewadaru** (língua bororo), **bai mana gejewu** (para os meninos iniciados), **kare paru** (pescaria ritual), iniciação, canto feminino e outros.

O professor Félix Adugoenau, professor Boe Bororo, atuou no curso de Magistério Intercultural Seduc MT, lecionou aulas e fez apontamentos que vi pertinente para ser elencado: para equilibrar o mundo é que tem o **mori**, carne branca espírito bom, por isso que aroe pesca mais. Carne vermelha representa espírito mal, carne vermelha felinos.

No ano de 2014 participei de um programa chamado PNEFEM (Programa Nacional para o Fortalecimento do Ensino Médio), junto com alguns colegas, os meu colegas inclusive sugeriram a criação de grêmio estudantil. Em 2015, iniciei o trabalho de gestão através da coordenação pedagógica, mas o diretor titular foi transferido para a Assessoria Pedagógica de General Carneiro,

então, eu assumi trabalhando sozinho, e ainda com o nome de diretor interventor. No ano de 2015, a Secretaria Estadual de Educação do Estado de Mato Grosso colocou, na formação pedagógica, um programa. De 2016 a 2017, fui eleito para atuar na direção escolar, mas, no ano de 2017, a secretaria estadual de educação do estado de mato grosso, decretou uma portaria prorrogando até o ano de 2018 a gestão. No ano de 2019 e 2020 fiquei com as aulas de exatas, haja visto que o professor Kleiton Rodrigues Owaiga foi eleito para diretor escolar. No ano de 2021, fui atribuído para aulas de saberes indígenas, e planejo juntamente com alguns colegas realizar aulas transdisciplinares.

Como foi a educação salesiana para mim?

Acho que tive um sistema de educação salesiana. Recordo-me que, quando criança, meus pais recomendavam rezar cedo e a noite, de tardezinha banhar, e preparar para ir na missa semanal e, no domingo cedo, as missas dominicais, a gente ia e voltava, e ficava a refletir sobre o sermão que o padre falava. Nos domingos, foram fortes as catequeses, tinha missa e depois ia estudar sobre a religião, e, após, a gente ia para o castelo (represa de uma antiga usina), e lá eu me divertia e voltava para a casa. No ano de 2001, eu iniciei a caminhada vocacional, e, em 2005 tivemos um encontro, e, no final, teve uma carta em que você pedia para ingressar e, no final, o diretor dava resposta. Então, eu ingressei e, no final, não sei o motivo específico, mas eu desisti.

Como foi em geral a minha vida na aldeia de criança?

Tive uma vida muito caseira e também andarilho ou ainda peralta. Recordo que os meus pais não queriam que eu passasse pelo ritual de iniciação, mas eu fugi por conta própria para participar deste ritual que eu estava interessado.

Como é a minha experiência de professor na escola?

Na escola em 2011, quando entramos, na época, tinha a questão do letramento e numeramento, cursos ofertados pelo centro de formação e atualização do professor. Recordo-me que a primeira atividade que propomos foi o IMC (índice de massa corpórea), e seria cada um fazer um cálculo e planejar para atingir um valor adequado. Também vimos que os números não podem ficar só no caderno, devem se expandir, assim, de forma contextual, calcular em física uma distância, ou velocidade, usando uma margem de rio, ou, ainda, o percurso que os veículos fazem

desde as cidades mais próximas até a aldeia. No ano de 2012, tivemos a **Rio mais 20**, na qual foi discutida a questão ambiental, o cuidado com a natureza e a proposta para proteger a natureza. No ano de 2013, tivemos um acompanhamento da Cefapro (centro de formação e atualização do professor) para elaborar o projeto político pedagógico e outro grupo foi trabalhar com alunos de pedagogia na Universidade Cathedral, em parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso. Foram momentos muito ricos, no projeto político pedagógico. No ano de 2014, tivemos a experiência do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, que apresentava o protagonismo dos jovens estudantes, e algo muito interessante foi falar em grêmio estudantil. No ano de 2015, tivemos o Plano de Intervenção Pedagógica (PEIP) que constava de fazer uma análise, levantar uma teoria, e, por fim, aplicar uma nova prática. Professor Marcos disse que o consumismo é um sistema perceptível. Às vezes, devemos ser críticos para poder ir contra o modelo que nossa sociedade sofre. Professora Aguida disse que precisa mapear as dificuldades de cada um, segundo sentar e descobrir as atividades que tiveram êxito ou não, a partir daí teremos itinerário para ser traçado e trabalhar. Estas falas foram feitas durante reunião de apresentação do projeto “Uma escola formadora de guerreiros, mídia no ensino indígena”. www.kuhipai.com.br, Professora Aguida, se eu filmar aqui eu estarei apropriando, já se for gravado pelos indígenas será legitimado pelos indígenas. Professor Rodrigo (UFMT) todo material produzido se deve a partir da história do boe bororo, princípio do fortalecimento da identidade Boe, este fato pode facilitar muito o aprendizado dos alunos. Professor Mariel, pode estar equivocado, mas o problema de Meruri, é que foi apresentado um sistema, ele assemelha a situação da educação com a personalidade ou falta de atitude. Parece que a gente entregou a vida aos outros, a gente não se sente capaz de resolver os problemas. Professor Mariel, antigamente falava, você não tem vergonha, seria como um tapa na cara, crise de pertencimento, cultura, tradição e identidade. Valor poguru é a vergonha. Poucos encontros para discutir a cultura, a identidade, antigamente tinha, e hoje está fraco. Recordamos das tardes registradas em bibliografia que eram momentos de profundos ensinamentos ao lado do bai mana gejewu. Falta novidade para motivar os alunos a aprender a língua boe. Professor Félix Adugoenau, não está sendo passado aos Boe direitos coletivos, para ser Boe individualmente não é, mas sim coletivo, relembramos a complexidade do equilíbrio do mundo binário e não subalterno. Professor Félix Adugoenau, bem viver, não temos valores próprios do Boe Bororo, quando começamos a viver os valores começaremos a viver de outro jeito. Professor Kleiton Owaiga, nós professores somos heranças do positivismo, e hoje é

apresentado a nós várias concepções e daí ficamos em divergência. Professor Gérson Enogureu, em reunião do Programa Mais Educação, disse dar ênfase a cultura e a formação humana, pois é relevante a organização sócio-cultural. Professor Gérson Enogureu, escutatória bororo, os mais novos ouvir os mais velhos. Temos que aprender a ouvir uma pessoa, dar um tempo para assimilar fala do outro. Segundo Freire (1989, p.13) é preciso ouvir o sentir, olhar, gesto, feição e emoção do aluno considerar suas condições para desenvolverem o ensino. Conforme relatamos a gente teve várias experiências e reflexões a partir dos colegas. A gente iniciou com a matemática, em seguida ela foi proposta o numeramento, e por fim a gente teve um desafio de trabalhar com a interculturalidade a partir do curso de licenciatura intercultural via Universidade Federal de Goiás, pelo Núcleo de Formação Professores Indígenas. Primeiro trabalho pedagógico intercultural que tivemos foi sobre trabalhar a estatística, colocamos o nome de boe etuiedagamage, estatística com a cultura bororo. Então partimos do ponto em que os alunos criariam o conhecimento. Então fizemos uma pesquisa na comunidade, infelizmente teve alguns conhecedores que se recusaram, mas esta recusa foi superada por dedicados entrevistados que nos falavam sem receio. Fizemos um levantamento de animais, aves, peixes, por primazia, ou seja, a quem cada um pertence. Em seguida sintetizamos através da porcentagem, a partir de um total, que havíamos levantado, demonstrar a porcentagem de animais, aves e peixes que cada clã têm, mas claro que é uma pesquisa e pode ser refeita. Criamos a divisão em pdf e a gente pensou outras coisas tipo de desenhar, mas pelo fato de estarmos trabalhando com disciplina de matemática, não investimos em desenho. No segundo trabalho, a gente trabalhou com Formas de Tratamento Básico, na cultura boe bororo cada pessoa tem um pronome de tratamento específico, e com o tempo tem perdido esta prática, mas é sinal de muito respeito tratar um ao outro com estes pronomes, então fiz uma pesquisa e colocamos uma árvore genealógica para cada um fazer a sua árvore e poder tratar cada um do outro pelo pronome de tratamento adequado. Estas são experiências que tivemos como professor.

CAPITULO 2. ENTREVISTAS

2.1. ENTREVISTA COM AGOSTINHO EIBAJIWU: UM DOS PRIMEIROS PROFESSORES BOE NA ESCOLA. NARRA O BAKARU DO MILHO.

Da fala de **Agostinho Eibajiwu**, aprendemos que vem do seu lar a prática da fala em bororo. Ele tem amplo conhecimento de bakaru. Ele diz que, na época em que estudou, os bakaru não eram contados na escola, no internato com os missionários. Ele menciona que não tinha aula de bororo, e a língua não era aceita pelos seus pais, que queriam que ele falasse somente o português. Quando foi convocado a ser professor, isso foi feito por uma irmã missionária, e ele trabalhou na Aldeia Garças. Ele participou dos cursos iniciais de formação de professores indígenas. Temos aqui uma pessoa que aprendeu o bororo em casa, que esteve no internato, mas continuou falando bororo.

Qual o seu nome?

Agostinho Eibajiwu

Qual o seu clã?

Iwagudu. Tugarege.

Qual a sua data de nascimento?

1964.

Você nasceu na aldeia de Meruri?

Não, nasci em Jarudori, no município de Poxoreo, mudei para Sangradouro, fui batizado em Sangradouro e depois mudamos para Meruri com 1 (um) ano de idade.

Qual o nome da sua mãe? E o seu clã?

Maria Elza Amia, clã Iwagudu. Tugarege

Sua mae fala/falava Bororo?

Falante de Boe.

Qual o nome de seu pai?

Raimundo Itogoga. Kie. Ecerae.

Sei pai fala/falava Bororo?

Falante de Boe.

Você ouvia a língua Bororo de outros parentes?

Sim. Em casa. Fora de casa também. Dos meus tios e minhas tias.

E seus avós? Nomes? Falavam Bororo?

Avô materno, Cirilo, grande pajé, falante de Bororo.

Você fala a língua Bororo? Como aprendeu? Na escola ou em casa?

Falo. Aprendi com os meus pais. Em casa.

Como era a aldeia quando você era criança? Era muito diferente?

Desde quando conheci a aldeia, está como está hoje, meruri.

Conhece algum Bakaru? qual Bakaru você gosta mais? Quem te contou?

Vários bakarús. Gosta mais do Milho. Meu pai contou.

Pode contar para mim em Bororo?

Não sei.

E agora em português?

Em português. Na história, no mito, dizem que as mulheres, as façanhas das mulheres. As mulheres enganavam as crianças. Indo todas as vezes buscar o milho, aí um dos meninos ao saber, suspeitou tinha algo por trás, aí ele foi junto, chegando lá estava o

milharal todo pronto, todas as vezes elas falavam que não estava pronto, mas estava, aí chegando mostrou para os coleguinhas, os coleguinhas falaram vamos dar para a avó cozinhar. Eles comeram aí cortaram a língua da avó. Aí a avó ficou sem fala. Quando a mãe chegou perguntou para a avó. Ela não falava que estava sem a língua. Ela só indicava mostrando para cima. Aí elas não sabiam o que que era. Aí uma percebeu, viu que os meninos estavam subindo no cipó lá para cima. Aí elas pediam para eles descer mostrava o peito, mas eles não desceram. Eles continuaram subindo. Continuaram subindo aí. Aí elas subiram atrás viram que não iam descer. Aí o mais velho que ia por último ele cortou o cipó. Aí elas caíram para baixo. Umas ficaram penduradas nos galhos, outras caíram dentro da água, outras caíram no seco, assim foi indo. Quem caiu na árvore virou macaco, todos os bichos que andam na árvore. E uns que caíram de coque, são as cutias, as antas que não tem rabo. As que caíram dentro da água viraram jacaré, peixe essas coisas assim. Assim aconteceu.

Os Bakaru eram contados na escola?

Não, nunca.

O que você lembra da vida Boe/ Bororo que era diferente da vida salesiana na escola?

Eu não posso dizer muito bem, porque cresci junto com os Salesianos. Eu não sei a diferença.

Você conhece alguns rituais Bororo? Quais?

Vários. Funeral. Iniciação. Oieigo. Festa da Onça. Cibae Etawado. E por aí vai. Jure, jure é dança coletiva que fazem.

Sobre quando estudou no Internato

Quando você foi para a escola? quantos anos você tinha?

Bem criança, acho que uns 5 (cinco) anos.

Você estudou no internato?

Sim.

Até que idade?

Acho que até os 10 (dez) anos de idade.

Quem foram seus professores?

Padre Osvaldo. Irmã Pedrosa. Irmã Olga. Irmã Aurizena. Irmã Alice. Padre Ochoa. Mestre, Mestre Mário não. Irmã Assunta dava aula de religião. Tinha uma assistente que dava aula para nós, também chamava Maria Abraão.

Lembra de algum/ alguma em especial?

Irmã Pedrosa.

Lembra de alguma aula?

Aula de matemática e português. Tinha mais aulas. Mas não lembro. Não tinha oficina, naquele tempo não tinha não.

Qual professor/a você gostava?

Irmã Pedrosa.

Como era o dia no internato? você dormia lá?

Era tudo regrado, tudo na ordem. Primeiro levantava, o assistente chegava acordava todo mundo 6 horas. Escovava os dentes, tomava banho, juntava roupa suja e levava na lavanderia. Aí chegava, sentava, rezava, aí depois ia tudo de fila para o refeitório. Antes de tomar o café rezava de novo. Era desse jeito. Era muito bom. Depois do café ia molhar horta rapidão questão de minutos. Ia para fila para entrar na sala. Lavava mão. Tinha intervalo brincava. Voltava de novo e ficava até onze horas. Onze e meia nós almoçava. Depois dormi um pouquinho. Aí a uma hora íamos para o estudo, na sala. Sala de estudo. Fazer tarefa. E os que estudava a tarde ia estudar e nós ia trabalhar na horta, carpinar. Quer dizer, a tardezinha nós tínhamos um lazer brincar. Aí ia tomar banho, escovar os dentes, ia para o refeitório jantar, depois

escovar os dentes, aí já preparava para a missa. Acabava a missa, nós iam para o estudo de novo, a noite, daí era todo mundo. Daí quem acabava a tarefa ia embora dormir. Nós tinha horário. Mas quem acabasse antes do horário ia dormir. Não contava bakaru. Não tinha aula de língua bororo, agora que tem. Porque Bororo era uma aula que os Bororo não gostavam não, não queriam que tivesse, os pais não queriam, porque eles queriam igualar, queriam fazer com que a linguagem, fosse uma linguagem única o português acabasse com linguagem bororo, não tinha aula de Bororo. Dormia lá. Tudo tinha horário. Tudo tudo.

Quando voltava para casa?

Voltava nas férias, em julho e no final de ano.

O que você comia?

Tudo. Arroz, feijão, carne, verdura. Nós tinha de tudo.

Sentia saudade de casa?

Não.

O que você gostava no internato?

Brincar. Colegas.

O que você não gostava no internato?

As regras. Tinha bastante. Tinha castigo. Foi castigado na escola sim.

Você aprendeu a escrever e a ler em português?

Sim (uhum). Só em português.

Quais aulas você tinha?

Matemática e português.

Quantas crianças tinha lá?

Acho máximo 100 crianças, acho que uns 200 crianças. Por causa que tinha muito baraedo. Nós éramos pouquinho, acho que uns 20 Bororo. Tinha mais baraedo do que Bororo. Quer dizer no nosso tempo. Agora no tempo desses outros mais velhos acho que tinha mais era Bororo, mas tinha baraedo também. Os meninos e as meninas dormiam separados. Éramos cuidados só por padre, mas tinha aula com irmãs.

Os padres ou irmãs eram bravos?

Quando podiam. Mas eram rígidos, tanto freiras com as meninas. E os padres com nós.

Lembra de alguma história engraçada?

Não.

Lembra de uma historia triste no internato?

Não.

Se você fosse escolher um nome Bororo para a escola de meruri, que nome Bororo você daria para a escola?

Eu não sei.

Você conheceu o Pe. Rodolfo Lukenbein, diretor das missões em Meruri?

Conheci como padre. Ele brincava muito com a gurisada.

Você conheceu o Bororo Simão?

Conheci, nossa era uma boa pessoa, a altura era média. Ele era bem alegre, extrovertido, brincava.

Sobre quando foi professor

Como se tornou professor indigena da escola?

Eu me tornei professor porque quem dava aula não estava capacitada. Assim para dar aula no tempo. Para me testar. A que era a minha professora Irmã Pedrosa fez eu dar aula. Ela viu que eu tinha mais jeito, mais capacidade para dar aula. Eu fui. Nem documento eu tinha. Eu estava trabalhando na roça, quando o padre Bruno na época, com a irmã Pedrosa chamaram. Ela falou bem assim, você ganhou uma cadeira, e eu falei aonde a senhora deixou ele? Ela falou no Estado. Me chamou para fazer os documentos. Porque era muito novo na época. Acho que tinha uns 17 (dezessete) anos. Aí fiz os documentos. Pela primeira vez. Rg e cpf. Foi certo que o meu rg e cpf saíram juntos num só, naquela carteirinha só. Era porque eu acho estava mais preparado do que quem estava anterior. Era a comadre Divina. Aí ela me colocou como professor.

Foi em que ano?

O diretor na época da escola, era o padre Bruno.

Onde trabalhou? Até quando estudou?

Na aldeia Garças. Tinha estudado até a terceira série. Fui escolhido.

Quais materiais você usava em sala de aula?

Lápis, caderno, giz de cera, lápis de cor, borracha, apontador, caneta preto e vermelho, giz, vinha uns cadernos, tinha caderno de escrever, caderno de caligrafia, tinha caderno de matemática também, que tinha uns quadradinho, já vinha um kit. Trabalhava bastante com caligrafia. Não dava aula de Bororo, não precisava.

Quais as cartilhas que ensinava?

Cartilha que vinha no kit do Estado.

Quantas crianças tinham na sala?

Uns 30 (trinta).

Quem eram os padres diretores?

Padre Bruno.

Era uma educação bilíngue, português e Bororo?

Só em Português.

Deu aula até que ano?

Acho que uns 3 (três) anos.

Lembra dos últimos alunos?

Antônio de Jesus, Cristina que faleceu, Madalena, Apolônio, Luiz Gonzaga, Juvenal, Helinho, Lauro, Daniel, Antônio Mário, Adriana, Sandro Kaiowa. Tem um monte.

Como era o currículo diferenciado, específico, intercultural e bilíngue?

Só Português.

Participou da formação?

Duas formação.

1: Medicina Natural. Raízes, folhas e frutos de plantas com suas varias utilidades

2: Educação Escolar e suas mil e umas atividades escolares.

Na aldeia Tapirapé. Foi acompanhado de irmã Otaviana.

2.2. ENTREVISTA COM LEONIDA MARIA AKIRI KURIREUDO. NARRAÇÃO DO BAKARU JUKO RO (Link para o áudio em língua bororo: <https://www.youtube.com/watch?v=LsbJHueQcFU&feature=youtu.be>)

Da fala de **Leonida Maria Akiri Kurireudo**, aprendemos que seus pais eram falantes bororo, e ela aprendeu a língua bororo em casa. Ela contou o bakaru das “ações do macaco”. Ela também comenta que os bakaru não eram contados na escola, e a mesma tem vasto conhecimento sobre rituais. Ela permaneceu interna por pouco tempo, devido aos trabalhos no campo de seus pais. Ela menciona que, numa época, não tinha aula de bororo, já, em outra época, teve aula de bororo, inclusive com o Padre Ochoa. Também comentou sobre a desproporção de número de índios e não índios, significativamente muito diferente. Ela falou sobre o Padre Rodolfo Lukenbein, com todos os detalhes, falou de sua alegria, e de quando precisava de falar com seriedade o fazia. Citou a fatídica data em que houve a chacina em Meruri, no período de comício, em julho. Em seguida, ela fala do Simão Bororo, do clã Bokodori, que falava nas duas línguas português e bororo. A mãe dela sabia bororo, e o pai dela para fazer ela dormir, ele contava o bakaru. Prosseguindo, ela foi questionada sobre uma prática que antigamente se fazia, de reunirem-se a tarde, ao lado do baito, e de contar bakaru, de se planejar, mas ela falou que quem participava era os meninos iniciados e os homens. E com isto ela conclui a entrevista, na íntegra abaixo.

Qual o seu nome?

Leonida Maria Akiri Kurireudo

Qual o seu clã?

Apiborege. Tugarege.

Qual a sua data de nascimento?

11 e abril de 1964.

Você nasceu na aldeia de Meruri?

Sim.

Qual o nome da sua mãe? E o clã dela?

Melania Akiri Kodureudo. Apiborege. Tugarege.

Sua mae fala/falava Bororo?

Falante Boe.

Qual o nome de seu pai? E o clã dele?

José Carlos Iori. Bakoro. Ecerae.

Sei pai fala/falava Bororo?

Falante de Boe.

Você ouvia a língua Bororo de outros parentes?

Sim.

E seus avós? Nomes? Falavam Bororo?

Lembro da avó, Anita Akiri Bareudo.

Você fala a lingua Bororo? Como aprendeu? Na escola ou em casa?

Falo. Em casa.

Como era a aldeia quando você era criança? Era muito diferente?

Não era tão diferente não. Quando nasci já tinha casa de alvenaria.

Conhece algum Bakaru? qual Bakaru a sra, gosta mais? qual? quem te contou?

Conheço um pouco, algum que meu pai contava. Gosta mais de Juko Ro. Meu pai me contou.

Pode contar para mim em Bororo? ***(Link para o áudio :**

<https://www.youtube.com/watch?v=LsbJHueQcFU&feature=youtu.be>

Posso. Agora. Juko Ro

Jure ure parina kududu, kuiada kududu, aroe rakududu

Ure tumaguru iagu kodi

Icare kurugo kodure kuriaie
Akore: iwagedu, iedaga, iedaga, kaiba akodumode?
Imaguru rumode kodire, kuiada kudurogu towuje
U reko imaguruwo, icare nowu kurugorogu akore ikodumode akabo
U! Marigu, icare eture
Icare kodu jii, icare nowu kurugorogu uke boegodure ji, dure ure nowu kuiada kudu,
kowuje, kowuje
Ica juko jokugudugodure
Icare akore iwagedu, iwagedu, akaba page kuiada kudurogu ae ko
Mearutorukare ure kowuje, kowuje, rugadu ica
Care roro gugu je rugadu ca
Juko makore ji pugeje
Iwagedu, iwagedu, akaba page kuiada kudurogu ae ko
Amode ae ko du kejere amode akoedo ju ju je
Pago ikaji ca amode porodo
Icare pobo umode turedo to
Ca pawogamode poboto
Ca karo umode akowuje
Koge umode akowuje
Imi rema umodukare ikowuje
Imode ikana bu taci koja kajeje
Imode bito
Ca nowu iwagedu mearutorukare rugadu
Ure kowuje, ure ae ko, ca aregodure nowu ikaji pugeje ju ju ju ju ca
Ure ika porodo rugadu
Pobore turemo joooo
Ca nowu ika korobadure pobo tabo ca
Ure okware poboto rugadu
Nowu ika okware poboto ca
Ewogare poboto ca
Nowu kurugorogu padure tu pobo awugeje

Koge kodure ae rugadu ure rogu kowuje taci
Ca nowu juko koge kodure ae rugadu
Ure tugera bu taci koja poro kajeje toku je ca
Tudawuge tabo toro kugaru kae
Ca care ure kabi no no
Du kaere care
Adugo aregodure
Adugo kodure ji ae
Akore o iedaga awaidigiri radu
Awaidigiri radu kogeje
Are koge bito
U! Ire koge bito ca
Ca jerigi ako ako ako no no
Icare akore itaidure iwo ia rogu akabo
Adugo akore jukoji
Ca juko akore u arego toro ia
Aregu toro jiwu joru kae
Pawo jorugo, pawo page, koge kodudo
Pawo bu joru keje
Ca nowu adugo kodu toro
Mare ure jikiri pagadu, nowu meri joku kae
Meri joku, padure tu boe awu to
Nowu urugu kaere ure utudo toro
Care ure tigrimi mato tuiurodukae joruji
Akore o o kocare joru pado rice aerudure
Kado mugu toro rugadu arego rugadu
Kodo toro icare aregodure mato pugeje
Boe kimo iorudukare joruji, akore o o atukare jii toro, kodi arego rugadu jii toro kado
marice
Ica akedugodure ca nowu adugo rekodure rugadu

Ca ema ure tuioru towuje rugadu ure kodudo, ure nowu tuge,koge kodudo, ca ure ko ure nowu ra rogu bu tumegi, ca care rekodure ruture ia iito
Ia iito ruture ji toro ao kae ca ca nowu tuiedaga aregodu mato, ca jordure nowu tumeduia, uke boe ra roguji, akore m m m imode akowuje.
Imode awido jamedu, are ake boe ra rogu mugudo tu ikeje, mare kajao icare aiwore bogai. Aiwore bogai an an an jordukare ji a care akore, mare imode Bakuru butudo akana metugodumode.
Awudumode kaja, imode akowuje rugadu ca ca ure bakuru butudo, Bakuru akore vs vs vs. Boe boe i iparuru boeji ca care nowu juko.
Kana rogu kugudugodure ca ca akore a imugure woe, imugure woe.
Ca mugure nono kuda akore ca inagore imode akowuje, akore u, mare aiabari kuricigodo aia barido rugadu.
Iwudumode toro aiagi akaba akoedo ii, imode koraci, toro akorito, a ca nowu adugo, ure tuiabarido rugadu ca nowu juko kodu mato jo jo jo ure remo toko je.
Mare nowu juko, ure tuberiga rogu, tariga rogu, beriga, tuberiga, rakudu mugure upo keje, du ca mugure toro nowu adugo kurito, du kejere icare ure nowu adugo kuri bawuji pudui.
Meture toro kurito du kodi rado ure kuri bowuje toku je pudui ca ca ca nowu adugo bire emaretudo.
Ca care ure tugeragu, nowu biri rogu boeji, ure tujanagajewu, tugeraparu gajewu, taugajewu do nowu birice. Aino.
Narração: Leonida Akiri Kurireudo
Transcrição: Adelina Ikuietaga

E agora em português?

Posso contar em português ou em bororo de qualquer jeito.

Ações do macaco

O macaco fez farinha de mandioca, ou farinha de milho, talvez seja de arroz

porque ele ia acampar na beira do rio para pescar e caçar

Então o preazinho veio até ele

Ele disse iedaga, iedaga, onde você está indo?

Eu vou acampar por isso que eu fiz farinha de milho
Então esse preazinho falou, eu vou com você
Sim ,vamos, então foram
Então, eles andaram bastante, então então o prezinho sentiu fome daí começou a comer a
farinha de milho sem parar
Então o macaco se assustou
Então disse iwagedu, iwagedu, não coma toda a nossa farinha de milho
Ele não obedeceu e comia mesmo
Então a farinha de milho começou a diminuir muito rápido
Então o macaco voltou a falar com ele
Iwagedu, iwagedu não coma toda a nossa farinha de milho
Você vai comer toda a nossa farinha de milho daí vai começar roer
A nossa canoa vai furar
Daí a água vai entrar dentro
Daí nós vamos afogar
Então peixe vai te comer
Dourado vai te comer
E eu ele não vai me comer
Eu vou enfiar minha mão na guelra dele
Eu vou matar dele
Então o seu iwagedu não obedeceu mesmo
Comeu tudo, começou a roer a canoa mesmo
Então furou a canoa mesmo
Então a água entrou na canoa joooo
Então a canoa encheu-se de água
Então afundou mesmo na água
A canoa sumiu na água
Afogaram afogaram na água então
O preazinho ficou por cima da água
Então o dourado aproximou-se dele e comeu ele
Então o dourado aproximou-se do macaco

Então o macaco enfiou a mão na guelra e tirou
Saiu com ele da água para o seco
Então ele lavou ele aí
Nesse momento então
Chegou a onça se aproximou do macaco
Ele disse hou você teve sorte
Você teve sorte com dourado
Você matou Dourado
O macaco disse sim eu matei
Então ele juntou lenha aí
Então a onça disse eu quero comer com você
A onça falou para o macaco
Sim então busque fogo para nós
Corre lá naquele fogo
Para acendermos o fogo, para assar o nosso dourado
Para pôr no fogo
Então a onça foi
Então o macaco estava enganando a onça no rumo da luz do pôr do sol
A luz estava lá entre as árvores
Nessa luz do sol que o macaco estava mandando a onça ir
Então ele voltou e disse que não viu fogo
O macaco disse você não viu?
Olha ele está lá, corra muito
Então ele foi e voltou de novo
Não vi mesmo fogo, hou porque você não foi muito longe
Então o fogo está pagando, então a onça correu mesmo
Então ele fez o seu fogo, ele assou o dourado, ele comeu dourado e foi deixando o ossinho de
lado, então ele correu e subiu numa árvore
O macaco subiu na ponta de uma árvore bem no alto, daí o seu iedaga chegou de volta, então
ele viu que o seu companheiro, havia comido o dourado e deixado os ossinhos, daí ele disse
m m m eu te comerei

**Eu vou te matar, você deixou para mim só ossinhos então a onça começou a procurar
A onça procurou, procurou, m m m não viu ele, então vou fazer ventar bastante até seu braço cansar**

**Daí você vai cair e eu vou te comer mesmo, então ele fez ventar muito que o vento assobiava
vu vu vu as árvores balançavam bastante**

Então o braço do macaco começou a cansar então ele gritou eu estou aqui eu estou aqui

**Então ele estava embaixo do macaco então a onça disse eu falei eu vou te comer o macaco
falou sim, mas abre bem grande sua boca**

**Eu vou cair dentro da sua boca não me morda deixa eu entrar de uma vez na sua barriga
então a onça abriu boca bem grande mesmo então esse macaco caiu mesmo Ele engoliu
macaco por inteiro**

**Então o macaco tinha um tipo de faca, tipo de faquinha, em sua cintura e quando estava na
barriga da onça, então ele cortou a barriga da onça sobre si.**

**porque ele estava dentro da barriga da onça, por isso cortou a barriga da onça, e matou a
onça e saiu de dentro da onça**

**Então ele pegou couro da onça fez adornos tradicionais, para braço, para pulso, para cabeça
assim.**

Narração: Leonida Akiri Kurireudo

Tradução: Adelina Ikuietaga

Transcrição: Adelina Ikuietaga

Os Bakaru eram contados na escola?

Não.

Você conhece alguns rituais Bororo? Quais?

**Ioruduiware só boe etore kiedodo, boe pegareu funeral ji, funeral joruduiware
biagatu je, boe etore ekie nono jamedu, emode boe etore kiedo ioruduiware.**

Sobre quando estudou no Internato

Quando você foi para a escola? quantos anos você tinha?

Eu tinha 12 ou 13 anos, 14 por aí.

Você estudou no internato?

Sim.

Até que idade?

Eu fiquei muito tempo não. Era só porque os meus pais trabalhavam na roça, era longe, eu não podia ir. Para não perder aula eu fiquei internada, mas por pouco tempo. Talvez um ano só.

Quem foram seus professores?

Eram salesianos mesmo. Tinha as irmãs e tinha padres. Irmã Maria Ponte. Padre Osvaldo. Mestre Inácio. Padre Ochoa de língua bororo dava aula. Padre Arnaldo Kaneko dava aula de religião. Irmã Ida. Irmã Olga. Irmã Margarida dava bordado. Irmã Assunta dava aula de corte e costura.

Lembra de algum/ alguma em especial?

Eu gostava de todas as aulas. Irmã Aparecido Zeferino e Irmã Pedrosa.

Lembra de alguma aula?

Língua bororo, aula de religião, aula de bordado, corte e costura, ginástica.

Qual professor/a você gostava?

Irmã Aparecido Zeferino fazia a gente cantar, fazer teatro, aí eu gostava muito dela, ela ensinava a gente bem. Irmã Pedrosa eu gostava porque ela era professora de ginástica. Eu achava bom, gostava muito.

Como era o dia no internato? você dormia lá?

Eu dormi lá. Acordava 6 horas, 6 e meia, limpava os olhos, banhava, tomar café da manhã, oração. Oração primeiro depois café da manhã. Aí era atividades de trabalhar, limpar, varrer varanda, lavar roupa, aí tinha aula também, de manhã

tinha aula para alguns, aí tinha para tarde também, aí tinha a gente fala vespertino, matutino. Enquanto uns estava na aula. Outros estavam trabalhando. Tinha tudo, também fazer as tarefas. Aí tinha merenda as 9horas. Aí acabava, entrava de novo. Aí terminava tinha almoço. Aí tinha recreio. Recreio um pouquinho só. Estudar. Trabalhar. Quem estudava na parte da manhã a tarde trabalhava, aí quem estudava na parte da tarde de cedo que trabalhava. Limpar varanda. Limpar as coisas. Lavava roupa. Toda noite tinha missa. Depois da missa jantar. Depois da janta estudar mais um pouco, fazia as tarefas e ia dormir. Assim que era.

Quando voltava para casa?

Todos os fins de semana ia para casa. Ficava até domingo. Domingo a noite ia para lá. Porque os meus pais chegam no sábado, aí iam embora na segunda. Como nós éramos externos daqui mesmo, nós tinha de dormir na casa, com os pais. Aí também tinha as férias, como tanto para os indígenas e os não indígenas também. Em julho e dezembro. Sempre tinha.

O que você comia?

A gente comia quase todas as coisas. Arroz, feijão, batata, banana frita, carne de porco, carne de vaca, batata aquele de saioaba, cará, mandioca, era variado. Cardápio.

Sentia saudade de casa?

Eu chorava muito, custei acostumar, porque dormia junto com meu pai, minha mãe, aí ficava muito triste, caía da cama, para mim era tudo diferente, para mim estudar eu tinha que ficar, porque se eu fosse para o mato eu não ia estudar

O que você gostava no internato?

Gostava de várias coisas. Gostava de trabalhar. Gostava de bordar.

E o que você não gostava no internato?

Da aula que eu não gostava não.

Você aprendeu a escrever e a ler em português?

Sim.

Quais aulas você tinha?

Religião, matemática, português, bororo naquele tempo de internato não tinha, depois teve aula em Bororo com Padre Ochoa. Tinha assim aula de dança. Dança cultural mesmo com irmã Pedrosa, irmã Zeferino. Todas as quintas feiras, na parte da manhã quem estudava de manhã, na parte da tarde quem estudava à tarde. Sempre tinha um professor. Para dar aula. E também tinha ginástica. Quando tinha alguma festa, a irmã ensaiava uma marcha, para o dia 7 de setembro, sempre a irmã Pedrosa arranjava umas coisas para a gente fazer, treinar.

Quantas crianças tinha lá?

Devia ter umas 200 (duzentas) crianças, tudo misturado. Tinha mais barredo do que bororo. Muito pouco bororo para estudar.

Os padres ou irmãos eram bravos?

Não, eu não achava nenhum padre bravo não. Nós tinha diretor. Os professores, depois tinha diretor. Qualquer coisa diretor. Lembro do diretor Padre Rodolfo. Ele gostava muito, brincava muito com as crianças, com nós, mas para chamar atenção ele chamava. Chamava atenção. Sempre dava bom dia, boa noite para nós também. Ele falava muito. Mas que a gente via ele brincando com a gente, brincava muito com nós, judiava muito de nós, ele brincava bem duro com nós, não só com as crianças com os velhos com todo mundo, ele era muito brincalhão, só que na hora de falar, ele falava sério também, quando for de chamar atenção, alguma coisa, conversar, dar conselho, ele falava sério mesmo. Quem era bravinho mesmo era o Padre Ochoa.

Lembra de alguma história engraçada?

Eu lembro das histórias que a gente assim, nós era indígena, nós não sabia muito xingar, nós não sabia xingamento, e os não indígenas xingava, eles xingava diabo, nós não sabia o que era diabo, nós não xingava estes xingamentos pesado. Que sempre

nós arrancava a sobancelha, e eles falava de nós de olho de cobra, aí nós fomos aprendendo, aí nós fomos começando xingar também, olho de coruja, eles falava que nós fedia bandeira, e nós falava que eles fedia gambá, assim, engraçado, muito engraçado.

Lembra de uma história triste no internato?

Eu, eu não.

Se você fosse escolher um nome Bororo para a escola de meruri, que nome Bororo você daria para a escola?

Ioruduiwakare rugadu. Eu também não tenho não.

Você conheceu o Pe. Rodolfo Lukenbein, diretor das missões em Meruri?

Eu conheci Padre Rodolfo, quando estava estudando ele era diretor. Ele era uma pessoa muito alegre. Na hora de chamar atenção ele chamava. Na hora de dar conselho ele dava. Na hora de falar ele falava. Era uma pessoa muito alegre, brincava com as crianças, com os velhos, com qualquer um, brincava muito mesmo, ele era jovem forte sadio, brincava muito, mas ao mesmo tempo ele era duro para dar conselho, chamar atenção das coisas erradas que fazia, era muito bom o jeito que conheci. Eu lembrou um pouco porque eu já tinha 12 (doze) anos, estava nas férias, não tinha mais branco, foi no tempo da medição, os bororos e agrônomo plantel que falava, estava fazendo demarcação da reserva nossa, nosso território, foi neste tempo aí, que talvez eles os fazendeiros ficaram com muita raiva, foi num dia que a gente estava esperando um comício, de um homem chamado Luiz Santos, ele era candidato a prefeito de general carneiro, então aí ele vinha no dia 15 (quinze) de julho para fazer comício, trazer balinha, trazer as coisas, enquanto os homens estavam para medição, aqui estava só as crianças e as mulheres, aqui também tinha umas moças de Corumbá também, umas jovens que estavam aqui em Meruri, aí então, nós ia assim, como se fosse uma aula nos tinha, ia cedo e voltava só de tarde, entrava na escola cedo e saía só de tarde, ficava o tempo com as 3 (três) meninas de Corumbá, jovens moças que vieram, elas acompanhavam nós, dava aula, alguma coisa, brincava, levava nós para

tomar banho no tanque. E neste dia 15 (quinze) que nós estávamos esperando comício, chegou vários carros, mas Padre Rodolfo não estava, estava trabalhando lá no mondrongo, aí nós ficamos todos alegres, porque nós sabia que ia chegar um candidato para dar balinha, dar as coisas, aí todo mundo ficou alegre, foi trocando de roupa, saindo do tanque, nós estávamos tomando banho, aí que nós fomos lá para a escola de novo. Para estudar. Quando a gente viu que chegou muito carro. Aí quando nós passamos em frente ao refeitório da Missão Salesiana que era secretaria dos Padres, a gente viu umas coisas que não estava dando muito certo, que só estava Padre Ochoa lá com esses baraedoge, e eles estava mandando chapéu assim na cabeça de Padre Ochoa, como nós era maiorzinha, nós entendemos que não era coisa boa, eles estavam insultando, e a gente já sabia de alguma coisa, que tinha conversa, eles sempre viam para fazer reunião com padre, chegar a um acordo, e padre já estava fazendo acordo com eles, para quando fosse deles sair, para fazer indenização alguma coisa, ele estava correndo atrás disso, mas aí não deu certo porque eles partiram para a ignorância, e mataram, mas ele estava, ele ia para Brasília, ele ia atrás destas coisas para indenizar estes fazendeiros que estavam dentro da reserva, que ele era bom entendedor, aí nós entramos para lá, para o colégio com as meninas, lá para o colégio das irmãs, aí nós encontramos o nosso bororo finado Simão, estava lá trabalhando, aí nós falemos com ele o que estava acontecendo, para cá, tem baraedo pegareu lá, está mandando chapéu ne Padre Ochoa, aí ele lavou as mãos, que estavam sujas de cimento, ele veio para cá, mas aí o Padre Rodolfo já tinha chegado, aí na hora que nós saímos para cá, as mulheres estavam todas descendo, porque não tinha homem, tinha só as mulheres, aí a gente já viu que finado Padre Rodolfo já tinha chegado, nem sei se ele tomou água, que ele estava sujo, suado, aí nós estava olhando eles conversando. Eles conversaram, saíram, despediram, depois voltaram de novo, aí que aconteceu aquela bagunça. Muito tiro, nós corremos. Pois é, foi assim.

Você conheceu o Bororo Simão?

Sim, conheci ele. Ele era Bokodori. Ele era de estatura médio. Ele falava em bororo e em português. Ele trabalhou muito para fora. Ele trabalhou em vários lugares. Depois ele veio, já era um homem vivido já. Ele gostava muito de brincar com as crianças.

Nós ficava brincando com ele. Contava história. Contava uma coisa. Fazia aquele o que é que não é. Ele fazia, nós gostava de brincar com ele. Ele sempre alguém pedia ajuda para ele pegar remédio do mato, aí ele sempre pegava. Ele era uma pessoa muito boa. Minha mãe diz que ele foi casado, mas não me lembro, quando conheci ele não era, já não tinha mulher. Ele era solteiro, mas era um homem muito bom, muito católico.

O sino

A gente limpava farinha, limpava arroz, era num locomóvel, aí ele que era o sino, ele tinha um barulho muito forte, que você escutava daqui até lá no Bokeirão, bem longe, mas a hora que eles ligavam ele, mas era um barulho mesmo.

Tinha Alguma coisa que chamava “carneirinho:?”

Eu nunca vi não. Eu sei que tinha, eu lembro que tinha no Garças, carneirinho, bomba, eles falavam de uma coisa que bombeava água, tinha bomba passava para o carneirinho e ele soltava. Era uma máquina. Lá no Garças que eu vi.

Naquele Bethânia tinha alguma coisa lá?

Lá que era, os Bororo falavam *meriri ku paru*, telégrafo, casa do telegrafista. Não cheguei de conhecer. Depois que foi Bethânia, eu não sei porque que era Bethânia.

Então a mãe da senhora contava história para a senhora? Os *bakaru*?

Não, a minha mãe não contava não, minha mãe falava bem em bororo, mas nunca contou

Só o seu pai?

Só meu pai, ele toda noite, é que na hora que ele não estava trabalhando, aí a gente deitava, aí ele contava, eu pedia pai conta história para mim dormir, aí ele contava, um bakaru na língua mesmo, porque antigamente a gente ficava mais unido, ninguém não tinha preocupação com telefone celular, essas coisas, aí, então, todo mundo, quando escurecia, todo mundo ficava junto com os pais, com o povo, cada um contava

uma história, conversava, tinha muito diálogo entre a família, as experiências, os serviços que vai ter, como que tem que fazer, como vai caçar, pescar, esperar, aí essa hora todo mundo juntava e falava as suas experiências.

E aquela atividade, que eles falaram de colocar esteira do lado do *baito*? E ficava lá conversando. É só com menino ou tinha menina?

Não, só menino, só os iniciados, todas as aldeias tinha isto. A tarde lá pelas 4 horas juntava todos os homens lá no *baito*, quando tem *baito*, os homens solteiros que não tinha mulher que não tinha casa, tudo morava no *baito* mesmo, os homens solteiros, morava lá dentro. Aí quando entardecia vinha a tarde, todos os homens, os anciãos, os chefes, tudo ajuntava lá, para conversar, para discutir que que vai ter, canto para pesca, canto para caça, ou vai fazer um, quando tem funeral, eles senta para fazer uma atividade fúnebre, as apresentações que tem sempre no funeral, aí eles vê como que vai fazer, quem vai pegar esse, quem vai pegar aquilo, quem vai pegar broto, quem vai pegar, fazendo, tem que conversar muito, só os homens fica lá até as 9 (nove), as 10 horas aí cada um vai para a sua casa, aí os outros que dormem lá, dormem lá mesmo ou senão, quando algum mata um bicho, algum peixe, aí cozinha lá, aí os homens comem lá, bebem caldo, lá no *bai baiado* mesmo, agora quando tem funeral nem tanto, tem mais essas coisas canto, essas coisa caça, pesca, fazer as apresentações fúnebres ali. Aí que eu sei.

2.3. ENTREVISTA COM PROFESSOR, PARTICIPANTE DO CONGRESSO AMERÍNDIA, GÉRSON MÁRIO ENOGUREU. NARRA O BAKARU DE TORI E KADO

Da fala de **Gérson Mário Enogureu**, ele conta que sua mãe fala um pouco em bororo, recordou que ela foi aluna interna, e o seu falecido pai falava em bororo. Ele ouvia muito os seus avós falarem em bororo. Conta que aprendeu um pouco a língua com a avó, e um incetivo foi dado durante o Projeto Tucum, do qual ele se enturmou com os bororo de outra aldeia, cuja relação com a língua é diferente. Mas ajudou muito ele a aprender bororo. O mesmo tem apreço pelo bakaru de taquara e pedra, ele contou na língua. Os bakaru não eram contados em sua vida escolar, as professoras eram as freiras. Ele conhece vários rituais. Ele estudou a oitava série, daí ele foi substituir uma professora que tinha ficado de licença maternidade, e atuou em Meruri. Depois foi trabalhar como professor em Aldeia Garças, e lá encontrou o diferenciado, por conta de que as aulas se expandiam no campo, além das quatro paredes. O currículo em Aldeia Garças era diferenciado pelo calendário, não acompanhavam o calendário civil, como feriados. Quanto ao nome da escola de Meruri ele ficou na dúvida entre dois nomes, um era a tradução da palavra “escola” e o outro nome uma homenagem ao Uke Uwagu, um dos bororo que encontrou os padres. Ele participou da conferência ameríndia em 1997.

Qual o seu nome?

Gérson Mário Enogureu

Qual o seu clã?

Sou da Metade exogâmica dos Tugarege meu Clã é Apiborege

Qual a sua data de nascimento?

Eu nasci no dia 09 de abril de 1975, minha tia Leonida fala que eu nasci no dia 10, mas no documento está dia 09.

Você nasceu na aldeia de Meruri?

Eu nasci no Meruri mesmo.

Qual o nome da sua mãe? E o seu clã?

Maria Aparecida Iedaredo o clã dela é Apiboregedo.

Sua mae fala/falava Bororo?

Ela fala um pouco na língua Bororo, mais entende do que fala, fala pouco.

Qual o nome de seu pai?

Landrico Rodrigues Adugoenau

Sei pai fala/falava Bororo?

Ele falava em Bororo sim, mas eram poucas vezes que ele falava

Você ouvia a língua Bororo de outros parentes?

Eu escutava sim, os Bororo Boedoge daqui de Meruri falando na língua, quando eu era criança, escutava mais era da minha avó, minha avó falava muito na língua.

Você fala a língua Bororo? Como aprendeu? Na escola ou em casa?

Eu falo um pouco sim na língua bororo, eu não falo muito não, mas compreendo do que falo, mas eu falo sim um pouco em bororo, na língua bororo, na língua dos nossos antepassados, na verdade, nós mesmos, nós nem praticamos mais a língua. Eu aprendi, eu aprendi, com a minha avó pouca coisa falar, aí a maioria das coisas aprendi com os meus colegas do projeto Tucum, eu via eles conversar muito na lingua, na lingua indigena, aí eu comecei a interessar também, com isso interessei e estou falando um pouco.

Conhece algum Bakarú? qual Bakarú você gosta mais?

Sim conheço, eu conheço alguns Bakarú, de todos os Bakarú, na verdade eu gosto de todos, mas o que mais eu gosto de comentar, é um Bakarú bem curtinho, de Tori e Kado, eles estavam discutindo, conversando, para ver quem que ia cuidar dos Bororo, os Boedoge poque não tinha ninguém para cuidar dos Bororo, então o Bakarú diz.

Pode contar para mim em Bororo?

Marigudu Boe egore, Tori mare Kado etaiduie tu boedogeie, egoie pui, imire ietumode boedogeie, aino Tori akore. Mare nowu Kado, jorudu pemegakare, du tabore akore ji. Boro imire ietumode boedogeie. Icare Tori boe korie ji, makoie Kado bataruji pagi. Akoie imire ietumode boedogeie rugadu. Ietumodei edurumode, ewimodukare, emodu nono ire, aki rema karega, awire, atumodei ewimode jamedu. Icare Kado akoie, uuu ewire rugadu, mare iewodumode pugeje, iewodumode inogu boe tabo aino. Aino boe emode jamedu. Ewimode mare eiewodumode pugeje toredogebo. Kodi icare Kadore jeture boedogeie, aino. O kocare care are ido Kado bataruje rugadu.

Os Bakaru eram contados na escola?

Falava se pouco Bakaru na escola, porque tinha um pouco de professoras mulheres, e a maioria das professoras eram irmãs freiras, elas que davam aula para nós.

Você conhece alguns rituais Bororo? Quais?

Eu conheço vários rituais Bororo, conheço vários rituais dos Boedoge, boe eiedodo, kare paru, aroe mugu, barege paru, conheço, eu conheço, mas eu não sei praticar eles ainda.

Sobre o início do Magistério

Como se tornou professor indígena da escola?

Eu estudei até a 8 série para dar aula, quando terminei a 8 série aí que eu fui dar aula. Eu me tornei professor, foi quando a minha colega Maria Trindade, ela foi pegar linceça maternidade, com Geovani (filho dela), na época era no final do segundo semestre, aí eu comecei dar aula, acho que era para os prezinhos, aí eu lembro que eu dei aula no lugar dela, foi só a metade de um ano. no segundo semestre.

Foi em que ano?

Na época quem era diretor o Padre Teodoro.

Quais materiais você usava em sala de aula?

Quando eu fui professor eu usava mais era, usava muito livros e na época também tinha cartilha

Dava aula de língua Bororo?

Eu dava aula sim em Bororo, mas só quee um pouco diferente do que dou hoje, se for de mim dar aula em Bororo, vou dar aula um pouco diferente, antes eu fazia mais tradução de palavras, agora hoje eu faço tradução de frases e outras coisinhas a mais.

Era uma educação bilingue, português e Bororo?

As aulas eram diferenciadas sim, as aulas eram diferenciadas, quando comecei a trabalhar mesmo, quando fui contratado mesmo, no primeiro momento eu fui ser substituto, substituto da Maria Trindade, aí quando eu fui, fui ser professor mesmo, na Aldeia Garças, aí lá a aula era diferente, em qualquer lugar que a gente ia, eu ensinava um pouco os alunos, por exemplo, nós ia para o rio, aí ensinava para eles, um pouco sobre peixe, a gente começava a falar os nomes dos peixes na língua, nome do rio, das margens, das árvores que a gente encontrava, a gente, na estrada a gente via formiga, aí começava a falar sobre a organização das formigas, como que eles se organizam.

Lembra dos primeiros alunos?

Quando fui dar aula no lugar de Maria Trindade, lembro bem do Altair, que gostava de brincar com ele, então lembro bem dele e outros que eram da idade dele. Aí quando eu fui para a Adeia Garças, foi os filhos da Pedrosa e outros dali do Garças mesmo, Marciano, Bala e outros que tinham lá.

Como era o currículo diferenciado, específico, intercultural e bilíngue?

O currículo era diferenciado sim, desde as datas, as datas comemorativas, aí a gente colocava outra data que não tinha nada haver com a nossa escola, por exemplo lá no Garças, lá não tinha carnaval, lá nós não fazia Natal, Páscoa todas as datas do catolicismo, a gente tirava, as datas cívicas também tirava, aí a gente, quando dava aula lá, a gente emendava tudo, para aproveitar o período, porque causa lá também

quando o pessoal bebia, a gente ficava um punhado de tempo sem dar aula, por causa de que os alunos iam para a escola, sabendo que o pai ou a mãe estava bebendo em casa, eles ficavam preocupados, querendo voltar logo, aí então não dava para dar aula para eles desse jeito, então aí quando, a gente tirava as datas cívicas, a gente emendava tudo para compensar esses dias que a gente ficou parado, e quando tinha funeral, lá não tinha aula também não, a gente não podia rir alto, não podia falar muito alto, era tudo com respeito, agora nãoom agora está bem diferente, mais diferente, quase não se respeita Aroedoge, então é isso.

Se fosse sugerir um nome para a escola em Bororo como seria?

Acho que, acho que fiquei dividido aqui, fiquei dividido, primeiro *Boe eruduiwadodo bai*, casa aonde se aprende, aí outro lado olhando pela história, daria como o nome de *Uke Wagu*, fiquei na dúvida entre esses dois, mas um desses dois seriam. Uke Wagu foi que por causa dele que nós viemos para cá, se não nós teríamos ido para outro lugar com grande chefe, por aí. Agora por causa de Uke Wagu, que nós paremos juntos com a Missão Salesiana

Participação na Conferência Ameríndia em 1997

Participou da Conferência Ameríndia em 1997 na cidade de Cuiabá?

Eu participei sim da Conferência Ameríndia em 1997.

Quem foi com você?

Quem foi comigo foi Teodoro, Osvaldo, Maurício, Félix, finado Helinho, das mulheres eram Sandra, Elizabeth, Trindade, Aurea, finada Laura e Rosângela.

Como foi a ida?

Nós fomos para lá que nós recebemos passagem, acho que era da Cimi, nós ganhamos passagem da Cimi, aí nós ganhamos também ajuda de custo, para nós comer alguma coisa na viagem, aí então, parece que era 30 reais, na época era muita coisa, aí nós ganhamos passagem, a passagem era da linha de ônibus de linha, aí depois a organização iria pegar nós na rodoviária.

Quem conduziu lá os trabalhos?

Eu lembro da abertura, estava o Governador e também o Secretário de Educação, aí também estava na mesa o pessoal indígena de outros países, aí eles contavam a experiência deles

2.4. ENTREVISTA COM PROFESSOR PARTICIPANTE DO CONGRESSO AMERÍNDIA MARCOS LOPES LEANDRO BOROCEREU

Da entrevista de **Marcos Lopes Leandro Borocereu**, sabemos que seus pais e meus pais eram falantes de boe ewadaru. Viveu com os pais e os avós, que ensinamos os seus ouvidos a ouvir bororo e a se aproximar da prática de linguagem. Através dos encontros indígenas, ele passou a praticar a língua bororo. No início do seus trabalhos, ele utilizou os materiais desenvolvidos pelos salesianos na língua bororo. Participou da conferência ameríndia, e debateu as práticas pedagógicas em escolas indígenas, currículos indígenas, reconhecimento e fortalecimento da escola indígena. As parcerias foram do governo estadual e Funai. Não pensou um novo nome para a escola, mas ele vê o compromisso com olhar indígena que serve para definir um nome em bororo para a escola em Meruri.

Marcos Lopes Leandro Borocereu, nascido em Meruri, hospital de Meruri, hoje chamado de posto de Saúde. Meu pai, Euclides Leandro da Silva Aroe Ereia e mãe Rosita Georgina Lopes Kixebado, ambos falantes da Língua Boe Ewadaru.

Vivi minha infância entre meus pais e avós, com estes aprendi a ouvir a história dos Boe e seus bakaru na Língua Boe Ewadaru, o que me aproximou muito das Práticas Linguísticas. Com os encontros indígenas, passei a praticar a língua falada, a oralidade da nossa língua. Nos primeiros anos de professor, a partir de 1997, trabalhei a referida Língua Bororo pelas apostilas construídas pelos Salesianos, que também eram os diretores e coordenadores da época, funcionando em regime seriado, inicialmente apenas os primeiros anos do Ensino Fundamental. Os diretores foram Pe. Theodor Neuhausler, Pe. Josef Winkler, Pe. Francisco Lima, Pe. Eloir Inácio de Oliveira, coordenadores, Me. Mário Bordignon, Ir. Otaviana, Pedro Borges Pereira, voluntária Rosângela, cujo nome está incompleto por não lembrarmos.

Particpei da Ameríndia, conferência que debateu as práticas pedagógicas em escolas indígenas, debates sobre orientações curriculares para as escolas indígenas, construção, reconhecimento e fortalecimento da educação escolar indígena. Tivemos dentre outros a parceria da Funai e Seduc para traslado, alimentação e hospedagem na cidade de Cuiabá-MT, Hotel Fazenda Mato Grosso.

Nossas aulas funcionavam através das disciplinas Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Estudos Sociais, Ensino Religioso, Práticas Agrícolas e do Lar.

Não pensamos em um nome para escola, contudo nos novos tempos em que vivemos, temos um compromisso em cuidar da escola pelo olhar indígena, e nisso fica a incumbência em definir um nome para a nossa escola.

PARTE II. EDUCACIONAL

CAPÍTULO 3. PANORAMA HISTÓRICO-CULTURAL DA EDUCAÇÃO BORORO EM MERURI.

Esse capítulo apresenta uma breve reflexão a respeito de minha pesquisa de mestrado, que apresenta um panorama histórico-cultural da educação bororo, antes e depois da chegada dos salesianos na região de Meruri, em Mato Grosso, e suas implicações a respeito da educação bororo.

Logo na chegada, demorou um pouco o contato pelo fato de que os Bororo, por ser um povo muito astucioso, não fizeram o contato logo, e houve uma preliminar feita através de sonhos. De início, fizeram contato com os líderes, e, após um certo período de tempo, é que voltaram a contatar já com os demais membros Bororo. É nítido que houve forte mudanças por parte dos conflitos territoriais, tratando-se de invasão por parte do não índio. Mas nesse segundo momento, o internato deixa de atender os não-índio, ficando somente os Bororo, fazendo assim fortalecer o ser Bororo. A abertura para o ensino escolar de Bororo para Bororo, acentua que a educação Bororo é corporal e baseada na oralidade. Segundo Adugoenau (2015, p. 57), a educação do corpo ocorre não somente pelas palavras, mas pela observação e técnica também. Estes fatores, mesmo sendo conduzidos por missionários dedicados, faz com que o Bororo ensinando para si mesmo como grupo o aprendizado tenha mais retorno.

Histórico do contato

No ano de 1902, os Missionários Salesianos foram até Tacho (Tori Po), e o contato só não foi um desastre porque, além do bari (xamã dos espíritos) tê-los advertido que os missionários eram pessoas de bem, Padre Balzola pode conversar com os Boe na própria língua. Formou-se uma nova aldeia denominada Colônia Sagrado Coração de Jesus, com 20 casas distribuídas sob a forma de um quadrado em cujo centro se construiu a tradicional casa dos homens, abrigando 140 índios.

Em 1904, os Salesianos fundaram a Colônia Imaculada próximo ao rio Garças e, em 1905, a Colônia São José, próxima ao rio Sangradouro. Em 1923, a Colônia Imaculada foi abandonada devido a uma epidemia e a Colônia Sagrado Coração de Jesus mudou-se para o Meruri, lugar onde

as águas eram abundantes e onde se concentra, até os dias de hoje, a ação dos Salesianos junto ao Boe de Mato Grosso.

Um estranhamento cultural marca esta primeira metade do século. Era difícil para a moral católica da época, perceber a naturalidade que emanava daqueles corpos sem roupa, coloridos e ágeis, associados à natureza na reverência à vida ou na celebração da morte. Da mesma forma, era difícil para os Boe abandonarem seus hábitos e crenças em função de outros valores que até então não sabiam existir.

Assim, os cantos, as danças, a vida que levavam em suas casas, as funções exercidas pelos xamãs das almas e dos espíritos eram vistos como superstições, incomodando os missionários, que precisavam apagá-las daquelas vidas distantes do “Deus verdadeiro” e alheias à Sua existência.

O sucesso da catequese dependia de muito empenho, e da superação de muitos obstáculos, o primeiro deles era acabar com a vida nômade a que os Boe estavam acostumados, por serem essencialmente caçadores e coletores. Era necessário fixá-los, para que se pudesse dar uma educação formal às crianças e para se poder controlar os ataques inimigos. Por outro lado, fixá-los implicava uma produção agrícola para seu sustento, além da aquisição de medicamentos para combate às inúmeras epidemias que assolavam os Boe, naquele tempo: gripe, escarlatina, febre palustre, febre amarela etc.

Outro problema enfrentado pelos missionários foi cobrir a nudez dos Boe: “Una cosa m’addolorava assai: non avere vestiti per tenere coperte quelle creature. Povera gente!”³

Os missionários perceberam rapidamente que converter os Boe adultos era tarefa quase impossível. No entanto, acreditavam que as crianças poderiam ser facilmente reeducadas. Para isso, a Missão sustentou, durante um longo período, um internato para crianças Boe e não Boe (filhos de não índios que iam se fixando na região), que vai, de maneira gradativa, modificando o comportamento dos Boe.

A educação da catequese e a resistência Boe.

A primeira preocupação dos Missionários Salesianos, ao chegar à região do Tachos (Tori Po) para pacificar os conflitos entre os Boe e os fazendeiros (que cada vez mais se apropriavam de suas terras), foi a educação, base fundamental desta congregação. Assim sendo, fundou-se em 1902, a Escola Indígena obedecendo à política integracionista vigente na época, que trabalhava

³ SALESIANI, Missionari, Don Balzola - *Fra Gli Indi Del Brasile*. p.139.

para fazer com que os Boe esquecessem suas crenças e costumes para integrarem-se à sociedade brasileira.

Segundo uma mentalidade ocidental, o esforço civilizatório dos missionários, em uma ação educativa e catequética chegou a sustentar, a partir de 1903, um internato na aldeia, com o objetivo de privilegiar a educação de jovens e crianças, a fim de que, ao retornarem aos seus lares, pudessem contagiar os adultos com as novidades aprendidas. A ação “civilizatória” do salesianos, nesse começo de século, foi muito bem sucedida na visão deles, tanto que - apesar da corrente liderada por Von Hering, que considerava os índios como selvagens e, portanto, prejudiciais ao desenvolvimento do país - um grupo de jovens Boe, que havia aprendido música, foi levado ao Rio de Janeiro para uma apresentação, por ocasião do Centenário da Abertura dos Portos Brasileiros. Dessa forma, a pedagogia aplicada na educação dos Boe ganhou fama nacional. Estava de acordo com a corrente liderada por Rondon, que pregava o respeito ao índio e a necessidade de sua integração à sociedade.

Apesar de todas as dificuldades provocadas por um estranhamento cultural, tanto por parte dos missionários, que consideravam as crenças indígenas como supersticiosas e até demoníacas, quanto por parte dos Boe, que precisavam abandonar seus hábitos e crenças em função de outros valores, os indígenas, de forma disfarçada, resistiram culturalmente. Paralelamente à educação e à evangelização recebida, os Boe continuaram realizando seus rituais em lugares distantes e escondidos.

Mas essa escola formal que, ao mesmo tempo em que respeitava o Boe, lutava pela sua aculturação, foi gradativamente entrando em crise. A ação “colonizadora”, por outro lado, cada vez mais atraía os brancos para as proximidades das terras indígenas, com a intenção, inclusive, de invadi-las. Com a demanda de crianças, filhos de garimpeiros, colonos e fazendeiros, que iam chegando, a Escola de Meruri acabou sendo aberta também aos não índios.

Priorizando agora a educação dos brancos, a Escola teve seus conteúdos mudados, e proibiu-se o uso de língua Boe, não só na escola, mas também na relação dos Boe entre si e deles com os outros, tendo em vista o regime ditatorial de Vargas, que, adepto de uma política discriminatória, resultado do positivismo integracionista, pregava a “unidade nacional”, defensora da pátria e de seus símbolos. Os Boe, obviamente, não ficaram de fora desta política e as línguas indígenas, um empecilho para a “unidade nacional” almejada, precisaram ser esquecidas. Já era de se esperar que esta mentalidade etnocêntrica instaura uma constituição de crise profunda e, à

medida que o SPI – Serviço de Proteção ao Índio – era propositalmente esquecido, as escolas indígenas iam sendo extintas, voltando a renascer somente depois da criação da FUNAI em 1967.

Com a Escola de Meruri, entretanto, foi um pouco diferente: não chegou a ser extinta, e foi considerada de bom nível para os padrões da época, porém transformou-se em escola de branco. Pode-se dizer que este período de crise durou dos anos de 1930 aos anos de 1970, quando a escola indígena de Meruri foi reconhecida oficialmente do Estado. Nesse clima de mudança, o salesiano alemão Padre Rodolfo Lunkenbein assumiu a direção das missões em Meruri, e sua posse tornou evidente que as barreiras culturais entre os Bororo e Missionários, tão incômodas no passado, começaram a se romper. No entanto, conflitos de extrema gravidade continuavam a acontecer, principalmente no que diz respeito à demarcação das terras. Inclusive, por este motivo, Padre Rodolfo e Simão Bororo foram assassinados, procurando defender a aldeia da invasão de 60 homens chefiados pelo fazendeiro João Mineiro. Era “a primeira vez que um missionário morria em defesa da terra dos índios”. Para os Bororo, Padre Rodolfo, Koge Ekureu, o Peixe Dourado, era muito mais que um missionário, era como se fosse um deles. Muitas coisas mudaram em Meruri depois da morte de Padre Rodolfo e Simão: a terra Boe de Meruri foi realmente demarcada; o internato foi desmontado; Os Boe aliaram-se aos Xavante, outrora inimigos; uma nova aldeia ergueu-se às margens do rio Garças, obedecendo à estrutura tradicional. Em 1983, aconteceu a Primeira Assembleia de Caciques Boe na Reserva Indígena Meruri. Decorridos setenta anos, desde a destituição do baimanagejewu, em 1914, Meruri vive uma situação semelhante, só que de construção: uma nova “casa dos homens” foi construída no centro das habitações, como esteio central das tradições da sociedade Boe, agora não mais vista como espaço de onde “emanam todos os males”. Podemos dizer, então, que a construção da choupana central, marcou o início de um processo de revigoração cultural, que adquiriu continuidade devido à visão transformadas dos missionários que passaram a considerar “Deus agindo na história deste povo”. A partir dessa época, os não índios foram afastados definitivamente de Meruri, por intermédio da ação do Padre João Falco, então o diretor das missões, e a Escola Indígena Estadual Sagrado Coração de Jesus, nome com o qual foi oficializada, começou a mudar, dando os primeiros passos rumo a uma educação diferenciada, capaz de reunir duas culturas em um espaço privilegiado para o conhecimento e o entrelaçamento de ambas.

A grande virada, porém, na educação indígena em nível nacional só aconteceu na década de 1980, quando passou a ser compreendida como instrumento político de cada etnia, e os povos

começaram a assumir o próprio processo educacional dentre de suas diferentes realidades. Nessa época, floresceram os primeiros resultados dos encontros pedagógicos envolvendo as sociedades indígenas e dos cursos de capacitação de professores indígenas. Desta forma, o etnocentrismo sustentado pela antiga postura da educação para índios não fez mais sentido. Ideias inovadoras de respeito à escola, à língua, à sociedade, às tradições, impuseram a preocupação com a organização de currículos específicos e a criação de uma pedagogia diferenciada.

Sempre pioneira, a Escola Indígena de Meruri, como a mais antiga (100 anos), não logrou percorrer outro caminho que não fosse o da afirmação do povo Boe e o da conscientização da necessidade de uma inserção digna do Boe na sociedade moderna, caminho muito difícil de ser percorrido, devido à situação em que se encontrava a cultura Boe, resultado da política da primeira metade do século e dos vícios adquiridos durante o contato com os brancos. Apesar de tudo isto, com a ajuda de alguns salesianos que se dedicaram ao estudo da cultura Boe registrando-a com riqueza de detalhes, como Colbachini, Albisetti e Venturelli, Ochoa e Bordignon, foi e está sendo possível a realização de trabalhos de grande valor científico e humano na comunidade educativa de Meruri.

No ano de 1976 ocorre uma chacina, chamada chacina de Meruri, culminou num livro chamado chacina de Meruri, lamentavelmente conta a história de uma forma que não coloca o Bororo como quem está sendo prejudicado, mas coloca como vilão.

No ano de 1984 começa o recrutamento de professoras e professores Bororo, nesta caso as atividades de especificidades ficam mais fortes, os estudantes são colocados em um dia da semana para fazer a dança festiva Boe, sempre comandada por um ancião cantor, a fim de que a identidade seja trabalhada e aprendida.

No ano de 1996, o Estado de Mato Grosso através de recurso vindo de fora, dá início a uma empreitada, formação de professores indígenas em nível médio magistério intercultural, são constituídos vários pólos do chamado Projeto Tucum, após início da atividade o povo Boe é contemplado e é criado um pólo específico Boe, do qual para atendimento são selecionados vários Boe. Este curso teve várias etapas, dentre as quais uma foi em Meruri, tinha a assistência do Estado, com professores, monitores, projeto este em busca da capacitação dos professores indígenas. Esta articulação de trabalhar com atividades culturais ganha força, com a chegada do projeto tucum magistério intercultural, inicia o processo de formação de professores indígenas. Após o início do curso, é percebido entre os professores o afinco em trabalhar com pesquisa, sobre

os próprios saberes. Também atingindo outras instâncias tais como práticas pedagógicas como a corrida do Mano, caeté, movimento este que trabalho de forma transdisciplinar este tema. Desde as exatas as humanas, a fim de abordar e valorizar o saber Boe. Por fim do trabalho foi elaborado o livro Mano, que contém as contribuições dos professores, dos apoiadores, também os trabalhos desenvolvidos pelos alunos, textos, desenhos.

Em 2001, iniciou o projeto de formação de professor indígena terceiro grau, os professores de Meruri passaram por um vestibular, e em seguida foram cursar a licenciatura intercultural via universidade estadual de mato grosso, os trabalhos, as pesquisas foram mais profundas, sempre com práticas que valorizem a cultura. Então os conhecimentos Boe continuaram a ser valorizados pela academia, e os incentivos para produção de material didático voltado a cultura Boe foram vários, com a participação de todos os acadêmicos.

Concepções escolares

Desde a estadualização da Escola Estadual Indígena Sagrado Coração de Jesus no ano de 1975 até o ano de 2011, os diretores e coordenadores pedagógicos eram os Missionários Salesianos. No mesmo ano de 2011, foi feita eleição para diretor escolar e os candidatos foram Boe. De 2012 para cá, a gestão escolar está sendo conduzida por Boe. Ocorre que, mesmo com esta transição serena, ficou na escola a herança das concepções escolares que haviam sido trabalhadas desde tempo remotos pelos missionários. A impressão que fica é que os professores indígenas foram treinados para serem somente professores indígenas e não gestores indígenas, pelo fato de que a concepção não-indígena influencia diretamente as práticas pedagógicas. Também outros mundos foram surgindo, tais como oportunidades dos estudantes estudarem nas academias. Antes era pela licenciatura intercultural, agora por outros programas que o governo oportuniza. Com isto, as práticas pedagógicas voltadas para cultura geram certo obstáculo para serem trabalhadas, já que os pais crêem que somente os conhecimentos da sociedade envolvente são necessários para conseguir êxito para ingressar nas academias, o que é algo interessante, pois estes pais são praticamente ex-alunos ou filhos de ex-alunos do internato antigo, por isso falamos em herança.

Algo inegociável da identidade é a língua. Cremos também na resignificação do ritual chamado *boe moriae*, a vingança por um ente querido pela captura de um felino ou de rapina, e pensamos na hipótese de repetir o ritual através de um couro já existente. Pensamos também na

ressignificação da reciprocidade, o *mori* trata de uma mutualidade. Recentemente, tivemos a queimada que está mudando a estrutura do lugar. Outro elemento inegociável é o segredo sagrado de remédios, como o que se chama *jurubo*, e que não pode ser mexido de qualquer forma: se for remédio perto de casa é fraco, e se for longe de casa o remédio é forte.

As músicas existem desde faz muito tempo, falamos também da escutatória, a importância de ouvir da natureza se vem algo perigoso, se é época de plantio, época de colheita, cada ambiente traz uma informação. As pessoas que cantam, não são formadas como um professor, o cantor ele tem dom, tem várias pessoas que tentam cantar, mas a voz não deixa.

Nossas verdades educacionais

A introdução na Escola indígena de Meruri, por nós professores, das nossas próprias histórias, da nossa cultura oral, ditada pelos nossos ancestrais, e transmitida de geração em geração possui um código de valores culturais capaz de devolver a cultura e afirmar a identidade cultural dos Bororo, hoje enfraquecida. A pesquisa das nossas verdades educacionais, levada ao conhecimento da nossa comunidade, das lideranças e conselheiros da escola, pode transformar e fortalecer nossa Escola que tem lutado no sentido de se reforçar como Escola Diferenciada.

Por meio da introdução dos *Bakaru* no currículo escolar da Escola Indígena de Meruri teremos uma nova forma de ensino aprendizagem, capaz de resgatar a cultura e devolver valores importantes de nossa cultura.

CAPÍTULO 4. ORIENTAÇÕES DA EDUCAÇÃO BOE

A organização social Boe se dá pela justaposição de dois clãs denominados de Ecerae e Tugarege. Cada clã possui ainda quatro sub clãs, sendo eles distribuídos da seguinte forma: Paiwoe (Os Bugios), Apiborege (Donos do Acuri), Iwagudu (As Gralhas) e Aroroe (As Larvas) pertence aos Tugarege. Já Kie (As Antas), Bokodori (Os Tatus-Canastras), Baadojeba (Os Construtores das Aldeias) e Bakororo (Os Construtores de Aldeias) pertencem ao Ecerae. Os clãs são herdados a partir da mãe, logo, é uma etnia matrilinear onde o clã da mãe é repassada ao filho ou à filha⁴.

Os cantos Boe refletem toda a complexidade e a beleza da cultura: sua organização social em metades e clãs, cada qual com suas propriedades características e relações mútuas; seu diálogo com o mundo material e espiritual; sua visão da vida, da morte e da ressurreição; sua história mítica e cronológica; sua geografia física e humana - como a beleza dos morros, a riqueza das florestas, cerrados, rios, lagos e as múltiplas aldeias que deles se alimentam. Nesses cantos, as aves mais lindas, junto com o peixe dourado emprestam seus nomes aos cantores e aos aroe. As penas multicoloridas são símbolos de beleza que enfeita não somente as pessoas deste mundo como também as que habitam o outro lado, ao mesmo tempo em que emprestam suas cores aos peixes que enfeitam os rios.

Os Boe cantam antes ou durante as atividades ligadas ao seu cotidiano, à caça, à pesca, à colheita do milho ainda verde, nos ritos de nomeação e, principalmente, no ciclo fúnebre, nas noites que precedem o banquete das almas, a dança do gavião real, a dança do couro da onça, o ritual de cura, a corrida do mano, a liberação do iworo, vinho de acuri, e a série de representações clânicas realizadas no período de espera entre o enterro primário de um morto e o início dos três últimos dias de um funeral, quando o corpo é desenterrado, lavado de todas as suas carnes e tem todos os seus ossos enfeitados com plumas e penas de arara, para ser enterrado definitivamente.

Os cantos associados ao ciclo fúnebre são numerosos e de estilos variados. Ao longo dos dias e noites, tanto no início do ritual funerário quanto nos seus três últimos dias, os cantos se sucedem quase que ininterruptamente. Os diurnos são menos solenes e menos prolongados, geralmente entoados por um só indivíduo, principalmente quando em função de alguma dança específica. Os cantos de caça e de pesca são plenos de significação. Simbolizam o diálogo das almas com os bichos e com determinados peixes em uma linguagem profundamente poetizada.

⁴ Sobre os nomes Boer reproduzimos os significados de acordo com a Enciclopédia Bororo, no anexo.

Dentre esses animais estão a anta, a capivara, os animais bravios, o peixe dourado, o peixe pintado e outros.

Os Boe possuem dois cantos especiais entoados durante os rituais fúnebres e festivos: o canto *Marenaruie* que é entoado durante os rituais fúnebres e o canto *Oieigo*, que é entoado durante os rituais festivos, ambos com a função de descrever as qualidades da pessoa homenageada, viva ou morta, e ressaltar seu relacionamento com os membros da metade oposta que lhe fazem a homenagem.

O intercâmbio mediado pelas complicadas redes de relações existentes entre as duas metades que compõem o grande círculo das aldeias Boe é característica fundamental da sociedade Boe. Este intercâmbio, imediato ou não, vai interferir favoravelmente na manutenção da autonomia do indivíduo e, conseqüentemente, do grupo. No caso Boe, é a estrutura circular a responsável pela operatividade das complexas rede de privilégios, graus hierárquicos, de direitos e obrigações que vão regular e orientar todo seu universo material e espiritual sempre associado a comovente preocupação com o outro.

Todas as vezes que um membro de uma metade se torna sujeito de direito ou de dever, isto se verifica em proveito ou com a ajuda da outra metade. Assim, os funerais de um Ecerae são conduzidos por um Tugarege, e reciprocamente. As duas metades da aldeia são portanto, como parceiros e todo ato social ou religioso implica a ajuda do que está em frente e que desempenha o papel complementar a quem esse ato competia. Esta elaboração exclui a rivalidade: há um orgulho de metade e ciúmes recíprocos. Imaginemos, portanto, uma vida social à semelhança de duas equipes de futebol que em lugar de procurar contrariar as suas respectivas estratégias se esforçaram por servir uma à outra, medindo a vantagem ou grau de perfeição e generosidade que cada um conseguia atingir.

A seguir, apresento algumas das orientações da educação Boe, que encontramos citadas na Enciclopédia Bororo.

- “Preferência aos mais velhos, nunca deve interromper quem fala. Deve evitar nomear, usar pronome de tratamento certo” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 379). Conforme citado pelos autores, em todo lugar dá-se o espaço aos mais anciãos pelo respeito por estes já terem uma jornada de vida de experiência; também há a recomendação de quando uma pessoa está emitindo

uma informação, ela nunca deve ser interrompida, são as atitudes recomendadas às crianças. Ainda pequenas, as crianças de todos os gêneros são recomendadas a nunca chamar alguém pelo nome próprio ou apelido, pois cada membro da organização social Boe tem um nome de tratamento específico, seja do próprio clã ou do clã oposto: ioga, imuga, ituie, iwure, imana, iedaga e iorubodare (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962). Conforme Grando (p.51, 2004) discorre que o processo educativo processa no encontro da sociedade, também muito antes de nascer, a criança vai absorver o aprendizado.

- O Boe Adodu é como se fosse um meio de comunicação entre os chefes a todos da aldeia: “Nestes, sempre prolixos, o orador relata acontecimentos e as notícias do dia, narra lendas e, se é chefe, dá avisos e faz admoestações” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 279). Na comunidade Boe, tem alguém que desenvolve a habilidade de ter voz alta e clara, logo essa pessoa é responsável pela emissão de avisos e recados. Quando é feito por chefe geralmente este realiza recomendações (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962).

- “Os afazeres domésticos são delas as meninas, inclusive a procura da água, da lenha, a colheita dos vegetais e do mel, e o preparo das refeições. Pertence-lhe também o fabrico de cerâmica e das esteiras” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 90). Nos trabalhos de casa, as mulheres desenvolvem com maestria, tais como buscar água para cozimento e abastecimento do lar, a busca da lenha, a colheita dos vegetais curativos e mel. O preparo das refeições é responsabilidade da mulher. Também a habilidade de trabalhar com cerâmica e esteiras é desenvolvida pelas mulheres. A todo tempo, as meninas acompanham este aprender fazendo. “As mulheres, obtêm-no assim: depois de terem abatido a palmeira, reduzem a pedaços, de preferência, a parte superior da estipe” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 67). As mulheres fabricam o mingau de coco, acompanhadas pelas avós, as mais novas iniciam seu trabalho e aprendem em campo. Segundo Grando (p. 55, 2004) o ensino é repassado na simplicidade, e na palavra de Mauss transferido dos mais velhos aos mais novos.

- “Os bororos possuem muitas cestas e cestinhas. Normalmente são feitas pelas mulheres” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 735). Os trançados são desenvolvidos pelas mulheres, cestas para carregar frutos, cestas para guardar materiais de pequeno porte, esteiras para servir de

colchão, esteiras sagradas, cestos sagrados. Geralmente ensinados à menina moça para ela fazer quando deixar o lar materno (Cfr. ALBISETTI; VENTURELLI, 1962). De acordo com Grando (p.59, 2004) o corpo é constituído no cotidiano, conforme as práticas técnicas femininas vai ganhando habilidade desde pequena com objetos pequenos, até o momento de adulta em que já domina com eficiência tal prática, corpo em formação.

- “Amanhã irei pescar para dar de comer aos homens. Com essas palavras, a mãe quer dar a entender ao filho que deseja comer peixe e que é conveniente que ele vá pescar” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 264). É uma habilidade que a criança e adolescente devem aprimorar conforme a ser citado: o contato não é direto, pois caracteriza falta de respeito, é lançado um comando do qual o receptor deve ter sensibilidade de entender o que está a ser solicitado (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962). Um espaço crucial para o desenvolvimento da aprendizagem de meninos, aprende-se junto sem que haja desconforto.

- Outra atividade de aprendizagem “A caça é a mais importante é preferida ocupação dos homens. Na caçada individual um ou alguns homens, sem cerimônias particulares, vão procurar o alimento” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 372); é uma atividade em que se desenvolve o conhecimento tradicional haja vista que pela caçada que vai distinguir animais comestíveis de não comestíveis. Segundo Grando (p.52, 2004) o processo de educar o corpo ocorre na simplicidade, que aqui podemos colocar o pescar da criança com pai, na condição informal, porém numa peça ritual já com os instrutores na pessoa do iorubodare é de forma mais complexa e formal, a pescaria ritual é momento de profundo aprendizado, desde os preliminares até as finalizações.

- A fabricação do arco e flecha “A técnica do fabrico é relativamente simples embora, em vista dos meios que os índios possuíam antes do contato com os civilizados, exigisse bom espaço de tempo” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 484). É um momento de grande aprendizado e atenção, pois aquele que quer aprender deve mostrar interesse, e quem vai ensinar não ensina diretamente alguém ele vai fazendo e o interessado deve acompanhar (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962). Segundo Grando (p.44, 2004), discorre Mauss que anteriormente os ensinamentos em relação ao aprendizado de nadar com o mergulho com os olhos fechados, contudo na atualidade a forma desse aprendizado é diferente, ou seja, ensina-se primeiramente a pessoa a

mergulhar com os olhos abertos, construindo uma técnica de aprendizado. O que se compara com o fabrico de arco e flecha que já vem com atualização de ensino.

- Os cantos “Os meninos, mesmo pequenos, aprendem-nos do pai e depois continuam o tirocínio na sociedade dos homens” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 891). Desde pequena, a criança aprende os cantos simples, e sua entrada no conhecimento de cantos sagrados é um desenvolvimento pelo acompanhamento dos mais velhos (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962). Segundo Grandó (p.53, 2004) tem pessoas específicas para este ensino, qualificadas, que criam técnicas corporais, aqui podemos elencar os cantores que possuem tais qualidades.

- A mãe ensina a sua filha a respeitar seus tios e tias, os quais são educadores desta também, falam com quem elas devem se casar para não cometer erro, ensinam a fazer enfeites tradicionais da cultura, ensinam a fazer trançados, ensinam a fazer comida σ pica, ensinam os bons modos da cultura, a tratar bem as pessoas, ensinam a cuidar dos irmãos. Conforme Grandó (p. 53, 2004), uma chave é a confiança, a criança vai repetir os atos daqueles a quem ela confia, pela proximidades os parentes próximos que vão dar esta confiança que é necessária ao aprendizado.

- Por fim é prezado o respeito aos mais velhos, devido a isto é natural um traço de hereditariedade a submissão. Mesmo se a pessoa sabe, na frente de alguém que traz a novidade, ela não demonstra que já sabe. Vale ressaltar que os parentes da menina são todos do mesmo clã dela, tias, mãe e avó. Já o menino tem seu educador o iorubodare (padrinho), pois o iorubodare pertence ao mesmo clã de sua mãe, por isso pode ensinar tudo que é de seu conhecimento. Iorubodare, ao pé da letra, significa o cuidador de meu remédio (i = eu; orubo = remédio; dare = dono; dono dos meus remédios).

Perspectiva para uma escola diferenciada

O projeto Tukum e a formação dos professores Boe

Em 1995, a Secretaria de Educação de Mato Grosso criou uma equipe técnica de Educação Escolar Indígena, junto à Coordenadoria de Política Pedagógica, para criar programas voltados para estes povos. Segundo Grandó (2004, p. 124-125) a Seduc MT foi a responsável pelo Projeto Tukum, com coordenação da CAIEMT, na parte financeira apoiada pela Funai de forma parca, do

Governo do Estado de Mato Grosso, através do Projeto Agro-Ambiental PRODEAGRO, pelo financiamento do PNUD/BIRD. Entre as estratégias prioritárias constou a implementação de um programa de formação e titulação de professores indígenas em nível magistério, que resultou, em 1996, na elaboração do Projeto Tucum, concluído em 2001 e formou em nível médio 176 professores das escolas públicas indígenas de ensino fundamental. Um dos pólos escolhidos para desenvolver o projeto foi a aldeia de Meruri, o que deu oportunidade de formação a vários professores Bororo que já atuavam na EE Sagrado Coração de Jesus, outros que pertenciam à comunidade mas ainda não tinham exercitado o magistério.

O Projeto Tucum, que tem por base um currículo diferenciado, específico, intercultural e bilíngüe, leva os professores indígenas ao prazer de descobrir uma forma de fornecer aos membros das comunidades indígenas instrumentos para tornarem suas relações com a sociedade envolvente menos perversas, além de capacitá-los a trazerem o cotidiano da aldeia para as salas de aula. Segundo Grando (2004, p. 130) a lei 9.394/1996, propõe uma educação diferenciada, bilingue e de qualidade serviu de base aos três eixos.

O projeto Tucum ajudou o povo Bororo a construir material didático contextualizado, valorizando a cultura Boe Bororo. Fazia parte desse material seus belos desenhos, a facilidade de explicar verbalmente a sua vida, os bichos com os quais conviviam, em período de caça ou não, bichos domesticados e criados para uso ritual, o conhecimento da anatomia do corpo humano, dos animais e da medicina tradicional da cultura. Enfim, partindo desse princípio, dar continuidade ao processo de enriquecimento e aprendizagem de professores e alunos indígenas no exercício do seu trabalho didático pedagógico desenvolvido a partir de então, tomando como base três eixos: “Terra, Linguagem e Cultura”. Segundo Grando (2004, p.126) foi criado três eixos orientadores, dos quais seus objetivos era conhecer o lugar do cursista, para que o curso pudesse atender a demanda do local e correndo para ser de cunho transdisciplinar também intercultural.

A ideia eleita pelo grupo de professores foi transformar o conhecimento tradicional em histórias em quadrinhos, aproximando, assim, o ensino aprendizagem em diálogo e texto que substituiria a oralidade a que todos estavam habituados, além disto, utilizariam imagens e cores vivas, o que tornaria o trabalho mais lúdico e prazeroso. Segundo Grando (2004, p.136), nas aulas do curso tratou os conhecimentos tradicionais necessários ao trabalho pedagógico.

Os temas seriam tratados da seguinte forma:

Terra: constituída pelo conjunto de recursos naturais e tecnológicos que formam a base material da reprodução cultural do grupo social. Implica o acesso, uso racional e conservação de tais recursos, o que assegura a sobrevivência de futuras gerações;

Língua: a língua indígena, em nível oral e escrito, revela e determina (constrói) a estrutura do pensamento indígena e sua cosmovisão natural; possibilita a produção e reprodução do conhecimento e dos valores através do programa educativo;

Cultura: constitui e é constituída pelo conjunto de valores sociais, modo de entender, fazer e viver, enfim, pelas ações e seus significados no tempo e no espaço, expressas nas práticas sociais cotidianas de determinados grupos sociais, nos bens de sua cultura material e intelectual. Possibilita a revitalização e dinamização do grupo indígena sendo um ponto de partida para o estabelecimento do processo educativo.

O projeto apontava para a possibilidade de se preparar alternativas educacionais adequadas aos moldes do que deve ser uma “escola diferenciada”. Depois de propostos, os fatos narrados acabam por camuflar as dificuldades, mas, além das barreiras das línguas, não seria de imediato que se ganharia a confiança dos indígenas, nada se faz se eles assim não o desejarem ou não considerarem de seu interesse, sabem muito bem se esquivar das situações indesejadas, fato que a maioria das pessoas desconhece. Há ainda a questão do tempo, que não coincide com o dos não-índios. Não têm a ansiedade dos brancos em ver um trabalho pronto. Quando cansados ou enjoados de fazer uma atividade ou a passam para outro ou a abandonam para voltar mais tarde. Todo o material teve a colaboração massiva dos indígenas.

Em Meruri, a situação foi bem menos complexa, porque vários missionários salesianos haviam se tornado profundos conhecedores da língua e cultura dos Bororo, auxiliados e apoiados pela população da aldeia já haviam produzidos dicionários, “cartilhas”, livros de lendas e registrado mitos, rituais, descrição de objetos de uso cotidiano e ritual, já havia construído a famosa Enciclopédia Bororo. Conforme Grandó (2004. 120), o Padre Ochoa e Mestre Mário Bordignon lecionavam como professor de língua Bororo, colocavam dinâmica as práticas pedagógicas cujo foco era produção de material didático que tivesse a cultura e língua Bororo.

Como afirma Mário Bordignon, (2003, pp.7,8).na apresentação de um dos volumes produzidos durante o desenvolvimento do Projeto:

Este livro é o resultado de um trabalho coletivo entre os anciãos Bororo que produziam os textos oralmente, os alunos do Projeto Tucum que os transcreveram e ilustraram, e os professores do Projeto que lançaram a ideia. O que salta aos olhos é a beleza estética das ilustrações como reflexo do esmerado gosto artístico do povo Bororo.

Mesmo os alunos que diziam: “eu nunca desenhei” saíram-se muito bem. Nos textos aparecem traços essenciais da Vida Bororo - Boe ero, a sua simplicidade e profundidade desde o nascimento até a sua morte. Aparece clara a preocupação dos pais em educar seus filhos a não perder o jeito de “ser Bororo” e a andar direito seguindo os ensinamentos que são transmitidos de geração em geração.

Enfim, com este livro, parece-nos ter alcançado os objetivos aos quais nos propusemos: fazer um trabalho integrado entre várias disciplinas como Educação Artística, Pedagogia, Língua Bororo, Língua Portuguesa e outras, e “orientar” os professores Bororo a produzirem seus subsídios didáticos como consta nos objetivos do Projeto Tucum.

Nesta relação criam-se condições de troca, estabelece-se a reciprocidade e no reconhecimento do outro tornam-se conscientes do valor de sua própria cultura. Os conteúdos curriculares voltam-se para a memória étnica e histórica da sociedade Bororo e novos recursos pedagógicos desenvolvidos. Segundo Grandó (2004, p.135) no momento do curso em que houve a narrativa do Bakaru, os cursista reconheceram a importância de se dar ao ancião, haja visto que este coletivo de professores e anciãos podem extrair sentidos e significados que os Bakaru têm para a educação bororo tradicional.

Neste contexto é importante ressaltar a realização da Conferência Ameríndia e do Congresso de Professores Indígenas do Brasil, realizados em Cuiabá/MT, no período de 17 a 21 de novembro de 1997, segundo Marcos Lopes Leandro Borocereu “conferência que debateu as práticas pedagógicas em escolas indígenas, debates sobre orientações curriculares para as escolas indígenas, construção, reconhecimento e fortalecimento da educação escolar indígena” com representantes de 86 povos indígenas e convidados de nove países latino-americanos, promovido pelo Conselho de Educação Escolar Indígena de Mato Grosso - CEI/MT, com o apoio de entidades governamentais e não governamentais. Neste evento reafirmaram a “Declaração de Princípios da Comissão dos Professores Indígenas do Amazonas, Roraima e Acre - COPIAR”, firmada em 1991; aprovaram na íntegra um documento que demonstra as ideias que passam a ser defendidas pelos indígenas de um modo geral.

Discutiu-se o fato, por exemplo, de cada população indígena ter suas peculiaridades históricas e culturais e portanto como atender a um currículo, um regimento, uma legislação comuns a todas? As escolas indígenas para serem diferenciadas, não podem ser encaixadas em um modelo “pré-formatado” por indivíduos que vivem do lado de fora das comunidades que lhes servem de contexto. Além disso, para participarem como cidadãos, nas discussões realizadas em todas as instâncias consultivas e deliberativas de órgãos governamentais responsáveis pela

educação escolar indígena, é preciso que sejam reconhecidos oficialmente, de acordo com a Constituição Federal.

Sabe-se que o professor indígena encontra sérias barreiras profissionais. Se o professor da escola pública em geral, não receber uma formação acadêmica adequada, não conseguir acompanhar, tampouco pagar por um curso de pós-graduação, não dispuser de tempo para estudar, ainda tem a chance de procurar e encontrar um bom material pedagógico ao qual se adapte até chegar a dar boas aulas, no caso do professor indígena isto não acontece. Os materiais disponíveis são muito escassos, a distância das aldeias em relação aos centros de capacitação, universidades de apoio, é muito grande e os recursos são ínfimos.

Há também os sérios problemas, como a equiparação salarial com professores não-indígenas, universidades indígenas com professores não-índios para ministrarem aulas e a questão que afeta a maioria das escolas para índios ou não-índios: um ensino de qualidade. Discutir estas questões é fazer emergir sentimentos como preconceito e discriminação e a solução sabemos, toca os limites do impossível, mas não destrói o sonho nem mata a esperança.

A conquista da escola pelos Boe

De 1902 a 1930, aproximadamente, a escola de Meruri esteve voltada diretamente para apenas os Bororo, mesmo com objetivos catequéticos, valorizando a aprendizagem da língua materna e aspectos positivos da cultura, classificada pelos missionários salesianos segundo a moral cristã. Segundo Aguilera (2001, p.67), aulas e conversas corriqueiras eram em Bororo, tinha consideração a língua Bororo, inclusive podemos perceber através do material bororo publicado, desde dicionário até as enciclopédias elaboradas com o máximo de riqueza. A partir dos anos 1930 abriu-se para os não-índios, cada vez mais numerosos, deixando de lado o ensino da língua Bororo e a prática de rituais. Segundo Aguilera (2001, p.68), a partir do depoimento do Senhor Egídio Raul Rondon (80), falou de não ter professores Bororo, no regresso em 1944, era proibido dialogar em Bororo, os brancos já estudavam, tudo estava diferente de antes. Percebemos a partir deste relato a segunda parte da escola Bororo. No início dos anos 1970 a preocupação da escola era tornar-se o principal instrumento de recuperação da língua e das práticas culturais. Assim, destaca-se pela criação de novos recursos pedagógicos, como demonstram os diálogos de Mário Bordignon com os Bororo e comentários sobre seu trabalho como professor em Meruri.

Segundo Mário Bordignon⁵,

até tempos atrás, a escola dentro da aldeia Bororo era sinal de tédio, de obrigação para agradar o missionário ou o chefe de posto e assim receber em troca cumprimentos ou vantagens como merenda escolar e outras. Hoje graças ao esforço do CIMI, Conselho Indigenista Missionário, organismo que surgiu em 1972 e que aglutina todos os indigenistas ligados à igreja católica, a escola, na maioria das aldeias Bororo, é bem diferente, mas principalmente porque os Bororo a querem diferente. A maioria dos professores é Bororo e a escola está integrada na cultura Bororo. Ao mesmo tempo é também uma ponte para a cultura do branco, uma arma de defesa. No dia 4 de setembro passado participei de uma festa em Meruri e depois da missa houve uma dança Bororo. Quem convidou para dançar foi o professor **Félix**, filho do cacique **Lourenço**. O pai **Manoel João**, de microfone na mão falou assim:

- Nós somos Bororo não somos brancos. Nós temos a nossa cultura, não tenho vergonha da nossa cultura.

Tem que estudar sem esquecer a tradição ... é bom, para o branco não passar a perna.

É bom saber fazer conta, escrever, fazer carta para outra aldeia ... É bom ir lá na FUNAI e fazer documento, saber falar, conversar.

- Eu sei ler e escrever. Eu escrevo Roia (Canto Bororo). **Helinho**

- Escola é muito importante para nós ... é como eu disse, se índio está interessado, aprende muita coisa. **José Pariko Enawu**

Antigamente não tinha branco, não precisava de branco. Bororo se virava sozinho. Não precisava açúcar, óleo, estas coisas assim. Agora tem precisão, tem que estudar, né! Tem que ter condição para comprar, ter, sem esquecer tradição. E agora a escola ensina a língua também. Então é bom para o branco não passar a perna. É bom saber, fazer, conta, escrever, fazer uma carta para a outra aldeia. É bom falar com outra aldeia na língua. É bom ir lá na FUNAI e fazer documento, saber falar e conversar. Precisa das duas coisas: do português e do Bororo. **João Cândido Uke Pari Aoredu**.

Estes relatos individuais, sem dúvida, são muito significativos a partir de uma seleção efetuada pela memória que descarta o que lhe parece irrelevante e faz supor a experiência vivida. Pode-se dizer, então, que o Bororo compreende que depois do contato com os não índios, muitos elementos que desconheciam passam a fazer parte de seu universo, passaram a ser considerados vitais para sua sobrevivência, como açúcar, óleo, por exemplo.

Assim acontece também com a educação tradicional. Percebe-se nitidamente que os índios querem que por meio da re-aprendizagem da língua a cultura seja revitalizada e sua identidade fortalecida, mas interessam-se também pela linguagem do não-índio, pelos meios de comunicação de massa que chegaram e entraram nas aldeias, pelas novas tecnologias, que sabem que existem e querem usar, saber como funcionam e porque exercem fascínio tão grande sobre os não índios.

⁵ Mário Bordignon é historiador, foi professor na escola de Meruri por muitos anos e escreveu vários livros didáticos para serem usados na escola Bororo.

Os obstáculos ultrapassam o campo da legislação, da administração, da estruturação de uma política pública para se fixar na elaboração de um esquema que atenda às necessidades educacionais do povo indígena de acordo com seus interesses, respeitando os seus modos e ritmos de vida, resguardando o papel da comunidade indígena na definição e no funcionamento do tipo de escola que desejam, sem questionar-se mais se o índio quer ou não ter uma escola, se precisa ou não de escola. Embora distante da escola diferenciada “ideal” não devemos ignorar que, apesar de lentamente, algum progresso já se torna evidente neste âmbito educacional, mais especificamente quando nos referimos à escola de Meruri.

A situação em Meruri sempre foi relevante, principalmente se considerarmos que o maior empenho da escola diferenciada para os indígenas foi pela implantação de ensinamentos em língua nativa. Em 1919 os Bororo já tinham um catecismo bilíngue e durante longos anos, as aulas foram dadas em língua Bororo. É óbvio que soou muito estranho aos índios que a este período tenha seguido outro em que foram obrigados a fingir que tinha esquecido tudo e aceitar outra língua como sendo a materna. Mas, apesar de todos os pesares, o ensino bilíngue não era novidade para eles.

Outro ponto que contava a favor da escola em Meruri, era o interesse científico de alguns missionários que conviviam com os Bororo, pela pesquisa e registro de rituais, cantos, festas, estrutura familiar e de parentesco, entre tantos outros, facilitando a criação de recursos pedagógicos a partir do conhecimento da estrutura social, política, econômica e artística. Foi assim que os Bororo tiveram o primeiro livro de ciências na língua Bororo, escrito por Antônio Kanajó em conjunto com Mário Bordignon. Além de cartilhas, livro de lendas e a propalada integração escola / comunidade pela festa do mano, fato que deu origem a alguns estudos na área de educação. A festa foi transformada em temas de estudo e o ritual em currículo⁶.

Além do Projeto Tucum, que resultou em bom material para uso de professores indígenas e também serviu de orientação para a produção de outros, devemos destacar que o CIMI que possibilitou que novos caminhos se desenhassem por meio de projetos educativos voltados aos problemas da demarcação das terras em que a escola é solicitada para atender às necessidades presentes nas lutas, como por exemplo: viajar para Brasília, conversar com a FUNAI, ler placas, entender mapas, manejar dinheiro, como bem disse o professor Joaquim Maná Kaxinawá, em uma

⁶ Este assunto está bem detalhado no livro de Antonio Hilário Aguilera, Currículo e Cultura.

assembleia promovida pelo CIMI - “O futuro que queremos para nossa escola é a demarcação da terra porque dentro da terra nós ensinamos e aprendemos⁷”.

Enfim, as reuniões do CIMI, demonstrando ou não toda uma mística missionária impregnando a prática pedagógica, evidenciando ou não muita mística e pouca prática, propicia ainda hoje encontros importantes de lideranças indígenas de diversas regiões do país e criado um espaço de discussões e levantamento de propostas que podem gerar táticas. Como afirmou Paulo Freire em uma dessas reuniões: “As táticas são exatamente os caminhos que se criam andando para viabilizar um sonho”.

Jogos e brincadeiras tradicionais bororo

Na Escola Korogedo Paru, eu estudei de 2012 até o ano de 2018, e fizemos algumas anotações muito importantes, que quero deixar de registro. Segundo Grando (p.60, 2004) o movimento do corpo é expressão cultural, e como uma das expressões culturais tem os jogos, cada jogo traz uma educação peculiar para cada caso, o corpo mostra a concepção de indivíduo de cada comunidade. Boe **Eimejera José Américo** (in memorian), nos ensinou muito, na aula de jogos e brincadeiras tradicionais bororo, e deu sua contribuição ao ser pesquisado, através de jogos culturais, como **reia reia, ó, cira, desafio de força, pao pao e jure**, conforme discrimino a seguir:

- **reia reia**, trançado de cipó em formato de anel, uma pessoa joga o reia reia, objetivo é lançar o reia reia antes que ele tombe no chão, além disso o competidor deve puxar a corda sem que ela se rompa.
- **Jogo do ó** (socó), a criança é enterrada com areia, depois uma outra criança fica cantando, rodeando a outra criança com seus cabelos nas suas mãos, cantando (tubore, tubore, tubore), quando a criança se mexer, a brincadeira termina.
- **Jogo da cira** (haste central da folha de babaçu), tira-se a haste da folha de babaçu, coloca-se fogo em uma das pontas, o fogo consome a haste até que fique entre 10 a 5 centímetros.

⁷ In O CIMI e a educação escolar indígena, artigo escrito por Elizabeth Rondon Amarante e Eunice Dias de Paula para a revista “textos e pré-textos sobre educação indígena”, no. 1, abril de 2001.

Depois disso a haste, ainda acesa é conduzida para as costas das mãos, e o objetivo é resistir a dor até que o fogo apague.

- **Jogo do desafio da força**, reúne-se um grupo no centro da aldeia e uma pessoa é conduzida até ao centro. A pessoa deita numa esteira e a outra é desafiada a levantar com apenas um braço. O braço da pessoa deitada é posicionado na nuca. Há uma variação em que a pessoa fica sentada. Neste caso é muito interessante, que, após esta pesquisa de forma involuntária teve um dia, em que os alunos foram levados no rio Garças e na ocasião estavam Agostinho Eibajiwu e Helinho (in memorian), e ele ensinou duas brincadeiras que foram registradas em fotos, desenvolvidas com os alunos, inclusive eu participei, mas tratava se de uma outra variante, foi uma experiência de retomada de jogos, e que ali morreu, restando em fotos e nem sequer em escritos.
- **Pao pao (peteka)**, confeccionado com palha de milho verde e penas de araras, cira verde, folha de urucum, haste verde de babaçu ou banto. Reúne-se um grupo em círculo, e se divertem atirando o pao pao para cima sem deixar cair, se cair, perde.
- **Jogo do Jure (sucuri)**, desenha-se um círculo no formato de caracol, no chão, depois as crianças brincam com um pé só, vai um de cada vez, seguindo o rastro da sucuri, pulando com apenas uma perna tocando o chão. Objetivo, chegar até ao centro, sem tocar nenhuma vez o pé no chão, quem consegue chegar no centro ganha o seu presente.

CONCLUSÃO

Um fato que ocorreu na Universidade Federal de Mato Grosso ficou repercutindo em mim. O professor da universidade falou assim: que nós devíamos ocupar espaços que foram tomados ou perdidos do ponto de vista geográfico, só que ele se referia ao espaço acadêmico, pois era para a gente ocupar este espaço através da visibilidade e atuação. Esse mestrado está me permitindo, e aos meus colegas do Projeto Bakaru, a continuar ocupando esse espaço e dando visibilidade para a nossa cultura Boe: o importante é valorizar as origens e ter auto estima pela identidade; e internalizar a cultura através do bakaru (narrativa) de forma concreta.

Narro algumas experiências com os bakaru em sala de aula como modo de conclusão e continuidade dessa pesquisa na prática pedagógica.

Também com orientação da professora Marília Librandi, a gente começou a trabalhar com o bakaru em 2019. Eu comecei a contar bakaru em todas as salas de aula antes de iniciar as atividades com matemática, e recordo que as turmas começavam a perguntar se eu não tinha mais outros para contar, e acho que essa deve ser uma prática contínua, pois a gente consegue atingir os alunos com o bakaru.

Hoje, após essa atividade, começamos a buscar uma memória ancestral, por exemplo, em pleno século XXI temos arraigados em nosso ser as formas de como nossos ancestrais eram. Por exemplo, a impressão que temos é a de que um bakaru é contado uma vez, mas, se repetimos e contamos de novo, é possível trazer reflexões diversas para alcançar uma meta, do que se quer com o bakaru.

Com o oitavo ano, a gente avançou bastante no bakaru. Eu pedi para eles desenharem após eu contar o bakaru, e, por fim, ensaiamos uma performance, e eles executaram uma performance no rio, e eu filmei.

Fazemos e aprendemos, ao mesmo tempo. Os desenhos podem ser recomendados que sejam desenhos livres, e não dar desenhos prontos apenas para colorirem, mas dar oportunidade da criança criar seu desenho, e também criar seu conhecimento e, assim, quando crescer ela não ser tratada como uma tábula, ou receptor de conhecimento, mas gerador de conhecimento junto com o professor.

A situação hoje tem muita desmotivação, também o conformismo são fatores que impedem o trabalho escolar e necessitam ser quebrados por coragem e motivação, pois Freire disse:

“(…) Na verdade, o educador é um político, é um artista, ele não é só um técnico, que serve de técnicos, que se serve de ciência. E por isso mesmo ele tem que tem uma opção, e essa opção é política, não é puramente pedagógica, porque não existe essa pedagogia pura” (CIMI, 1982, p.7).

Temos uma política a ser desenvolvida, porém o conformismo vem na oposição para deixar o professor na zona de conforto. Como diz a professora Beleni, para aprender a ler e escrever, precisa trazer um texto que implica na vida das crianças, usar palavras que fazem sentido para a criança. O corpo é produzido pelo espírito, afetividade e outros.

Pensar no plano de aula, crianças aprenderem o jure e o oieigo, para depois assim chegarem a dançar, fazer uma introdução para depois fazerem o ritual (dança) estabelecendo uma comunidade de investigação. A partir do momento em que a criança aprende o que deve fazer na escola, ela tem interesse de ir na escola. Você só sabe uma coisa, quando reconhece que não sabe. O boe bororo não tem avaliação, por isso temos de pensar em outras formas de ensino-aprendizagem.

Eu tenho que contar o bakaru desde criança, para ela ouvir, e não esperar ela crescer para depois contar o bakaru. Quanto mais incremento tivermos, mais teremos as possibilidades de aprendizagens. Nas educação infantil Boe, os Boe tem sua educação familiar e por estágios muito fortes, ainda pequenas as crianças já recebiam as principais intervenções pedagógicas.

A partir das falas de Paulo Freire, no CIMI, no decorrer da VIII Assembleia, podemos citar alguns pontos importante que vem ao encontro de nossa conclusão.

a) Os bakaru na educação – por nós, povos indígenas, sermos de cultura de oralidade, é preciso aproveitar, na composição do currículo de uma disciplina, os bakaru e a compreensão de seus significados, sem esquecermos dos aspectos ideológicos da linguagem utilizada na escola dos *baraedu* como instrumento de opressão pelo poder dominante. Nesse aspecto, é como se o professor Paulo Freire nos alertasse sobre o fato do professor indígena ser capacitado em universidades indígenas geridas por *baraedu*, e assim deixar claro em favor de quem os conhecimentos serão utilizados.

b) A importância da dialogicidade - o incentivo da consciência histórica. A Educação como um ato político. A valorização de si próprio, identificar o seu lugar social, de uma escola que fortaleça o relacionamento, não pela opressão, mas pela liberdade de pensamento e de expressão

c) A participação comprometida – o educador estar comprometido não apenas com o educando como um sujeito estático, mas como um sujeito dinâmico, que precisa se constituir em aspectos sociais.

d) A valorização da ciência e da tecnologia - desenvolvimento a partir da criticidade. Nesse ponto, Paulo Freire é direto. Ele diz ser impossível desenvolver-se sem a compreensão de que o professor tem o comando da ciência e da tecnologia. Aqui, em Meruri, há o Centro de Cultura Bororo, seria essa a nossa ferramenta, e o professor é quem deve criar condições de acesso e trabalho com esse Centro.

e) O reconhecimento da politicidade e da ética - compreender a educação como um ato político, a ética, aqui colocamos como o *poguru*, no cotidiano bororo de Meruri, desperta-lo no centro de cultura.

f) Educação, pela Alegria, pela Esperança e pela Amorosidade – respeito cultural por parte do outro, a educação, aqui posta como processo educativo, alegria contida nos processos educativos, que são feitos com alegrias, a esperança que tem no planejar que encontramos nos processos remotos de encontrar e calcular, amorosidade pelo sentido de ter dó um do outro, independente da metade exogâmica Ecerae e Tugarege, relação conduzida pela reciprocidade.

Espero que reflexões e as entrevistas nessa pesquisa continuem para que a gente possa alcançar um sistema de processo educativo boe.

Referências Bibliográficas

ALBISETTI, C. e Venturelli, A. J. *Enciclopédia Bororo*. Vv. I, II, III e IV, Campo Grande: Editora UCDB, 1962, 1969, 1976 e 2003.

AGUILERA, Antônio Hilário. *Currículo e Cultura entre os Bororo de Meruri*. Campo Grande: UCDB, 2001.

BALZOLA, Giovanni. *Fragli Indi del Brasile. Note autobiografiche e testimonianze raccolte da D. A. Cojazzi*. Torino, Società Editrice Internazionale, 1932.

BORDIGNON, Mario. *Os Bororo na História do Centro-Oeste Brasileiro (de 1716 a 1986)*. Campo Grande: Missão Salesiana do Mato Grosso, 1986.

-----, *Roia e Baile, os Bororos e as mudanças culturais*. Campo Grande: UCDB, 2001.

CAMARGO, Gonçalo Ochoa. *Boe ewadaru paru - Cartilha Bororo*. MSMT. 1984.

-----, *Boe eno bakaru - Lendas Bororo*. MSMT. 1983.

-----, *Meruri na visão de um ancião Bororo - Memórias de Frederico Coqueiro*. Campo Grande: UCDB, 2001.

-----, *Processo evolutivo da Pessoa Bororo*. Campo Grande: UCDB, 2001.

-----, *Pequeno dicionário português/bororo*. Gonçalo Ochoa C. 2. ed. Campo Grande: UCDB, 2005.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO, 178. Outubro de 1994.

CARVALHO, Aivone. *O museu na aldeia: comunicação e transculturação no diálogo museu e aldeia*. Campo Grande: UCDB, 2006.

DORTA, S. Ferraro. *Pariko – Etnografia de Um Artefato Plumário*. São Paulo, Coleção Museu Paulista, série Etnologia, vol. 4, 1981.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

-----, *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. e Sérgio Guimarães. *Aprendendo com a Própria História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

NOVAES, S. Caiuby. *Jogo de Espelhos*. São Paulo: Edusp, 1993.

OCHOA, Gonçalo. *Padre Rodolfo Lukenbein: Uma Vida Pelos Índios do Mato Grosso*. Campo Grande: Missão Salesiana do Mato Grosso, 1995.

PEREIRA GOMES, Mércio. *Os índios e o Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988.

RIBEIRO, Berta. “Coleções Etnográficas – Documentos Materiais Para a História Indígena e a Etnologia” in Carneiro da Cunha (ed) *A História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Schwarcz, 1992.

------. “O Índio Brasileiro: Homo Faber, Homo Ludens” in *A Itália e o Brasil Indígena*. Rio de Janeiro: Index, 1983.

------. *Dicionário do Artesanato Indígena*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

RODRIGUES, Brandão Carlos. *O Que é o Método Paulo Freire*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

VIERTLER, Renate. *As Aldeias Bororo: Alguns Aspectos de Sua Organização Social*. São Paulo: Coleção Museu Paulista, série Etnologia, vol. 2, 1976.

VIERTLER, Renate. *Aroe J’Aro – Implicações Adaptativas das Crenças e Práticas Funerárias dos Bororo do Brasil Central*. Tese de Livre Docência. São Paulo: USP, 1982.

ANEXOS

ANEXO 1. Bakaru de abertura extraído da Enciclopédia Bororo volume II

A MULHER ATURUARODO E O MONSTRO BUTORIKU

Nesta lenda narra-se a luta vitoriosa do Bororo **Pari Jura** contra o monstro **Butorikuo** o qual se alimentava de índios. Celebrando o feito do numa solene festa, as índias dançam com pedaços do monstro apensos às costas, e uma delas, chamada **Atuarodo**, é casualmente fecundada pelo sangue que goteja da carne que carrega. O filho dessa gestação é outro monstro que os Bororo matam e queimam numa grande fogueira. Das cinzas dele, germinam uma variedade de urucuzeiro, outra de tabaco e uma terceira de algodoeiro. **Pari Jura** é recompensado com grandes honras por causa de sua heróica empresa.

a. o moço **Pari Jura** prepara-se para lutar contra o monstro **Butoriku**

Era uma vez um monstro, chamado **Butoriku**. Assemelhava-se a um desmesurado sucuri que agredia os Bororos e depois os levava à sua caverna onde os devoravam sofregamente.

Aconteceu que um dia apanhou a mãe do moço **Pari Jura**, tirou-lhe o rico colar de metal, apendeu-o na entrada de sua gruta, e recolheu-se ao interior de sua morada, com a presa, que consumiu como de costume.

Pari Jura, ao passar perto da enorme toca, viu o adorno de sua mãe e compreendeu tudo. Não perdeu tempo, mas imediatamente, entregou-se aos mais difíceis exercícios físicos a fim de poder, em tempo oportuno, ter força e agilidade suficientes para desafiar o monstro e matá-lo (A).

Depois uniu-se aos companheiros que havia organizado uma caçada a anta, não escondendo o verdadeiro motivo de sua resolução que era aproveitar-se da expedição para encontrar o monstro. Os índios, repletos de inveja pela façanha que **Pari Jura** pretendia levar a efeito suplicavam ao padrinho deste, chamado **Araro Kurireu**, que impedisse a seu afilhado a realização do feito. Este, porém, iludiu a vigilância de sua guarda e com a desculpa de ir a urinar, afastou-se da comitiva. Escondeu numa moita seu arco e, armado de pesado cacete, foi enfrentar **Butoriku**. Mas, antes, disseminou, pelo caminho que pretendia percorrer quando fosse perseguido pelo monstro, uma

sequência de obstáculos. Começou com um resistente cerne de sucupira que encostou a um montículo de terra, de tal forma que ficava um pouco levantado permitindo que ele, com sua habilidade, pudesse passar por baixo. Depois, mais adiante, amontoou o cipó urubamba, em seguida um emaranhado de cipó unha de gato, e, finalmente, muitas folhas aculeadas de coroatá

b. **Pari Jura** luta com **Butoriku**

Assim fazendo, chegou à caverna de **Butoriku**. Aproximou-se, bateu com pé, repetidas vezes, perto da entrada, mas o monstro, que dormia despreocupadamente, não acordou. Então, já impaciente, atirou dentro da toca uma pedra e **Butoriku** despertou.

Raivoso correu para fora, gritando, e viu **Pari Jura** que o esperava, desafiando-o. Precipitou-se contra ele, mas este começou a correr em direção aos obstáculos que havia preparado. Contrariamente àquilo que o moço julgava, o monstro resistia bem à corrida e vencias as dificuldades. Faltava apenas duas barreiras: o cipó urubamba e o cerne de sucupira. **Pari Jura** enfiou-se habilmente na primeira, e **Butoriku** o acompanhou, sem ferir-se. O índio viu se perdido. Então voou até o cerne de sucupira, passou por debaixo dele e esperou de outro lado, **Butoriku**, que estava se eu alcanço, enfiou-se também embaixo do tronco, mas foi infeliz: ficou preso. **Pari Jura** agarrou seu cacete e desferiu tremendo golpe em sua cabeça, deixando-o morto (**B**).

Aliviado desse pesadelo, **Pari Jura** voltou ao lugar onde havia escondido o seu arco, apanhou-o e regressou à aldeia. Narrou tim-tim por tim-tim o que tinha realizado e convidou todos os homens a ir com ele, ao lugar onde o monstro jazia morto.

Na manhã seguinte, todos acompanharam **Pari Jura** como se fosse para uma expedição de caça. Cada um levava também uma gaita colar, lembrança das vítimas que **Butoriku** tinha feito. Em lá chegando o herói recortou todo o corpo do monstro e entregou a cada representante dos mortos um pedaço para que o carregasse para a aldeia. Organizaram a marcha de volta e levaram à taba o cadáver assim esquartejado, sendo festivamente recebidos pelas mulheres que iam a seu encontro para aliviá-los do peso.

c. Dança das mulheres

Descida à noite, as mulheres realizaram uma alegre dança, cada uma carregando às costas um grande pedaço do monstro. Todas, porém, temiam que o sangue que gotejava da carne pudesse

fecundá-las, por isso tratavam de vedar bem seu cinto com folha e outros objetos a fim de impedir tal coisa. **Atuarodo**, porém, mulher que pertencia ao clã dos **Paiwoe**, descuidou-se e, por isso, ficou grávida pelo sangue de **Butoriku**.

Atuarodo, com o progredir sua gravidez, tinha fortes desejo de comer. Certo dia viu um jenipapo bem maduro, no alto de uma árvore. Falando sozinha, dizia: “Quem poderá ir colher aquela fruta para mim?” De repente ouvi uma voz que saía do seu ventre e que sugeria: “Minha mãe eu subirei para apanhar a fruta. Assenta-te aí ao pé da árvore para que eu possa sair.” Ela obedeceu e imediatamente deu à luz seu filho que trepou no jenipapeiro para satisfazer os desejos da mãe. Mas qual não foi a decepção desta! O filho era outro monstro. Era **Jure**. Tentou fugir, mas ele pediu que ficasse para que pudesse entregar-lhe a fruta. **Jure** fez assim e depois voltou para dentro do ventre de sua mãe.

Regressada à aldeia, **Atuarodo** contou tudo aos homens. Estes, indignados disseram: “Deixa por nossa conta. Voltemos ao jenipapeiro e tu repete a mesma cena de antes.”

A mulher, chegando perto da árvore, manifestou desejo de comer uma fruta, e **Jure**, saindo novamente do ventre da mãe, subiu pelo liso tronco. Imediatamente **Atuarodo** recolheu-se no meio de seus companheiros e, quando **Jure** desceu, estes o mataram com violentas cacetadas. Depois prepararam uma bem nutrida fogueira e o atiraram às suas chamas. Em seguida todos voltaram à aldeia.

Passado algum tempo, **Atuarodo** voltou ao lugar onde seus companheiros tinham cremado seu filho e viu que, de suas cinzas haviam prodigiosamente nascido vários produtos de grande utilidade para os Bororo: um urucuzeiro de cápsulas chatas e sementes não muito vermelhas; um pé de fumo, mas não muito forte; e um algodoeiro cujos capulhos tinham sementes bem separada entre si. Apanhou um pouco de cada uma dessas plantas e regressou à aldeia.

Contou aos homens o que havia achado e os presenteou com os produtos das cinzas da fogueira que eles haviam ateado. É pelo fato de **Atuarodo** ter encontrado esses vegetais que o clã dos **Paiwoe** têm direitos de primazia e de posse sobre essas variedades de urucum, de tabaco e de algodão

Todos os Bororo, reconhecidos a **Pari Jura** pelos benefícios que lhes alcançara, quiseram honrá-lo espalmado-o generosamente de urucum (C), mas colocaram tanta pasta vermelha em seus cabelos que estes caíram e o herói morreu (D).

VARIANTE 1.

[Substitui o trecho de (A) a (B)]

Logo que se viu pronto, escolheu um companheiro, que se ofereceu a auxiliá-lo, e foi com ele a caverna de **Butoriku**.

Chegando perto, **Pari Jura** instruiu o companheiro: “contorna a gruta, sobe morro e vai bem em cima da caverna. Lá chegando, bate com o pé, sobre entrada. Certamente **Butoriku** sairá e eu o esperarei aqui embaixo”.

Apenas o monstro ouviu o estranho barulho, correu fora de sua morada e, ao ver um Bororo ao alcance de suas fauces, investiu rapidamente. Este, que o esperava, pulou para o mato, passando nos lugares mais difíceis que ele já conhecia e que sabia como vencer. O monstro, porém, não tinha intenção de abandonar um bocado tão fácil e o acompanhava bem de perto, embora cansado-se mais do que o índio. Quando este percebeu que seu perseguidor estava no limite máximo da resistência, enfiou-se numa moita de cipós urubamba da qual habilmente saiu, mas **Butoriku** ficou preso nos terríveis aculeus de jacitara. Num abrir e fechar de olhos, **Pari Jura** assentou-lhe uma robusta cassetada bem no meio da cabeça e o deixou morto, vingando assim todos seus companheiros que havia perdido a vida por causa dele.

VARIANTE 2.

[Substitui o trecho (C) a (D)]

Recebeu, também um novo nome: **Butoriku Kadojeba**, ou, seja Esquartejador de **Butoriku**.

ANEXO 2. ALGUNS NOMES⁸ PRÓPRIOS DE PESSOAS BOE

1. NOMES PRÓPRIOS DA METADE ECERAE

BAADOJEBAGE

OBS: os nomes estão indicados se masculinos ou femininos ou ambos

A

Adugo Cereu (f. Adugo Cereudo) *s.adj.* - (onça preta): n.p. de Baad. Cob.

Adugo Enawu (f. Adugo Enawudo) *s.* - enfeite do jaguar (enfeite do couro do jaguar): n.p. de Baad. Ceb. e Baad. Cob.

Adugo Kurireu (f. Adugo Kurireudo) *s.adj.* - jaguar grande: n.p. de Baa. Cob.

Adugo Okwada (f. Adugo Okwadago) *s.* - dono do jaguar: n.p. de Baad. Cob.

Adugo Oro *s.* - filhote de jaguar: n.p. de Baad. Ceb.

Aribugu *s.* - dono do espírito lua: n.p. de Baad.B.

Ari Kudu *s.* - grito de Ari: n.p. de Baad. Cob.

Arireu (f. Arireudo) *s.* - parecido com Ari: n.p. de Baad. Ceb.

Aroe Ekudawu *s.* - (Roupa das Almas) Ator coberto de Muitos Enfeites: n.p. de Baad. Ceb.

Aroe Ekuoda (f. Aroe Ekuodago) *s.* - aparecimento dos espíritos Odoge: n.p. de Baad. Ceb.

Aroe Etugo *s.* - flecha (por: cacetes dos Buregodureuge Aroe) dos atores: n.p. de Baad. Ceb.

Aroe Ewabo *s.* - chocalho dos atores da representação e apresentação Joware Aroe: n.p. de Baad. Ceb.

Aroe Kurireu (f. Aroe Kurireudo) *s.adj.* - Grande Espírito: n.p. de Baad. Cob.

Arua *s.* - célebre antepassado, terceiro chefe em ordem de dignidade do subclã dos Baad.B.

Arua Bororo *s.* - aldeia de Arua: n.p. dos Bak. e dos Baad. Ceb.

Arua Bugu *s.* - dono da aldeia de Arua: n.p. de Baad.Ceb. (= Arua, Arua Pa).

Arua Pa (f. Arua Pado) *s.* - lugar de Arua: n.p. de Baad.Ceb. (= Arua. Arua Bugu, Arua Parabara).

Arua Parabara *s.* - chefe da represent. de Parabaradoge Aroe: n.p. de Baad.Ceb. (Arua, Arua Bugu, Arua Pa).

Aturuari Bugu *s.* - dono do Aturuari: n.p. dos Baad.B.

B

⁸ adj. = adjetivo; b. = boiadowu; cob. = cobugiwuge; ceb. = cebegiwuge; cf. = conferir; f. = feminino; m. = masculino; n.p. = nome próprio; s. = substantivo; vrd. = variedade.

Baadojeba (f. Baadojebado pl. Baadojebage) s. - construtor de aldeias: indivíduo do clã dos construtores de aldeias situado no extremo oeste da metade dos Ecerae.

Baadojeba Boe Eiadadawu (Boiadowu) s.adj. - indivíduo do subclã dos Baad. do meio.

Baadojeba Cebegiwu s.adj. - indivíduo do sub-clã dos Baad. do lado de baixo. Chama-se também: **Baadojeba Kujagureu** ou **Boe Upo Kejewu**

Baadojeba Cobugiwu s.adj. - indivíduo do subclã dos Baad. do lado de cima. Chamasse também: **Baadojeba Coreu.**

Baadojeba Coreu s.adj. - outro nome de **Baadojeba Cobugiwu.**

Baadojeba Kujagureu s.adj. - outro nome de Baadojeba C e begiwu.

Baadojebado s. - cada uma das mulheres dos clãs dos construtores de aldeias.

Baadojebage (pl. de Baadojeba e de Baadojebado) s. - Os construtores de aldeias.

Badojeba s. - encarregado de impor o estojo peniano aos rapazes iniciandos. Pertence ao clã dos Baad.

Baire Eceba s. - matador dos xamãs dos espíritos: n.p. de Baad. C eb.

Ba Kaewu s.adj. - coletor de broto de babaçu: n.p. de Baad. C eb.

Bakoro Akaru s. - proclamado grande chefe: n.p. de Baad..B. (denominado também: **Bakoro Baru, Bakoro Kudu, Ipare Eceba e Uwae Epa).**

Bakoro Kudu s. - grito do grande chefe: n.p. de Baad.B.

Bakororo Burekia s. - chio dos atores da representação dos Bakororodoge Aroe: n.p. de Baad. Ceb.

Bakurere s. - macaco bakure: n.p. m/f. de Baad. Ceb.

Baruare s. - vrd. de pequeno pássaro: n.p. m. de Baad. Ceb.

Baruare Coreu (f. Baruare Coreudo) s. - baruare preto: n.p. de Baad. Cob.

Baruare Ekureu (f. Baruare Ekureudo) s.adj. - baruare amarelo: n.p. dos Baad.Ceb.

Baruare Epa (f. Baruare Epado) s. - matador de baruare: n.p. dos Baad. Ceb.

Baruare Kudu s. - grito do baruare: n.p. m. dos Baad. Ceb.

Barure s. - vrd. de ave: n.p. m. dos Baad. Cob.

Barure Ekureu (f. Barure Ekureudo) s.adj. - barure amarelo: n.p. dos Baad. Cob.

Boe Oiadowu (f. Boe Oiadowudo) (Boiadowu, Boiadowudo) s.adj. - chefe do subclã do meio: n.p. dos Baad.Ceb. e dos Baad.B.; nome recebido pelo chefe **Bakoro Kudu.**

Bokodori Ikawa s. - colar de unhas de tatucastra: n.p. dos Baad.Cob.

Bokodori Kurireu (f. Bokodori Kurireudo) s.adj. - grande Tatu-canastra: n.p. dos Baad. Cob.

Boro Enawu (f. Boro Enawudo) s. - caracolzinho enfeitado de penas amarelas e vermelhas: n.p. dos Boro E. e dos Baad.Cob.

Boro Erudu s. - subida dos caracóis: n.p. m. dos Boro E. e dos Baad.Cob.

Bukigare (f. Bukigaredo) s. - o chifrado (outro nome de **Kiariware** que aparece na lenda do herói **Toribugu**): n.p. dos Baad.Cob.

Bukigare Kuri s.adj. - o grande chifrado: n.p. m. dos Baad.Cob.

Bureagurumaga s.adj. - Chefe das danças de muitas pegadas: n.p. dos Baad.Cob.; outro nome de **Meri Kujagu**, ou **Meritorio**, ou **Oca Kudureu** (Baad.Cob.).

Buregodureu *s.* - dançarino do pé machucado: n.p. dos Baad.Ceb. e Baad.Cob.; dançarinos da representação dos **Buregodureuge Aroe**.

Burekia *s.* - barulho dos pés (dança): n.p. m. dos Baad.Ceb e Baad.B.

Butoriku Kadojeba *s.* - matador de Butoriku: n.p. m/f. dos Baad.Ceb.

C

Cibae Ebowu (f. Cibae Ebowudo) *s.adj.* - companheiro das araracangas: n.p. de Baad. Ceb.

E

Ecerae Ekenawu (f. Ecerae Ekenawudo) *s.* - colar dos Bokodori Ecerae: n.p. dos Baad. Ceb.

Ewiriga *s.* - benfeitor dos Bororo: n.p.m. dos Baad.Cob. (**Kurugugoe Etoiagare**).

I

Ikuiare (f. Ikuiaredo) *s.* - dono da flecha-arpão: n.p. dos Baad. Ceb.

Ikureru *s.* - cordel dançante: n.p. dos Baad. Ceb.

Ipore Eceba (f. Ipore Ecebado) *s.* - mestre dos iniciandos: n.p. dos Baad.B. (**Bakoro Kudu**).

Iwarare Ekureu *s.adj.* - belo possuidor do cacete: n.p. dos Baad. Ceb.

J

Jatuguri Pijiwu (f. Jatuguri Pijiwudo) *s.adj.* - aquele que desceu do Jatuguri: n.p. dos Boro E. e dos Baad.Cob.

Joware Eimejera (f. Joware Eimejerago) *s.* - chefe dos atores que representam os espíritos Joware: n.p. dos Baad. Ceb.

Joware Emeru *s.* - dança dos atores Joware Aroe: n.p. dos Baad. Ceb.

Joware Etada *s.ppp.* - aquele que está no meio dos atores Joware Aroe: n.p. dos Baad. Ceb.

Joware Etaga *s.* - cabeleira dos Joware Aroe: n.p. dos Baad. Ceb.

Joware Etuje *s.* - mãe dos Joware Aroe: n.p. dos Baad Ceb.

Joware Etugo *s.* - flecha do chefe dos Joware Aroe: n.p. dos Baad. Ceb.

Joware Ewabo *s.* - maracás dos Joware Aroe: n.p. dos Baad. Ceb.

Joware Kiogo *s.* - n.p. dos Baad. Ceb.

K

Kadogare Kia *s.* - canto do martim-pescador: n.p. dos Baad. Ceb.

Kadogare Kuri *s.adj.* - martim-pescador macho: n.p. dos Baad. Ceb.

Kadomo *s.* - grande martim-pescador: n.p. dos Baad. Ceb.

Kadomo Ekureu (f, Kadomo Ekureudo) *s.adj.* - martim-pescador amarelado: n.p. dos Baad. Ceb.

Kaiaceba *s.* - tocador de tambor: n.p. dos Baad.B.

Kaworodo *s.* - n.p. da mãe dos Baad. Ceb.

Kiare Ware (f. Kiare Waredo) *s.* - grande maracá: n.p. dos Baad. Cob.

Kidoe Eceba (f. Kidoe Ecebado) *s.* - matador de periquitos: n.p. dos Baad.B.

Kie Eceba (f. Kie Ecebado) *s.* - matador de antas: n.p. dos Bak. (**Akaruio Bokodori**).

Kie Eceba *s.* - matador de antas: n.p. O Cerae. (**Jerigi Otojiwu**).

Kiogodare *s.* - dono do prego kiogodo: n.p. dos Baad.Ceb.

Kogere Kuri *s.adj.* - corrida de grandes cardumes de dourados: n.p. m/f. dos Baad Cob.

Koguio Epa (f. Koguio Epado) *s.* - matador de tuiuiu: n.p. dos Baad.Cob.

Kudoro *s.* - antepassado dos kie (**Toro Akadu**). Baad. Cob.

Kudoroe Ewuda *s.* - chegada das araraúnas: n.p. dos Baad.Ceb.

Kudoro Kuri *s.adj.* - grande araraúna: n.p. dos Baad.Ceb.

Kudoro Pa (f. Kudoro Pado) *s.* - criador da araraúna: n.p. dos Baad.Ceb.

Kudoru Bororo *s.* - aldeia do tubérculo kudoru: n.p. dos Baad.

Kuiaori Pijiwu (f. Kuiaori Pijiwudo) *s.* - aquele que vem do morro do gavião-da-fumaça: n.p. dos Baad.Cob.

Kuieje Kuri *s.adj.* - grande estrela: n.p. dos Baad.Cob.

Kurugugoe Etoiagare (f. Kurugugoe Etoiagaredo) *s.* - dono da coroa de penas de gavião-caracarai: n.p. dos Baad.Ceb.

Kuruie Eceba *s.* - protetor dos Kuruie: n.p. dos Baad.B. (**Bakoro Kudu**).

Kuruie Eceba *s.* - protetor dos Kuruie: n.p. dos Baad.B. (**Bakoro Kudu**).

M

Meri Baru *s.* - princípio das atividades de Meri: n.p. dos Baad.Ceb.

Meri Bugu *s.* - descobridor do espírito Meri: n.p. dos Baad.B.

Meri Ekureu (f. Meri Ekureudo) *s.adj.* - belo espírito Meri: n.p. dos Baad.B.

Meri Ikare *s.* - possuidor do arco do sol: n.p. dos Baad.B.

Meri Kudu *s.* - grito do espírito Meri: n.p. dos Baad.Ceb.

Meri Kujagu *s.adj.* - belo espírito meri: n.p. dos Baad.Ceb.

Meri Kuri *s.adj.* - grande espírito Sol: n.p. dos Baad.Ceb.

Meriribo *s.* - rio do metal (rio do ouro): n.p. dos Baad.B.

Meritoro (ou Meri Toro) *s.* - tanga do ator espírito Meri: n.p. dos Baad.Cob.

Meri Utawara *s.* - caminho do espírito Meri: n.p. dos Baad.Cob.

N

Noapá Iepa (f. Noapá Iepado) *s.* - lugar da tabatinga: n.p. dos Baad.Cob.

O

- O Akiri** *s.* - penugem branca dos filhotes de socó: n.p. dos Baad.Ceb.
Oca Kudureu (f. Oca Kudureudo) *s.adj.* - forte assobio: n.p. Baad.Cob.
O Jokurea *s.* - listrazinha de plumas perto do olho do Socó: n.p. dos Baad.Cob.
Okoge Atugo (Koge Atugo) *s.* - pintas do dourado: n.p. dos Baad.Ceb.
Okoge Eceba (f. Okoge Ecebado) *s.* - pescador de dourados: n.p. dos Baad.Cob.
Okoge Ekare (f. Okoge Ekaredo) *s.* - enfeite como gordura de dourados: n.p. dos Baad.Ceb.
Okoge Epaiwa *s.* - birote dos dourados como cânula: n.p. dos Baad.Ceb.
Okoge Ewudore *s.* - chocalho dos atores-dourados: n.p. dos Baad.Ceb.
Okoge Kujagureu (f. Okoge Kujagureudo) *s.adj.* - ator-dourado vermelho: n.p. dos Baad.Cob.
Okoge Kurireu (f. Okoge Kurireudo) *s.adj.* - grande peixe dourado: n.p. dos Baad.Ceb e dos Baad.Cob.
O Kujagureu (f. O Kujagureudo) *s.adj.* - socó-boi vermelho: n.p. dos Baad.Cob.
O Kuoda (f. O Kuodago) *s.* - dono do socó: n.p. dos Baad.Ceb. e dos Bak.
Okwakia *s.* - cinto com margem que chia: n.p dos Baad.Cob
O Mugu *s.* - assento do ator-socó: n.p. dos Baad.Ceb. e dos Bak.
O Paradu (f. O Paradago) *s.* - dança do ator-socó: n.p. dos Baad.Cob.
Ora Jokiwu (f. Ora Jokiwudo) *s.adj.* - morador das margens do córr Ora: n.p. dos Baad. Ceb.

P

- Paiku** *s.* - grito de bugio: n.p. dos Baad.Ceb.
Pari Jura *s.* - costela de ema: n.p. da Baad.Ceb.
Pariko Are *s.* - salto do pariko: n.p. dos Baad.Cob.
Pariko Ekureu *s.adj.* - cocar amarelo: n.p. dos Baad.Ceb.
Pobue Ekare *s.v.* - pacus gordos: n.p. dos Baad.Ceb.

R

- Rekobo** *s.* - rio da Traíra: n.p dos Baad.Ceb.
Reko Kujagu *s.adj.* - traíra vermelha: n.p. dos Baad.Ceb.
Reko Kuri *s.adj.* - grande traíra: n.p. dos Baad.Ceb.

T

- Taobá Akadu** *s.* - capacete de plumas listrado: n.p. m. dos Baad.Ceb.
Torokia *s.* - chio do peitoral de pabaçu: n.p. m. dos Baad.Cob.
Torokiareu (f. Torokiareudo) *s.* - peitoral de babaçu chiante: n.p. dos Baad.Cob.
Tuaiporai *s.* - seu longo birote: n.p. m. dos Baad.Ceb

Tugo Ikuiareu *s.adj.* - flecha de cordel: n.p. dos Baad.Veb.

Tunoa Goro *s.* - calda de tabatinga: n.p. m. dos Baad.Ceb.

U

Ukigao Pa (f. Ukigao Pado) *s.* - lugar do pai do chifrudo: n.p. dos Baad.Ceb.

Uwaboreu *s.* - antigo chefe dos Baad Ceb.; antigo chefe dos kie Ceb. (**Ki Bakororo**)

Uwaboreu (f. Uwaboreudo) *s.* - dono do maracá: n.p. dos Kie Ceb. e dos Baad.B.

Uwae Epa (f. Uwae Epado) *s.* - matador de jacarés: n.p. dos Baad.B.

Uwudorereu (f. Uwudorereudo) *s.* - clã possuidor do chocalho de unhas de Porco: n.p. dos Baad. Ceb.

KIE

A

Aigo Enawu *s.* - cauda enfeitada da onça parda n.p. de Kie.

Aigo Enawu Ekureu *s.adj.* - cauda de onça parda enfeitada de penas amarelas e vermelhas: n.p. de Kie Cob..

Aigo Enawu Urugureu *s.adj.* - cauda de onça parda enfeitada de penas vermelhas: n.p. de Kie Ceb.

Aroe Etoro *s.* - tanga do broto de babaçu dos Atores: n.p. de Kie

Aroe Etoro *s.* - tanga do broto de babaçu dos atores: n.p. de Kie.

B

Bai Bugu *s.* - dono da folha de babaçu: n.p. de Kie.

Bai Cereu (f. Bai Cereudo) *s.adj.* - urubu preto: n.p. de Kie Ceb.

Ba Ikare *s.* - dono do arco ba ika: n.p. dos Kie.

Bai Kudawu *s.adj.* - morador da choupana de palha: n.p. de Kie Ceb.

Bai Kudugoda *s.* - lugar do grito do urubu: n.p. de Kie.

Bai Kudugodu *s.* - grito do ator urubu: n.p. de Kie.

Bai Kudawu *s.adj.* - morador da choupana de palha: n.p. de Kie Ceb

Bai Kudugoda *s.* - lugar do grito do urubu: n.p. de Kie.

Bai Kudugodu *s.* - grito do ator urubu: n.p. de Kie.

Ba Kaewu *s.adj.* - coletor de broto de babaçu: n.p. de

Bakado *s.* - n.p. f. de Kie.

Bataro Coreu (f. Bataro Coreudo) *s.adj.* - João pinto preto: n.p. dos Kie.

Bokodori Cereu (f. Bokodori Cereudo) *s.adj.* - tatu canastra preto: n.p. dos Kie Ceb.

Buturo Cereu (f. Buturo Cereudo) *s.adj.* - lagarta preta: n.p. dos Kie Ceb.

Buturo Ekureu (f. Buturo Ekureudo) *s.adj.* - ator lagarta bonito: n.p. dos Kie.Ceb.

Buturoe Ekudu *s.* - grito dos atores-lagartas: n.p. dos Kie.

Buturoe Ekudugoda *s.* - lugar do grito dos atores-lagartas: n.p.m/f. dos Kie.

Buturoe Ekudogodu *s.* - grito dos atores-lagarta: n.p. dos kie.

D

Dorodoge Ecrae *s.* - um outro nome do clã dos Kie.

E

Ekojeba (f. Ekojebado) *s.* - devorador de Bororo: n.p. de Kie Ceb. (**Ki Bakororo**).

Erokuri *s.* - suas grandes ações: n.p dos Kie Ceb. (o famoso capitão Henrique, de Jarudori, tinha este nome. Faleceu na aldeia Garças em 1981).

J

Jure Cereu *s.adj.* - sucuri preto: n.p. dos Kie Ceb.

Jure Edugo (f. Jure Cereudo) *s.* - pintas dos sucuris: n.p. dos Kie.

Jure Ekureu (f. Jure Ekureudo) *s.adj.* - sucuris amarelados: n.p. dos Kie Ceb.

Jure Kurireu (f. Jure Kurireudo) *s.adj.* - grande sucuri: n.p. dos Kie Ceb.

K

Ki Aredu *s.* - n.p. f. de Kie Ceb.

Kiareu (f. Kiareudo) *s.* - o que soa: n.p. dos Kie.

Ki Bakororo *s.* - antepassado dos kie Ceb. (o mais importante chefe de todo o clã dos Kie).

Ki Bakororo *s.* - anta macho: n.p. dos Kie Ceb

Ki Cereu (f. Ki Cereudo) *s.adj.* - anta preta: n.p. dos Kie Ceb

Kie (pl. de Kiedu, f. Kieredo) *s.* - membros do clã cujo principal símbolo é a anta.

Kiedu Kuri *s.adj.* - grande chefe dos Kie: n.p. dos Kie.Ceb. (**Ki Bakororo**).

Kiedu Meredu *s.* - n.p. dos Kie Ceb. (**Ki Bakororo**).

Kie Edugo *s.* - antas pintadas: n.p. m. e f. dos Kie.

Kie Etuje *s.* - mãe dos atores-antas: n.p. dos Kie Ceb.

Kie Ewabo *s.* - maracá dos Kie: n.p. dos Kie.

Ki Kigadu (Ki Kigadureudo) *s.adj.* - anta branca: n.p. dos Kie Cob.

Kurugugwari *s.* - morro do gavião-caracaraí: n.p. dos Kie Ceb.

Kurugugwari Pijiwu (f. Kurugugwari Pijiwudo) *s.adj.* - aquele que vem da aldeia do morro Kurugugwari: n.p. dos Kie Cob.

M

Marege Ekojeba (f. Marege Ekojebado) *s.* - matador de gente: n.p. dos Kie. Ceb. (**Ki Bakororo**).

O

Oieigo Paru *s.* - início do canto oieigo: n.p. dos Kie Ceb.

Okoge Baru (Kogebaru) *s.* - origem da repartição dos nomes próprios dos dourados: n.p. dos Kie Ceb.

Okoge Cereu (f. Okoge Cereudo) *s.adj.* - dourado escuro: n.p. dos Kie Ceb.

Okoge Eworo *s.* - enfeite dos atores-dourados: n.p. dos Kie Ceb

Okoge Jemagudureu (f. Okoge Jemagudureudo) *s.* - indicação dos nomes dos dourados: n.p. dos Kie.

Okoge Kaworu *s.* - dourado escuro: n.p. dos Kie.

P

Pari Ao *s.* - cabeça de ema: n.p. dos Kie Ceb

Pari Torireu *s.adj.* - ema como pedra: n.p. dos Kie.

T

Tane Upe *s.* - canto augurento do quero-quero: n.p. m. dos Kie.

Taopé *s.* - urubu-caçador: n.p. dos Kie.

Toro Akadu *s.adj.* - célebre antepassado chefe do sub-clã dos Kie Cob. (=Kudoro).

Toro Akadu *s.adj.* - tanga de babaçu listrada: n.p. m/f. dos Kie Cob.

Toro Okwakiri *s.adj.* - cintura do peitoral de babaçu ornada de penugem branca: n.p. f. dos Kie.

Toroparadu (f. Toroparadago) *s.* - peitoral dançante de babaçu: n.p. dos Kie.

Toropereu *s.* - tanga menor de babaçu: n.p. m. dos Kie.

Tuitorogo *s.* - pássaro tuitorogo: n.p. m/f. dos Kie Cob.

BOKODORI ECERAE

A

Aeno *s.* - focinho de onça: n.p. de Bok Ceb.
Aogwa Cereu (f. Aogwa Cereudo) *s.adj.* - ticiticorei escuro: n.p. dos Bok.Cob.
Aogwa Kuri (f. Aogwarodo) *s.adj.* - ticiticorei macho: n.p. de Bok Cob.
Aribugu *s.* - dono do espírito lua: n.p. de Baad.B.
Arigao Aeno *s.* - cão com nariz de jaguar: n.p. de Bok. Ceb.
Arigao Eguguri *s.adj.* - pequenos cães: n.p. de Bok.Ceb.
Arigao Kigadureu (f. Arigao Kigadureudo) *s.adj.* - cão branco: n.p. de Bok. Cob.
Arigao Koca *s.adj.* - cão de pescoço preto: n.p. de Bok. Cob.
Aroe Ekowuda *s.* - lugar da queimada dos Bok.: n.p. de Bok.
Aroe Ekudu *s.* - Grito dos Bokodori Ecerae: n.p. de Bok.
Aroe Okuoda *s.* - dono do espírito Socó (cf. **Aroe Ekuoda**): n.p. dos Bok.
Arogia (f. Arogiareudo) *s.* - barulho de plumas: n.p. de Bok.Cob. (cf. boe ekenawu).
Arogiareu (f. Arogiareudo) *s.* - parecido com barulho de plumas: n.p. de Bok.Cob. (cf. boe ekenawu)
Aromere Ekenawu (f. Aromere Ekenawudo) *s.* - lagarta fantasma com os enfeites dos Bokodori Ecerae: n.p. dos Bok. Ceb..

B

Bakarae Ekureu *s.adj.* - Bakarae bonito (amarelo): n.p. dos Bok.
Bakaraia Ikare *s.* - Dono do Arco Bakaraia Ika: n.p. dos Bok.
Bakoro Ao Gejewu *s.adj.* - pássaro ecogo (bemtevi) (cf. EBII, lenda: "Os Chefes Baitogogo e Akaruiu Boroge vão chefiar o reino dos mortos"): n.p. dos Bok.Cob.
Bakoro Utu *s.* - saída de Bakororo: n.p. m. de Bok. Cob.
Bakuja Towu (f. Bakuja Towudo) *s.adj.* - aquele que chega atrás das choupanas: n.p. de Bok. Cob.
Bameri Pijiwu (f. Bameri Pijiwudo) *s.adj.* - aquele que vem do morro **Bameri**: n.p. de Bok.B.
Bari Epa (f. Bari Epado) *s.* - matador de um xamã dos espíritos: n.p. dos Bok Cob.
Barubo Oiagiwu (f. Barubo Oiagiwudo) *s.adj.* - o que atravessa a lagoa: n.p. dos Bok.
Bataro Ekureu (f. Bataro Ekureudo) *s.adj.* - João pinto amarelo: n.p. dos Bok.
Bokodaga Ekureu (f. Bokodaga Ekureudo) *s.adj.* - tembetá de resina amarela: n.p. dos Bok.
Bokodore Eregodu (f. Bokodore Eregodago) *s.* - corrida dos tatus-canastra: n.p. dos Bok.
Bokodore Eridu *s.* - remessa dos tatus canastra: n.p. m/f. dos dos Bok.
Bokodore Etogiwu (f. Bokodore Etogiwudo) *s.* - distribuidor dos nomes dos tatuscanastra: n.p. dos Bok.
Bokodori Akiri *s.* - colar de unhas de tatu canastra ornado de branca penugem: n.p.. m. dos Bok.
Bokodori Baru *s.* - origem do tatu canastra: n.p.m. dos Bok. Cob.
BokodoriCereu (f. Bokodori Cereudo) *s.adj.* - tatu canastra preto: n.p. dos Kie Ceb.
Bokodori Ekureu (f. Bokodori Ekureudo) *s.adj.* - tatu canastra amarelo: n.p. dos Bok.Cob.

Bokodori Inogi Kujagureu (f. Bokodori Inogi Kujagureudo) *s.adj.* - representante vermelho dos tatu-canastra: n.p. dos Bok Ceb.

Bokodori Kuoda (f. Bokodori Kuodago) *s.* - dono do tatu canastra: n.p. dos Bok.

Bokodori Paradu (f. Bokodori Paradago) *s.* - dança do colar de unhas de tatu canastra: n.p. dos Bok.

Bokodori Ware (Bokodoriware) *s.* - nome geral dado aos membros do clã dos Bok.: n.p. m. dos Bok.

Borobotowu (Boro Bo Towu) *s.* - nome atualmente usado por um Bok. de Meruri.

Butugo Cereu (f. Butugo Cereudo) *s.adj.* - bem-te-vi escuro: n.p. dos Bok.Cob.

Butugo Ekureu (f. Butugo Ekureudo) *s.adj.* - bem-te-vi bonito: n.p. Bok Ceb.

Butugo Kudu *s.* - canto do bem-te-vi: n.p. m/f. dos Bok.

C

Cenawu Kuri *s.adj.* - seu belo enfeite: n.p. m. de Bok. Cob.

Cerae (pl. de Ceraedu, f. Ceraredo; vrt. Ecerae) *s.* - os fracos: metade exogâmica da nação bororo, situam-se do lado norte da aldeia. (ver. **Ecerae**)

Cibae *s.* - nome ritual dado ao clã dos Bok.

Cibae Eceba (Cibae Ecebado) *s.* - criador de araracangas: n.p. de Bok.Ceb.

Ciba Ecerae *s.* - nome dado aos membros do clã dos Bok.

Cibae Egaru *s.* - proclamação dos nomes das araracangas: n.p. de Bok.Ceb.

Cibae Egurea *s.* - listras dos olhos das araracangas: n.p.m/f. de Bok.

Cibae Eiari Pijiwu (f. Cibae Eiari Pijiwudo) *s.adj.* - procedente do morro Cibae Eiari: n.p. de Bok. Cob.

Cibae Eiga Kejewu *s.adj.* - artesão do arco Cibae eiga n.p. m/f. dos Bok.

Cibae Ekudawu (f Cibae Ekudawudo) *s.* - sustentador das araracangas: n.p. de Bok C eb.

Cibae Ekureu (f. Cibae Ekureudo) *s.adj.* - arara amarela n.p. de Bok. Ceb.

Cibae Emaga (f.Cibae Emagado) *s.* - bando de araracangas: n.p. de Bok.

Cibae Emagu (Cibae Emagudago) *s.* - repartição dos nomes das araracangas: n.p. de Bok.

Cibae Emeru *s.* - viagem dos Bokodori Ecerae: n.p. m/f. de Bok.

Cibae Erigiga *s.* - poleiro das araracangas: n. p m/f. dos Bok. Cob.

Cibae Erugu *s.* - Araracangas Vermelhas: n.p. m/f. dos Bok. Cob.

Cibae Etoda (ou Cibae Etada) *s.pp.* - companheiro das araracangas: n.p. m/f. de Bok.

Cibae Etaga *s.* - peninhas da cabeça das araracangas: n.p. dos Bok

Cibae Etogiwu (f. Cibae Etogiwudo) *s.adj.* - o que vai enfrente das araracangas: n.p. dos Bok Ceb.

Cibae Etuwie *s.* - irmão menor do clã dos Bok.: n.p. m/f. dos Bok.Ceb.. (chamam-se também: **Ino Kuri** ou **Ecerae**)

Cibae Ewaguru *s.* - abanico com plumas vermelhas: n.p. m/f. dos Bok.

Cibae Ikare (f. Cibae Ikaredo) *s.* - dono do arco Cibae eiga: n.p. dos Bok.

Cibae Modojeba (f. Cibae Modojebado) *s.* - distribuidor dos nomes das araracangas: n.p. de Bok.Cob. (A célebre Rosa Bororo tinha este nome).

Cibae Kuoda (f. Cibae Kuodago) *s.* - dono dos nomes das araracangas n.p. dos Bok.

Cibairago *s.* - parenta do clã dos Bok: n.p. f. de Bok. Cob.

E

Ecerae Ekowuda (f. Ecerae Ekowudago) *s.* - lugar onde os Bokodori se queimaram: n.p. dos Bok.

Ecerae Ewagu *s.* - abanico dos Bok.: n.p. m/f. dos Bok.

Enawu Paradureu (f. Enawu Paradureudo) *s.adj.* - colar dançante: n.p. dos Bok.

Enawureu (f. Enawureudo) *s.* - dono do colar enawu: n.p. dos Bok.

I

Ika Akiri *s.* - penugem da trombeta: n.p. m/f. dos Bok.

Ika Ako Jemaru *s.adj.* - triste som da trombeta: n.p. m/f. dos Bok.

Ika Togiwu (f. Ika Togiwudo) *s.adj.* - representante de um defunto: n.p. dos Bok.

Iturawore (f. Ituraworedo) *s.* - tatu-da-floresta: n.p. dos Bok.

K

Kaigu *s.* - n.p. dos Bok. Cob.; principal chefe dos Bok.

Kiegewo Ekureu (f. Kiegewo Ekureudo) *s.adj.* - adorno kiegewo ekureu: n.p. dos Bok. Ceb.

Ki Kigadu (Ki Kigadureudo) *s.adj.* - anta branca: n.p. dos Kie Cob.

Kiogoaro Kurireu (f. Kiogoaro Kurireudo) *s.adj.* - grande kiogoaro: n.p. dos Bok Cob.

Kiogo Birikedu *s.adj.* - ave implume: n.p. dos Bok. Cob.

Koca *s.* - sin. de Arigao Koca: n.p. de Bok.Cob.

Koe Akiri *s.* - colar penugento: n.p. dos Bok.

Koe Edugo *s.* - colares pintados: n.p. m/f. dos Bok.

Koe Enawu (f. Koe Enawudo) *s.* - colar enfeitado: n.p. dos Bok.

Koe Etaro *s.* - plumas de arara do colar koe: n.p. dos Bok.

Koe Ewaguro *s.* - barbatanas do colar koe: n.p. m/f. dos Bok.

Koe Kireru *s.* - Catinga dos Colares: n.p. m/f. dos Bok.

Koe Okwa Akiri *s.* - colar penugento: n.p. m/f. dos Bok.

Kogoriga Cereu (f. kogoriga Cereudo) *s.adj.* - galo preto: n.p. dos Bok. Cob.

Kogoriga Kudu *s.* - Canto do Galo: n.p. dos Bok.

Kogoriga Kuri *s.* - grande galo: n.p. dos Bok.Cob.

Koiwo Aogajewu (f. Koiwo Aogajewudo) *s.adj.* - ave dos termiteiros: n.p. dos Bok.Ceb.

Koiwo Kejewu (f. Koiwo Kejewudo) *s.adj.* - ave dos termiteiros: n.p. dos Bok.Ceb.

Koiwo Kuri *s.adj.* - grande termiteiro: n.p. dos Bok Ceb.

Kunowuio *s.* - papagaio verde-escuro: n.p. dos Bok. Cob.

Kuogori Pijiwu (f. Kuogori Pijiwudo) *s.* - Aquele Que Vem da Aldeia do Morro Kuogori: n.p. dos Bok. Cob.

Kurugugoe Ewadaru *s.* - canto sobre as penas do gavião-caracaraí: n.p. dos Bok.

M

Magure *s.* - barbatana: n.p. dos Bok.Cob.

Magurereu (f. Magurereudo) *s.* - indivíduo recoberto de barbatanas: n.p. dos Bok. Cob.

Meriribo Bororo *s.* - aldeia do rio Meriribo: n.p. dos Bok. Cob.

Metugu *s.* - pomba: n.p. de Bok.

Metugubo Bororo Pijiwu *s.adj.* - aquele que vem da aldeia Metugubo: n.p. dos Bok.

Mokureabo *s.* - nome de um bororo Ap. **Mokuropa** *s.* - n.p. dos Bok.

O

Oiru *s.* - que arrasta a cauda: n.p. dos Bok.

O Irureu *s.adj.* - que arrasta a cauda: n.p. dos Bok.

Okogebo *s.* - rio dos dourados: n.p. dos Bok.

Okogebo Jokiwu (f. Okogebo Jokiwudo) *s.adj.* - aquele que desce pelo rio Okogebo; n.p. dos Bok.

Okgebore *s.* - correnteza do rio dos dourados: n.p. dos Bok. eb.

OkogeEcerae *s.* - membros do clã denominado também **Bokodori Ecerae**, ou **Aroe**, ou **Cibae Ecerae**.

Okoge Edada (f. Okoge Edadago) *s.adj.* - habitantes da casa dos dourados: n.p. dos Bok

Okoge Edugo *s.* - pinta dos dourados: n.p. dos Bok.

Okoge Erigiga *s.* - estaca dos atores-Dourados: n.p. dos Bok.

Okoge Erudu *s.* - cardume de dourados: n.p. dos Bok.

Okoge Erugo *s.* - outro nome de **Ino Kuri**, Bok.Ceb.

Okoge Erugo *s.* - catinga dos dourados: n.p. dos Bok Ceb.

Okoge Etoriga *s.* - barbatana dorsal dos dourados: n.p. dos Bok.

Okoge Etoro *s.* - tanga dos atores-dourados: n.p. dos Bok.

Okoge Etoweari *s.* - vômito dos dourados: n.p. dos Bok.

Okoge Etugo *s.* - flecha do ator-dourado: n.p. dos Bok.

Okoge Etuje *s.* mãe dos atores-dourados: n.p. dos Bok.Ceb.

Okoge Etuwie *s.* - irmã menor dos Bok.: n.p. dos Bok. Ceb.

Okoge Ewaguro *s.* - barbatana peitoral dos dourados: n.p. dos Bok.

Okoge Eworo *s.* - enfeite dos atores-dourados: n.p. dos Kie Ceb.

Okoge Ewororo *s.* - aldeia dos Bok.: n.p. dos Bok.

Okoge Kigadureu (f. Okoge Kigadureudo) *s.* - dourado claro: n.p. dos Bok.Cob.

Okoge Kudu *s.* - grito do ator-dourado: n.p. dos Bok.Cob.

Okoge Kudugoda *s.* - lugar do grito dos atores dourados: n.p. dos Bok. Cob.

Okoge Kudugodu *s.* - grito incipiente dos atores-dourados: n.p. dos Bok Cob.

Okoge O Kuoda (f. Okoge O Kuodago) *s.* - dono do dourado: n.p. dos Bok.

Ore Eimejera (f. Ore Eimejerago) *s.* - criador de periquitos-estrela: n.p. dos Bok. Cob.

Otada (f. Otadago) *s.* - lugar de preparação dos atores-socó: n.p. Bok.Cob.

P

Pariko Bataru *s.* - canto do pariko: n.p. dos Bok

Porireu *s.* - dono do pote: n.p. dos Bok Cob.

Poruiepa *s.* - pescador de jaú: n.p. dos Bok.

Powari Epa *s.* - tocador de gaita: n.p. dos Bok.Cob.

T

Tagaguie *s.* - vossa criação: n.p. m/f. dos Bok.

Tagaguie Reaiwu (f. Tagaguie Reaiwudo) *s.adj.* - Aquele Que devolveu vossa criação: n.p. dos Bok.Ceb.

Tagaguie Togiwu (f. Tagaguie Togiwudo) *s.adj.* - aquele que recebeu vossa criação: n.p. Bok.Cob.

Tagaguie Togiwudo *s.adj.* - célebre antepassada do sub-clã dos Bok.Cob.

à qual se atribui e introdução do chocalinho.

Toiaga Kuri (f. Toiagaredo) *s.adj.* - palmeira de grande coma: n.p. dos Bok.

Toiagaredo *s.* - f. de **Toiaga Kuri**: n.p. dos Bok.

Tugamo Aogejewu (f. Tugamo Aogejewudo) *s.adj.* - deitado no jirau: n.p. dos Bok.

Tugodaga Ekureu (f. Tugodaga Ekureudo) *s.adj.* - asas amarelas da flecha: n.p. dos Bok.Ceb.

Tugodaga Kujagureu (f. Tugodaga Kujagureudo) *s.adj.* - asas vermelhas da flecha: n.p. dos Bok. Cob.

Tugo Icirareu (f. Tugo Icirareudo) *s.adj.* - grandes pregos para os cabelos: n.p. dos Bok. Cob.

Tugo Kiareu *s.adj.* - barulho da flecha : n.p. dos Bok.

Tugure Ekureu (f. Tugure Ekureudo) *s.adj.* - ariranha bonita: n.p. dos Bok.Cob.

Tugure Etuo *s.* - pai do clã das ariranhas: n.p. m. dos Bok.Cob.

Tuo Utu Kuri *s.adv.* - improvisa saída do seu pai: n.p. m. dos Bok.Cob.

U

Uiagomeareu (f. Uiagomeareudo) *s.* - plumagem linda como o peitoral jakomea: n.p. dos Bok.

Ukuie Akoreu (f. Ukuie Akoreudo) *s.adj.* - colar chiante: n.p. dos Bok.

Ukuie Motudureu (f. Ukuie Motudureudo) *s.adj.* - clã com colares pesados: n.p. dos Bok.

Ukuie Tugigireu (f. Ukuie Tugigireudo) *s.adj.* - possuidor de colares chiantes: n.p. dos Bok.

Upogogareu (f. Upogogareudo) *s.* - clã dono da cabaça: n.p. dos Bok.Cob.

Uworo Kurireu (f. Uworo Kurireudo) *s.adj.* - grande retribuição: n.p. dos Bok.

Uworo Meru *s.* - retribuição que dança: n.p. m/f. dos Bok.

Uwororeu (f. Uwororeudo) *s.* - clã possuidor da recompensa: n.p. dos Bok.

BAKORO ECERAE

A

Akaruio Bokodori *s.adj.* - o ilustre tatucanastra. n. pr. de Bak.

Akaruio Ecerae *s.adj.* - nome dado ao clã dos O Ecerae, designados também, **Muguio Ecerae**.

Akigurodo *s.* n.p. f. dos Bak.

B

Baigorodo *s.n.p.* de mulher Bak., progenitora deste sub-clã.

Bakoro *s.* f. abreviada de Bakororo.

Bakoro Ekureu (f. Bakoro Ekureudo) *s.adj.* - os belos Bakorodoge: n.p. dos Bak.

Bakoro Mugu *s.* - morada de Bakororo: n.p. dos Bak.

Bakoro Paradu (f. Bakoro Paradago) *s.* - dança dos Bakororodoge: n.p. dos Bak

Bakororo Paradu *s.* - sinônimo de Bakoro Paradu.

Bakoro Uwuria (f. Bakoro Uwuriarodo) *s.* - (embira de Bakororo): n.p. dos Bak.

Bakoro Wabe *s.* - gêmeo. Bakoro menor: n.p. dos Bak.

Bokwarebo *s.* - peixe bokwarebo: n.p. dos Bak., denominado também **Boro Kuoda** ou **Mamuiawuge Eceba**.

Boro Bari Towu *s.adj.* - morador da cabacinha ritual enfeitada de caramujinho: n.p. dos Bak.

Boro Bugu *s.* - dono dos enfeites ornados com fragmentos de caracolzinho: n.p. m. dos Bak. e dos Boro E.

E

Ecera Baru *s.* - princípio do poder dos Ecerae: n.p. dos Bak.

Eedojeba (f. Eedojebado) *s.* - protetor dos Bororo: n.p. dos Bak. (**Mamuiawuge Eceba**, chamado também **Aroe Eceba**, ou **Kidoe Eceba**, ou **Pegagoe Eceba**, ou **Pawoe Eceba**, ou **Bakugu Kuri**, ou **Eigawa Enawureu**, ou **Podoja Towu**, ou **Uiagudu Maga**, ou **Okogogu**, foi o mais famoso)

Eigawa Are *s.* - dono das Rêmiges dos gaviões-reais: n.p. de Bak. (quem primeiro teve este nome foi o chefe **Akaruio Bokodori**).

Eigawa Enawureu (f. Eigawa Enaureudo) *s.adj.* - prego enfeitado para os cabelos, de pena de asa de gavião-real: n.p. dos Bak. (o primeiro que teve este nome foi o chefe **Mamuiawuge Eceba**).

Ekoe Cereu (f. Ekoe Cereudo) *s.adj.* - espírito Ekoe (n.p. dos Bak. (O famoso capitão Cadete tinha este nome).

Ekoe Ekudu *s.* - grito dos atores da representação **Ekoe Aroe:** n.p. dos Bak.

Enogujeba (f. Enogujebado) *s.* - peixinho enogujeba: n.p. dos Bak.

Enogujeba Ecerae *s.* - membros do sub-clã dos Bak.

I

Iku Cereu (f. Iku Cereudo) *s.adj.* - cinto preto: n.p. dos Bak.

Itubore Kurireu (f. Itubore Kurireudo) *s.adj.* - grande Itubore: n.p. dos Bak. (Akaruio Bokodori)

Itubore Togiwu (f. Itubore Togiwudo) *s.adj.* - o que está na frente de Itubore (Akaruio Bokodori).n.p. de Bak.

J

Jatowu *s.* - espírito Bokodori: n.p. dos Bak.

Jatuguri *s.* - Morro do Cajá :n.p. dos Bak.; progenitora deste sub-clã.

K

Kaiwara Enawu (f. Kaiwara Enawudo) *s.* - baqueta enfeitada: n.p. dos Bak.

M

Mamori Ekureu (f. Mamori Ekureudo) *s.adj.* - gafanhoto bonito: n.p. dos Bak.

Mamori Kurireu *s.adj.* - grande gafanhoto: n.p. dos Bak.

Mamori Oro *s.* - gafanhoto pequeno: n.p. dos Bak.

Mamuiawuge Eceba *s.* - célebre antepassado do sub-clã dos Bak.; n.p. dos Bak.

Muguio Bokodori *s.* - lugar dos enfeites de unhas de tatu-canastra: n.p. dos Bak.

Muguio Ecerae *s.* - n.p. dos Bak.

O

Okogudu *s.* - pó de arenito: n.p. dos Bak.

P

Pana Are *s.* - salto do pana: n.p. dos Bak.

Pana Togiwu (f. Pana Togiwudo) *s.adj.* - o que vai ao encontro do pana: n.p. dos Bak.

Parira Kuri *s.adj.* - belo flautim: n.p. dos Bak.

Pariko Ekureu *s.* - cocar amarelo: n.p. dos Boro Ec.

Pawoe Eceba (ou Pawe Eceba) *s.* - pescador de pawoe: n.p. dos Bak.

Pegagoe Eceba *s.* - matador de marimbondos: n.p. de Bak.

T

Toroe Eceba (f. Toro Ecebado) *s.* - caçador dos gaviões toroa: n.p. dos Bak.

Turugudu Pijiwu (f. Turugudu Pijiwudo) *s.adj.* - nascido das cinzas de sua choupana: n.p. dos Bak.

U

Uiagudu Maga *s.adj.adv.* - muito bondoso:
n.p. m. dos Bak. (**Mamuiawuge Eceba**).

Upaiwareu (f. Upaiwareudo) *s.* - birote como cânula: n.p. dos Bak. e dos Boro E.

Uwuriareu (f. Uwuriareudo) *s.* - clã possuidor da embira: n.p. dos Bak.

2. NOMES PRÓPRIOS DA METADE TUGAREGE

PAIWOE

A

Aedo Are *s.* - dono da cauda da onça: n.p. de P.Cob.

Aedo Enawu Bureu *s.* - part. coroa de cauda de onça enfeitada com plumas amarelas: n.p. de P. Cob.

Aedo Enawu Kujagureu *s.adj.* - coroa de cauda de onça enfeitada com plumas vermelhas: n.p. de P.Ceb.

Aro Ekureu (f. Aro Ekureudo) *s. adj.* - pluminha amarela: n.p. de P.

Ató Ekureu *s.adj.* - Jabuti amarelado: n.p. dos P. Ceb.

Ató Kuri (f. Atorordo) *s.adj.* - grande jabuti: n.p. dos P.Cob.

Ató Kurireu (f. Ató Kurireudo) *s.adj.* - grande jabuti: n.p. dos P.Cob.

Aturua Akiri *s.* - branca tanga de Aturua: n.p. de P.

Aturua Ekiga *s.* - chifre de Aturua (meia lua de metal): n.p. dos P.

Aturua Bororo *s.* - aldeia de Aturua: n.p. dos P.

Aturua Ekureu (f. Aturua Ekureudo) *s.adj.* - Aturua amarelo: n.p. dos P.Cob.

Aturua Etuje *s.* - mãe dos Aturua: n.p.f. dos P.Cob.

Aturua Ikare *s.* - dono do arco aturua Ika: n.p. dos P.

Aturua Mugu *s.* - Lugar de Aturua: n.p. dos P.

Aturuari *s.* - nome bororo do Morro Itacolomi; n.p. dos P.

Awurureu *s.* - urucuzeiro: n.p. dos P.

B

Baiporo *s.* - vão da porta: n.p. de P.

Baku Paradu *s.adj.* - abanico dançante: n.p. m. de P.Cob.

Bakure (f. Bakuredo) *s.* - macaco bakure: n.p. de P.

Barubo Oiadowu (f. Barubo Oiadowudo) *s.adj.* - o que foi no meio da lagoa: n.p. dos P.

Buturori *s.* - pedra, calhau: n.p..m/f. dos P.

Buturori Akiri *s.* - calhau penugento: n.p. m/f. dos P.

Buturori *s.* - pedra, calhau: n.p..m/f. dos P.

Buturori Akiri *s.* - calhau penugento: n.p. m/f. dos P.

Buturori Atugo *s.* - pedra pintada: n.p. m/f. dos P.

Buturori Cereu (f. Buturori Cereudo) *s.adj.* - calhau preto: n.p. dos P. Ceb.

Buturori Kujagureu (f. Buturori Kujagureudo) *s.adj.* - calhau vermelho: n.p. dos P.Cob.

Buturori Kurireu (f. Buturori Kurireudo) *s.adj.* - grande calhau: n.p.m/f. dos P.Ceb.

Buturori Kuoda *s.* - dono do calhau: n.p. dos P.

J

Jerigigi Atugo *s.* - pintas de cágado: n.p. dos P. (**Toribugu**).

Jokuruga *s.* - olhos lacrimosos: n.p. dos P.

K

Kaidaga Kurireu (f. Kaidaga Kurireudo) *s.adj.* - grande folha de acumã: n.p. dos P.

Kaidagare (f. Kaidagaredo) *s.* - dono da folha palmeira acumã: n.p. dos P.

Kiogo Ekureu *s.adj.* - arara amarela: n.p. dos P.

Koroge (pl. de Korogedu) *s.* - designação de uma tribo inimiga, vencida e incorporada ao clã dos P.Cob.

Korogedu (sing. de Koroge) *s.* - indivíduo da tribo dos **Koroge**.

Kugo Cereu (f. Kugo Cereudo) *s.adj.* - gavião quiriquiri preto: n.p. dos P.C eb.

Kuiagu *s.* - gavião-da-fumaça: n.p. dos P. Cob.

Kuidori *s.* - morro da arara: n.p. dos P.

Kuidori Pijiwu *s.adj.* - o que vem da aldeia do morro da arara: n.p. dos P.

Kugo Kuri *s.adj.* - grande gavião quiriquiri: n.p. dos P. Cob.

Kuogoreu *s.* - arara amarela: n.p. dos P.

M

Meakuri *s.* - grande cutia: n.p. dos P.

Meriri Baru *s.* - célebre antepassado chefe do sub-clã dos P.Cob.; Início da fabricação dos enfeites de metal: n.p. dos P.

Meriri Ekureu *s.adj.* - adorno de ouro: n.p. dos P.

Meriri Kigadu *s.adj.* - (metal branco): enfeite de prata: n.p. dos P.

Meriri Kigadureu *s.adj.* - enfeite de prata: n.p. dos P.

Meriri Kurireu (f. Meriri Kurireudo) *s.adj.* - grande labrete de metal: n.p. dos P.

Meriri Kuoda (f. Meriri Kuodago) *s.* - dono do metal: n.p. dos P. (primeiro Bororo a ver os Missionários nos Tachos: cf. EBII pg. 1239)

Meriri Otoduia *s.* - lugar onde se trabalha um metal: n. p dos P. (tinha este nome o célebre

Uke Iwagu Uo *s.* - que protegeu da morte os missionários no início da Missão nos Tachos: cf. ib).

Meriri Paradu *s.* - metais dançantes: n.p. dos P.

Nonogo Pori *s.* - Bola de Pasta de urucu: n.p. dos P.Ceb.

O

Okogereu (f. Okogereudo) *s.* - enfeite belo como peixe dourado: n.p. dos P.

P

Paiwoe Egiri *s.* - penugem branca dos Paiwoe: n.p. dos P.

Pudugare *s.* - dono do pente: n.p. dos P.

R

Rubugu *s.* - pescobridor do sapo: n.p. dos P.

T

Tagogo *s.* - coruja-do-campo: n.p. m. dos P.

Tore Morora *s.* - escarpa dos morros: n.p. m. dos P.Ceb.

Tori Atugo *s.* - desenho da pedra: n.p. m. dos P.Ceb.

Tori Atugo *s.* - progenitora do sub-clã dos P.Ceb.

Toribugu *s.* - célebre antepassado do sub-clã dos P.Ceb.

Toribugu *s.* - dono da pedra: n.p. m/f. dos P.Ceb.

Tugiga Tabowu (f. Tugiga Tabowudo) *s.adj.* - o chifrudo: n.p. dos P.Ceb.

Turubare Kuri *s.adj.* - grande pato: n.p. m. dos P.

U

Ukiga Kia *s.* - chio dos chifres do veado-galheiro: n.p. dos P.

Ukiga Meriri *s.* - chifre duro como metal: n.p. dos P.

Utobaga Cereu (f. UtobagaCereudo) *s.adj.* - espírito Utobaga preto: n.p. dos P. Ceb.
Utobaga Etuje *s.* - mãe dos atores Utobagadoge: n.p. f. dos P.
Utobaga Kudu *s.* - grito dos atores Utobagadoge: n.p. dos P.
Utobaga Kuri *s.adj.* - grande espírito Utobaga: n.p. dos P.
Utugo Kiareu (f. Utugo Kiareudo) *s.adj.* - sua flecha chiante: n.p. dos P.
Uwoigarareu ou Uwaigarareu (f. Uwoigarareudo) *s.* - dono do arco infantil: n.p. dos P.

APIBOREGE

A

Adugo Meri *s.* - jaguar feroz: n.p. de Ap.
Akaruio Boroge *s.adj.* - chefe dos Boroge. n. pr. de Ap Ceb
Akiribareu (f. Akiribareudo) *s.* - penugem branca espalhada: n.p. dos Ap.
Akiribareu (f. Akiribareudo) *s.* - penugem branca espalhada: n.p. dos Ap.
Akiri Kodureu (f. Akiri Kodureudo) *s.adj.* - branca penugem Voadora: n.p. dos Ap.
Akiri Ruko *s.* - branca penugem de mau cheiro. n.p.f. dos Ap.
Akurara *s.* - o pacu-peba : n.p. m. de Ap.
Aokugogu Kurireu (f. Aokugogu Kurireudo) *s.adj.* - grande amarradura de cabeça vermelha: n.p. de Ap.
Aroe Eceba Kurireu (f. Aroe Eceba Kurireudo) *s.adj.* - grande gaviãoreal; n.p. de Ap.
Aroe Eceba Kurireu (f. Aroe Eceba Kurireudo) *s.adj.* - grande gaviãoreal; n.p. de Ap.
Aro Kurireu (f. Aro Kurireudo) *s.adj.* - grande tectriz inferior das asas de gaviões: n.p. de Ap.

B

Bakoro Pijiwu (F Bakoro Pijiwudo) *s.adj.* - proveniente do ocidente: n.p. de Ap.Cob.
Bakure Ekureu (f. Bakure Ekureudo) *s.adj.* - n.p. de Ap.Cob.
Baradu Ruko *s.* - catinga do ninho do gavião real: n.p. m/f. de Ap.

E

Enogureu (f. Enogureudo) *s.* - gavião real com penas novas: n.p. dos Ap

I

Ikawa Kurireu (f. Ikawa Kurireudo) *s.adj.* - grande prego ornamental de pena de asa de gavião-real: n.p.dos Ap.

Ikoru Kurireu (f. Ikoru Kurireudo) *s.adj.* - bela estrela: n.p. dos P.**Ikuie Egiri S.** - brincos de peles de tucaninho ornados de penugem branca): n.p. dos Ap.

Ikuie Ekureu *s.adj.* - lindo tucaninho: n.p. Ap.Cob.

Ikuimomo Coreu (f.Ikuimomo Coreudo) *s.adj.* - espírito Ikuimomo preto: n.p. Ap.Ceb.

Ikuimomo Ekureu (f. Ikuimomo Ekureudo) *s.adj.* - espírito Ikuimomo amarelo: n.p. dos Ap. Cob.

Ikuira (f. Ikuirarodo) *s.* - n.p. dos Ap. Ceb.

Imore *s.* - acuri enfeitado: n.p. dos Ap.Ceb. (**Akaruio Boroge**).**Ipare Eimejera (f. Ipare Eimejerago)** *s.* - chefe dos rapazes: n.p. dos Ar. Cob. (**Baitogogo**).

Ipare Ekiga *s.* - prego para os cabelos dos moços: n.p. dos Ap.Cob.

Ipare Ekudu *s.* - grito dos moços Ap. Cob.: n.p. dos Ap.Cob.

Itubore *s.* - (antigo Akirio Boroge Ap.Ceb): um dos principais heróis lendários chamado também Itubore Pijiwu; reino dos mortos no rumo oriental da aldeia, chefiado por Itubore; leste, oriente.

Itubore Makuda (f. Itubore Makudago) *s.* - dádiva do herói **Itubore**: n.p. dos Ap. Ceb.

Itubore Pijiwu (f. Itubore Pijiwudo) *s.adj.* - ator que vem do oriente: n.p. dos Ap.Ceb.

K

Kirogorodo *s.* - progenitora dos Ap.Ceb.; n.p. f. dos Ap. C eb.

Kurugugoe Ewudore *s.* - célebre antepassado do sub-clã dos Ap.Cob.; chocalho de unhas dos atores de Kurugugoe Aroe: n.p. dos Ap.Cob.

Kurugugwa (ou Kuruguga) *s.* - gavião-caracaraí: n.p. dos Ap.Cob.

Kurugugwa Kudu *s.* - grito do gavião-caracaraí: n.p. dos Ap.Cob.

Kurugugwa Oro *s.* - ator que interpreta e representa o filhote de gavião-caracaraí: n.p. dos Ap.Cob.

M

Merege *s.* - célebres antepassados do sub-clã dos Ap.B.

Meri Rutu Pijiwu (f. Meri Rutu Pijiwudo) *s.adj.* - aquele que vem do oriente: n.p. dos Ap.Ceb.

P

Pana Akiri *s.* - branca penugem do pana: n.p. dos Ap.

Pana Bugu *s.* - dono do pana: n.p. dos Ap.Ceb.

Pana Iwabe *s.* - pana canhoto: n.p. dos Ap.

Pana Makuda (f. Pana Makudago) *s.* - lugar onde é oferecido o pana: n.p. dos Ap.

Pana Makudu *s.* - oferta do pana: n.p. dos Ap.

Pana Okuoda (f. Pana Okuodago) *s.* - dono do pana: n.p. dos Ap.

Parabara Ekureu (f. Parabara Ekureudo) *s.adj.* - belo ator da representação dos parabaradoge
Aroe: n.p. dos Ap.Cob.

Parabara Eregodu *s.* - corrida dos parabaradoge: n.p. dos Ap.

Parabara Kudu *s.* - grito dos parabaradoge: n.p. de Ap.Cob.

Powari Tabowu (f. Powari Tabowudo) *s.adj.* - portador aa cabacinha-apito: n.p. dos Ap.

T

Toroa Akiri *s.* - penugem do gavião Toroa: n.p. m/f. dos Ap.

Toroa Akiridojeba (f. Toroa Akiridojebado) *s.* - aquele que se empluma de penugem branca de gavião: n.p. dos Ap.Cob.

Toroa Cereu (f. Toroa Cereudo) *s.adj.* - gavião escuro: n.p. dos Ap.Ceb

Toroa Meru *s.* - vôo do gavião toroa: n.p. m. dos Ap.

Toroa Pijiwu (f. Toroa Pijiwudo) *s.adj.* - o que vem do morro do gavião Toroa: n.p. dos Ap.

Toroari *s.* - morro do gavião toroa: n.p. m/f. dos Ap. Ceb.

Tubore Cereu (f. Tubore Cereudo) *s.adj.* - lambari escuro: n.p. dos Ap.Ceb.

Tubore Egaru *s.* - notícia da chegada dos lambaris: n.p. dos Ap.

Tubore Egiri *s.* - branca penugem dos atores-lambaris: n.p. m/f. dos Ap.

Tubore Eguguri *s.adj.* - pequenos lambaris: n.p. m. dos Ap.

Tubore Epaiwa *s.* - labrete dos atores-lambaris: n.p. f. dos Ap.Ceb.

Tubore Erugu *s.* - lambaris vermelhos: n.p. f. dos Ap.

Tubore Ewagu *s.* - abanico dos atores-lambaris: n.p. m/f. dos Ap.

Tubore Kia *s.* - chio dos lambaris: n.p. m/f. dos Ap.

Tubore Kudu *s.* - grito dos atores-lambaris: n.p. m. dos Ap.

Tubore Kuoda (f. Tubore O Kuodago) *s.* - dono dos lambaris: n.p. dos Ap.

Tudu Cereu (f. Tudu Cereudo) *s.adj.* - caburé escuro: n.p. dos Ap.Ceb.

Tuwaradu *s.* - seu ninho: n.p. m. dos Ap.

Tuwaradu Kuri *s.adj.* - o que tem ninho grande (o gavião): n.p. m. dos Ap.

Tuwaradu Aokaewu (f. Tuwaradu Aokaewudo) *s.adj.* - o que tem ninho alto (o gavião): n.p. dos Ap.

IWAGUDUDOGE

A

Aemaguda (f. Aemagudago) *s.* - doação das onças. n.p. dos Iw.

Aere Agiri *s.* - urutau branco: n. p. de Iw.(um dos atores de **Aeredoge Aroe**, representação dos espíritos **Aere**).

Aere Coreu *s.adj.* - urutau escuro: n.p. de Iw.(um dos atores de Aeredoge Aroe, representação dos espíritos Aere).

Aere Kudu *s.* - grito do urutau: n.p. de Iw.

Aiare *s.* - dono da onça: n.p. de Iw.Ceb.

Aigodu *s.* - onça pintada: n.p. de Iw.Ceb. (o mesmo **Adugo Edu**).

Ai Kuruguga (Ae Kuruguga?) *s.* - coroa de cabelos humanos: n.p. de Iw.Ceb.

Aiparabara *s.* - taquara da onça: n.p. de Iw.Ceb.

Amia (f. Amiarodo) *s.* - coroa : n.p. dos Iw.B.

Arare Emeru *s.* - natação dos piraputangas: n.p. m/f. dos Iw.

Arare Erugu *s.* - barbatana vermelha de piraputanga: n.p. m/f. dos Iw.

Arare Etaga *s.* - cabeleira de piraputanga: n.p. m/f. dos Iw.

Araru Kurireu (f. Araru Kurireudo) *s.adj.* - piraputanga grande: n.p. dos Iw. Ceb.

Arigao Bororo *s.* - n.p. m/f. dos Iw.

Arigao Cereu (f. Arigao Cereudo) *s.adj.* - cachorro preto: n.p. dos Iw. C eb.

Arigao Ekureu (f. Arigao Ekureudo) *s.adj.* - cachorro pardo: n.p. dos Iw. Cob.

Arigao Ikare (f. Arigao Ikaredo) *s.adj.* - dono do arco do cachorro: n.p.dos Iw.

Arigao Bororo *s.* - n.p. m/f. dos Iw.

Arigao Cereu (f. Arigao Cereudo) *s.adj.* - cachororo preto: n.p. dos Iw. Ceb.

Arigao Ekureu (f. Arigao Ekureudo) *s.adj.* - cachorro pardo: n.p. dos Iw. Cob.

Arigao Ikare (f. Arigao Ikaredo) *s.adj.* - dono do arco do cachorro: n.p.dos Iw.

Arigao Kujagureu (f. Arigao Kujagureudo) *s.adj.* - cão vermelho : n.p. dos Iw.

Arigao Kuoda (f. Arigao Kuodago) *s.* - dono da aldeia do cão: n.p. dos Iw.

Arigao Oro *s.* - cãozinho: n.p. dos Iw.Cob.

Arigao Ridu *s.* - devolução do cão: n.p. dos Iw. C eb.

Arigao Ridureu (f. Arigao Ridureudo) *s.adj.* - cão devolvido: n.p. dos Iw. C eb

Aroia Atugo *s.* - pintura do espírito Aroia: n.p. dos Iw.

Aroia Bororo *s.* - aldeia dos Iwagududoge: n.p. dos Iw.

Aroia Cereu *s.adj.* - espírito Aroia preto: n.p. dos Iw.Ceb.

Aroia Kiogo *s.* - espírito Aroia ave: n.p. dos Iw.

Aroia Kujagu *s.adj.* - espírito Aroia vermelho: n.p. dos Iw.Cob.

Aroia Kuri *s.adj.* - grande espírito Aroia: n.p. dos Iw. Ceb.

Aroia Okuoda (f. Aroia Okuodago) *s.* - aparição do espírito Aroia: n.p. dos Iw. Ceb.

Aroiare (f. Aroiaredo) *s.* - dono do espírito Aroia: n.p. dos Iw.

Aroia Rutu *s.* - subida do espírito Aroia: n.p. dos Iw.

Arugu Ekureu (f. Arugu Ekureudo) *s.adj.* - brilhante broto de buriti: n.p. dos Iw.

B

Bakorodoge Etuo *s.* - avó dos Bakororodoge: n.p. de Iw.Ceb.

Bakuje Kajejewu (f. Bakuje Kajejewudo) *s.adj.* - (ave que passa por trás da aldeia) urubu: n.p. de Iw.

Boro Bo (ou Borobó) *s.* - nome atualmente usado por uma família do clã dos Ar. e Iw. (Aldeia Pobore).

Bororo Kuoda (f. Bororo Kuodago) *s.* - dono da aldeia: n.p. Iw.

Bororo Kurireu (f. Bororo Kurireudo) *s.adj.* - grande aldeia: n.p.. dos Iw.Ceb.

Bororo Okwagori *s.adj.* - aldeia de margem catíngosa: n.p.m Iw. Ceb.

Bororo Okwajiwu (f. Bororo Okwajiwudo) *s.adj.* - o da margem da aldeia: n.p. Iw.

Bororo Paru *s.* - princípio da aldeia: n.p. m Iw.Ceb.

Bororo Tada *s.pp.* - praça das representações: n.p. m/f. dos iw.

Buke *s.* - nome de certo Aroe (espírito); nome usado por um homem Iw. de Tadarimana.

Burerure(ou Burerurue) *s.* - vrd. de abelhas jati: n.p. de um Iw. de Piebaga.

Butore Agadu (Butoregadu) *s.adj.* - cinto listrado de chocalho: n.p. m Iw.ob.

Butore Akiri *s.adj.* - cinto penugento com chocalho: n.p. m/f. dos Iw.

Butore Bororo *s.* - pátio das danças com cinto-chocalho: n.p. Iw.

Butore Ekureu (f. Butore Ekureudo) *s.adj.* - cinto-chocalho com penas amarelas: n.p. Iw.Ceb.

Butore Kurireu (f. Butore Kurireudo) *s.adj.* - grande cinto-Chocalho: n.p.Iw.Ceb.

Butore Oiagareu (f. Butore Oiagareudo) *s.adj.* - dono da tanga de penas: n.p. Iw.

Butore Kuoda (f. Butore Kuodago) *s.* - dono do cinto-Ccocalho: n.p. Iw.

I

Ipare Erudu *s.* - subida ao céu dos moços: n.p. dos iw. (cf. EBII: a lenda "Origem das Estrelas e de Certos Animais").

Itaga Cereu (f. Itaga Cereudo) *s.adj.* - cabaleira Ppeta: n.p. dos Iw. C eb.

Itaga Ekureu (f. Itaga Ekureudo) *s.adj.* - cabeleira amarela: n.p. dos Iw.Cob.

Itaga Kuri *s,adj.* - cabeleira grande: n.p. de Iw.

Iwagudo Akiri *s.* - Penugem da Gralha-Azul: n.p. dos Iw.

Iwagudo Atugo *s.* - pinturas da plumagem da gralha-azul: n.p. dos Iw.

Iwagudo Cereu (f. Iwagudo Cereudo) *s.adj.* - babaçu-preto: n.p. Iw Ceb.

Iwagudodoge (pl. de iwagudodogedu) *s.* - membros homens e mulheres de um dos clãs da metade dos Tugarege cujo símbolo principal é a gralhaazul.

Iwodu Akiri *s.* - folhas ornadas de branca penugem: n.p. dos Iw.

Iwodu Are (f. Iwodu Aredo) *s.* - dono da reopresentação das folhas: n.p. dos Iw.

Iwodu Paradu *s.* - dança das folhas: n.p. dos Iw.

J

Jakomea s. - designação de um espírito; tipo de colar peitoral (cf. **Iakomea**). Feito com um retalho de couro revestido, numa das faces, de plumas de arara coladas com resina. Se as plumas são amarelas (**jakomea ekureu**), pertence aos Iw.Ceb; se são vermelhas (**jakomea urugureu**), pertence aos Iw.C ob.

Jakomea Akadu s.adj. - peitoral listrado de plumas: n.p. dos Iw.Ceb.

Jakomea Akiri s. - peitoral de plumas penugento: n.p. dos Iw.

Jakomea Aro s. - plumas do peitoral: n.p. dos Iw.

Jakomea Atugo s. - peitoral pintado: n.p. dos Iw.

Jakomea Atugodojeba (f. Jakomea Atugodojebado) s. - pintor dos ato res Jakomeadoge: n.p. dos Iw.Ceb.

Jakomea Bugu s. - dono do espírito Jakomea: n.p. dos Iw.

Jakomea Cereu (f. JakomeaCereudo) s.adj. - peitoral preto: n.p. do Iw.Ceb.

Jakomea Ekureu (f. Jakomea Ekureudo) s.adj. - peitoral amarelo: n.p. dos Iw.Ceb.

Jakomea Enawu s. - peitoral enfeitado de plumas: n.p. dos Iw.Cob.

Jakomea Kago s. - pari do espírito Jakomea: n.p. dos Iw.

Jakomea Kaworu s.adj. - peitoral azul escuro: n.p. dos Iw. Ceb.

Jakomea Kurireu (f. Jakomea Kurireudo) s.adj. - grande Jakomea: n.p. dos Iw.Cob.

Jakomea Mugu s. - cf. **Jakomea Bugu**.

Jakomea Kuoda (f. Jakomea Kuodago) s. - descobridor de Jakomea: n.p. dos Iw.Ceb.

Jakomea Ridureu (f. Jakomea Ridureudo) s. - Jakomea presenteado: n.p. dos Iw.

Jakomea Ruko s. - catanga de Jakomea: n.p. dos Iw.

Jakomea Utugo s. - flecha do autor Jakomea: n p. dos Iw. Cob.

Jarudo Aora s. - cabeça de bagre: n.p. dos Iw.

Jarudo Atugo s. - cores do mandi: n.p. dos Iw. Ceb.

Jirie Ekureu (f. Jirie Ekureudo) s.adj. - abelha iraxim amarela: n.p. dos Iw.

Jorurodo s. - mulher encarregada do fogo: n.p. f. de Iw. Ceb.

Jurere Ware s. - dono do enfeite sucuri: n.p. dos Iw.B.

Jureware s. - dono do enfeite sucuri (cf. **Jurere Ware**).

K

Karao Coreu s.adj. - designação de uma ator da representação Karawoe Aroe; Karao Preto: n.p. dos Iw.Ceb.

Karao Ekureu (f. Karao Ekureudo) s.adj. - Karao amarelo: n.p. dos Iw.Cob.

Karaoe Epori s. - grande pote: n.p. dos Iw. Ceb.

Karaoe Erudu s. - subida ao céu dos Karawoe: n.p. dos Iw.

Karao Kudu s. - grito dos atores Karawoe: n.p. dos Iw.

Karao Kujagureu s.adj. - designação de um dos atores da representação Karawoe Aroe; Karao vermelho: n.p. dos Iw. Cob.

Kare Eibajiwu (f. Kare Eibajiwudo) *s.adj.* - piraputanga (peixe que acompanha outros peixes): n.p. dos Iw.

Kidoe Ekureu (f. Kidoe Ekureudo) *s.adj.* - periquito de plumas amarelas: n.p. dos Iw.

Kidore Ware (f. Kidore Waredo) *s.* - dono da pintura kidoreu: n.p. dos Iw. Ceb.

Kudugi Epa (f. Kudugi Epado) *s.* - caçador de macacos: n.p. dos Iw.

Kudugi Kuri *s.* - grande macaco kudugi: n.p. dos Iw.

Kudureu *s.* - dono do grito: n.p. dos Iw.

Kudu Ridureu *s.adj.* - grito repetido: n.p. dos Iw.

Kuje Kuri *s.adj.* - grande mutum: n.p. dos Iw.

Kujiboe Emugu *s.* - moradores do rib. Coxipó: n.p. dos Iw.

Kujiboe Ekureu (f. Kujiboe Ekureudo) *s.adj.* - encantador ribeirão coxipó: n.p. dos Iw.

Kujibo Jokiwu *s.adj.* - que desce o rib. Coxipó: n.p. dos Iw.

Kujibo Kuri *s.adj.* - majestoso rib. Coxipó: n.p. dos Iw.eb.

Kujibo Oiagiwu (f. Kujibo Oiagiwudo) *s.adj.* - pescador no meio do rib. Coxipó: n.p. dos Iw.

Kujibo Okuoda (f. Kujibo Okuadago) *s.* - descobridor do rib. Coxipó: n.p. dos Iw.

Kujibo Paru *s.* - barra do r. Coxipó: n.p. dos Iw. **gu S.** - descobridor da Aldeia: n.p. dos Iw.Ceb.

M

Marege Eceba (f. Marege Ecebado) *s.* - matador de índios inimigos: n.p. dos Iw.

Marido Akiri *s.* - cilindro de pecíolo de folha de buriti ornada com Banca penugem: n.p. Iw.Ceb.

Marido Bororo *s.* - clareira do cilindro de buriti: n.p. dos Iw.

Marido Ekureu (f. Marido Ekureudo) *s.adj.* - cilindro de buriti ornado com folhas amarelas de acumã: n.p. dos Iw.Cob.

Marido Kaworu *s.adj.* - cilindro de buriti ornado com folhas escuras de buriti: n.p. dos Iw.Ceb.

Marido Kujaka *s.* - buriti de estipe entalhado: n.p. dos Iw.Ceb.

Marido Kurireu (f. Marido Kurireudo) *s.adj.* - grande cilindro de buriti: n.p. dos Iw.Ceb.

Marido Mugu (f. Marido Mugureudo) *s.* - lugar do cilindro de buriti: n.p. dos Iw.

Marido Okwa Akiri *s.* - cilindro penugento de buriti: n.p. dos Iw.

Marido Paradu (f. Marido Paradago) *s.* - dança do cilindro de buriti: n.p. dos Iw.

Marido Ukiga *s.* - prego ornamental do cilindro de buriti: n.p. dos Iw.

Marigorege *s.* - feras atualmente desconhecidas aos bororo cujo nome é imposto aos iniciados do sub-clã dos Iw.Ceb.

N

Noa Kuru Butu *s.* - chegada da água lamacenta: n.p. dos Iw . Ceb.

O

Okiwa Kugaru *s.* - praia da capivara: n.p. dos Iw.

Okiwa Kukuri *s.adj.* - capivara de ventre grande: n.p. dos Iw.Cob.

Okiwa Kurireu (f. Oiwa Kurireudo) *s.adj.* - grande capivara: n.p. dos Iw.

Okoge Eibajiwu *s.adj.* - o que vai à margem dos dourados (piraputanga): n.p. dos Iw. Cob.

Okoge Emugureu (f. Okoge Emugureudo) *s.adj.* - abrigo dos dourados: n.p. dos Iw.

Okoge Enogwa *s.* - outro nome de **Butore Agadu**: Iw.Cob.

Okoge Enogwa *s.* - peixe que acompanha os cardumes de dourados: n.p. dos Iw. Cob.

Okoge Enogwa Tabowu (f. Okoge Enogwa Tabowudo) *s.adj.* - peixe que acompanha os cardumes de dourados: n.p. dos Iw. Cob.

P

Padaro Jiwu *s.adj.* - peixe das espumas (piraputanga): n.p. dos Iw.

Padaro Togiwu *s.adj.* - peixe que espera a espuma dos rios para brincar (piraputanga): n.p. dos Iw.

Podada *s.* - trilho que leva à água: n.p. dos Iw.

Podadareu *s.* - trilho que leva à água: n.p. dos Iw.

Podada *s.* - trilho que leva à água: n.p. dos Iw.

Podadareu *s.* - trilho que leva à água: n.p. dos Iw.

Podada *s.* - trilho que leva à água: n.p. dos Iw.

Podadareu *s.* - trilho que leva à água: n.p. dos Iw.

Poregudawu (f. Poregudawudo) *s.* - espírito encontrado embaixo da corredeira: n.p. dos Iw. Cob.

R

Rikaguruie *s.* - (rit.) feras atualmente desconhecidas cujo nome é dado aos iniciados dos sub-clã dos Iw.Cob.

T

Tadugo *s.* - o pintado: célebre antepassado chefe do clã dos Iw. Ceb.; n. p. dos Iw. Ceb.

Tara *s.* - gavão caracarai (kaga): n.p. m. dos Iw.

Toriguru Jiwu (f. Toriguru Jiwudo) *s.adj.* - animal que costuma andar sobre pedregulho (capivara): n.p. dos Iw. Ceb.

Tugó Agiri *s.* - flecha penugenta: n.p. m. dos Iw.

Tugo Bureu (f. Tugo Bureudo) *s.adj.* - flecha ornada de plumas: n.p. dos Iw.

Tugo Cereu (f. Tugo Cereudo) *s.adj.* - espírito tugo preto: n.p. dos Iw Ceb.

Tugó Kujagureu (f. Tugó Kujagureudo) *s.adj.* - caburé vermelho: n.p. dos Iw.Cob.

Tugo Makuda (f. Tugo Makudago) *s.* - doação de flechas: n.p. dos Iw.

U

Upodadu *s.* - seu trilho que leva à água: n.p. dos Iw.

Upodadureu (f. Upodadureudo) *s.* - dono do trilho que leva à água: n.p.dos Iw.
Uwarinogo Cereu (f. Uwarinogo Cereudo) *s.adj.* - vião-tesoura preto: n.p. dos Iw.Cob.
Uwarinogo Ekureu (f. Uwarinogo Ekureudo) *s.adj.* - belo gavião-tesoura: n.p. dos Iw. Cob.
Uwarogoreu (f. Uwarogoreudo) *s.* - dono do dente de capivara (barogo): n.p. dos Iw.

AROROE

A

Aije Akiri *s.* - zunidor penugento: n.p. de Ar.
Aije Atugo *s.* - pintura do zunidor: n.p. de Ar.
Aije Ekureu *s.adj.* - zunidor amarelo: n.p. de Ar. Ceb.
Aije Enawu *s.* - enfeite do zunidor: n.p. de Ar.Ceb.
Aije Jaiwo *s.* - bainha do zunidor: n.p. de Ar. Cob.
Aije Kuguri *s.adj.* - pequeno zunidor: n.p. de Ar.
Aije Makuda (f. Aije Makudago) *s.* - entrega do zunidor: n.p. de Ar.
Aije Kuguri *s.adj.* - pequeno zunidor: n.p. de Ar.
Aije Oro *s.* - pequeno zunidor: n.p. de Ar.Ceb.
Aije Paradu *s. adj.* - zunidor oscilante: n.p. de Ar.
Aikido (aipobureu, awogodori) *s.* - jaguatirica. n.p. de Ar. Ceb.
Akiro Ridodu *s.* - carregamento de presentes: n.p.m. dos Ar.Cob.
Akiró Ridureu (f. Akiró Ridureudo) *s.adj.* - presente Carregado:n.p. dos Ar.
Ako Jemagudureu (f. Ako Jemagudureudo) *s.adj.* - experimento do zunido de Aije: n.p. de Ar.
Ako Kurireu (f. Ako Kurireudo) *s.adj.* - voz forte de Aije: n.p. dos.
Ako Mugureu (f. Ako Mugureudo) *s.adj.* - clareira do **Aije (Aije Muga)**: n.p. de Ar.
Aroro Akadu *s.adj.* - larva listrada: n.p. de Ar.
Aroro Akadureu (f. Aroro Akadureudo) *s.adj.* - larva listrada: n.p. de Ar.
Aroro Ikare (f. Aroro Ikaredo) *s.* - dono do arco Aroro Ika: n.p. de Ar.

B

Baitogogo *s.* - lendário chefe do subclã dos Ar.Cob., chamado também **Kaboreu**.
Baitogogo *s.* - morador da choupana escura: n.p. m. de Ar Cob.
Bakoro Makudu (f. Bakoro Makudago) *s.* - Presentes do grande chefe: n.p. de Ar.Cob.
Bakororo *s.* designação: 1. de um dos principais heróis lendários da tribo; 2. de um chefe do subclã dos Ar. Cob. 3. da parte do reino das almas situado ao ocidente e precedido por Bakororo; 4. De um finado 5. do Oeste. Esta f. indica também: beleza, grandeza, força, pintura listrada.

Bakororo Atugo *s.* - listras de Bakororo: n.p. de Ar.

Bakorodoge Etuo *s.* - avó dos Bakororodoge: n.p. de Iw. Ceb.

Bakoro Makudu (f. Bakoro Makudago) *s.* - Presentes do grande chefe: n.p. de Ar. Cob.

Bakororo Ikare *s.* - dono do arco Bakororo Ika: n.p. de Ar. Ceb.

Bataruda *s.* - o que fla em nome de othem: n.p. m/f. de Ar.

Bataruduia *s.* - o falador: n.p. m. de Ar.

Birimodo (vrt. de Birimodu) *s.* - pele bonita: herói lendário denominado também **Baitogogo** ou **Bakororo** *s.* - chefe dos Ar. Cob. o herói mítico mais importante da tribo. (Kanajô diz que **Baitogogo** e **Birimodo** eram dois irmãos).

Boro Bo (ou Borobó) *s.* - nome atualmente usado por uma família do clã dos Ar. e Iw. (Aldeia Pobre).

Boro Etaga *s.* - tembetá cabeludo de caracolinhos: n.p. m. dos Ar.Cob.

Boro Ikare (f. Boro Ikaredo) *s.* - dono do arco Boro Ika: n.p. dos Ar.Cob.

Buke Epa (f. Buke Epado) *s.* - tecelão de redes de pescar: n.p. Ar.Ceb.

E

Ecerae Ekoriwu (f. Ecerae Ekoriwudo) *s.adj.* - o que fica em frente aos Bokodori: n.p. dos Ar.

I

Imore *s.* - acuri enfeitado: n.p. dos Ap.Ceb. (**Akaruio Boroge**).

Ipore Eimejera (f. Ipore Eimejerago) *s.* - chefe dos rapazes: n.p. dos Ar. Cob. (**Baitogogo**).

Ipore Ekureu (f. Ipore Ekureudo) *s.adj.* - moços bonitos: n.p. dos Ar. C ob.

J

Jakomea Epa (f. Jakomea Epado) *s.* - mmtador de Jakomea: n.p. dos Ar. C eb.

Jakomea Ewaiga *s.* - arco dos atores Jakomeadoge: n.p. dos Ar. C eb.

Jokugoe Cereu (f. Jokugoe Cereudo) *s.adj.* - gafanhoto preto: n.p. dos Ar. C ob.

Jokugoe Ekureu (f. Jokugoe Ekureudo) *s.adj.* - gafanhoto amarelo: n.p. de Ar. Ceb.

Jokugo Kuri *s.adj.* - belo gafanhoto: n.p. dos Ar.

K

Kaboreu *s.* - importante chefe dos Ar.. Cob; n.p. de Ar. C ob.

Kitaria *s.* - progenitora dos Ar.B.; n.p. f.dos Ar.B.

Kituireu *s.* - imitador do tico-tico: n.p.m. dos Ar.

Korao Kuri *s.adj.* - grande papagaio-verdadeiro: n.p. dos Ar.

Kudugi Ekureu (f. Kudugi Ekureudo) *s.* - macaco pardacento: n.p dos Ar. Ceb.

Kudugodu Jao *s.* - primeiro gritador: n.p. dos Ar. Cob.

M

Mano Baru *s.* - antigo chefe do sub-clã dos Ar. C eb.; n.p. dos Ar. C eb.

Mano Kurireu (f. Mano Kurireudo) *s.adj.* - antigo chefe do sub-clã dos Ar.Ceb. (chamado também **Motojeba, f. Motojebado**); grande cilindro de talos de caeté: n.p. dos Ar. C eb.

Mano Okwa Akiri *s.* - cilindro de talos de caeté ornado de branca penugem: n.p. dos Ar.

Mano Pedojeba (f. Mano Pedojebado) *s.* - célebre antepassado chefe do sub-clã dos Ar. C eb. (Motojeba); distribuidor dos cilindros de caeté: n.p. dos Ar. Ceb.

Meriri Poro *s.* - enfeite de metal amachucado: n.p. dos Ar. Ceb.; celebre antepassado que segundo a lenda sobreviveu à inundação geral causada pelos espíritos Jakomeadoge.

Motojeba (f. Motojebado) *s.* - célebre antepassado chefe do sub-clã dos Ar. Ceb.

N

Nabure Ekureu (f. Nabure Ekureudo) *s.adj.* - bela arara vermelha: n.p. dos Ar.

Nabure Etaga (f. Nabure Etagado) *s.* - tectriz de cabeça de arara vermelha: n.p. dos Ar.

Nabure Ikare (f. Nabure Ikaredo) *s.* - dono do arco nabure ika: n.p. dos Ar.

Nabure Jokurea *s.* - listras de plumazinhas que contornam os olhos da arara vermelha: n.p. dos Ar.

Nabure Kuguri *s.adj.* - filhote de arara vermelha: n.p. dos Ar C eb.

Nabure Kurireu (f. nabure Kurireudo) *s.adj.* - arara vermelha macho: n.p. dos Ar. Cob.

Nabure Paradu (f. Nabure Paradago) *s.* - vôo de arara vermelha: n.p. dos Ar.

Nabure Toro *s.* - tanga dos atores araras-vermelhas: n.p. dos Ar.

Noabo *s.* - água do lambedor: n.p. dos Ar.Cob.

Noabo Pijiwu (f. Noabo Pijiwudo) *s.adj.* - aquele que vem do lambedor: n.p. dos Ar. Cob.

Noabo Towu (f. Noabo Towudo) *s.adj.* - aquele que caiu na água do lambedor: n.p. dos Ar Cob.

T

Tamigi Kudu *s.* - grito do anhumá: n.p. m. dos Ar.

Tamigi Kurireu (f. Tamigi Kurireudo) *s.adj.* - anhumá macho: n.p. dos Ar. Cob.

Tarigo Coreu (f. Tarigo Coreudo) *s.adj.* - porco preto chefe de uma manada de porcos: n.p. dos Ar. Cob.

Tarigo Ekureu (f. Tarigo Ekureudo) *s.adj.* - belo porco macho: n.p. dos Ar. Ceb

Tarigo Paradu (f. Tarigo Paradago) *s.* - saltos do porco macho: n.p. dos Ar.

Tubogiwu (f. Tubogiwudo) *s.* - animal que sobe as águas do rio (ariranha): n.p. dos Ar.

Tubeiagiwu (f. Tubeiagiwudo) *s.* - animal que mora no meio do rio (ariranha): n.p. dos Ar.

Tugare Makareu (f. Tugare Makareudo) *s.adj.* - grande chefe: n.p. dos Ar. Cob.

Tuiaroe Eceba (f. Tuiaroe Ecebado) *s.* - Grande Chefe dos Bororo: n.p. dos Ar. Cob.

Tuiaroe Eporo *S.* - perfurador dos Bororo: n.p. m/f. dos Ar. Cob.

U

Uina Ekureu (f. Uina Ekureudo) *s.adj.* - bela pomba trocal: n.p. dos Ar.

Uina Kudu *s.* - canto da pomba trocal: n.p. m. dos Ar.

Uiorubareu (f. Uiorubareudo) *s.* - dono da fogueira: n.p. dos Ar.

Uwaguru Pereu (f. Uwaguru Pereudo) *s.adj.* - restos de barbatanas: n.p. dos Ar. Ceb.

ANEXO 3. ATIVIDADES REALIZADAS

DISCIPLINAS E ATIVIDADES

DISCIPLINA: HDL5023 – O Lugar das Performances: Produção Partilhada do Conhecimento

2019/1 / Local: Diversitas-FFLCH-USP

Docentes responsáveis: Marília Librandi, Maria Ribeiro, Sandra Regina Chaves Nunes e Sérgio Bairon. Parcerias - Princeton University – disciplina São Paulo: Cultural and Urban Connection - Cia Teatro de Contêiner Mungunzá – com os interlocutores Lucas Bêda, Verônica Gentilin, Santiago Cao e Marcelo Carnevale.

Desenvolvimento da aula

Aprendi, na aula presencial em 2019, que a pesquisa nossa pode virar material para a escola e para quem for conhecer os *Boe Bororo*.

Como trabalho de curso, desenvolvemos a tarefa de narrarmos um *bakaru*, e eu relatei o *bakaru* do Martin Pescador. Esta ave pertence ao clã Baadojeba. Eu propus uma performance e os atores principais foram os alunos do oitavo ano letivo da escola de Meruri. Lemos o *bakaru*, contamos este *bakaru* diversas vezes, eles desenharam e fizeram a performance, que está gravada em vídeo.

A aula com a professora Aivone Carvalho tratou dos códigos: código é algo criado para comunicar algo. A língua bororo é um código para comunicar a língua bororo. Código é um conjunto de regras que determina e orienta uma informação. Tem códigos na comunicação e tem códigos na cultura. As regras devem ser aceitas para haver diálogo via códigos. Códigos hipolinguais estão abaixo da língua (códigos genéticos, como a vida dos seres). Códigos linguais, relativos a regras que os constituem. Código na natureza (ex.: o cantar de um pássaro, *jiwi jiwi*, avisa algo de perigo iminente). Códigos hiperlinguais são os códigos da cultura. A brecha que existe entre a vida e a morte é a cultura. “Cultura não é estática”. Cultura é a comunicação humana. “Uma cultura ela não acaba, ela se transfoma”. A cultura é um dispositivo para armazenar dados, depois processar

os dados. Na cultura, o signo é o texto. A arara é o totem maior da cultura bororo, por representar a alma de um ente querido. O sonho é uma raiz cultural (gerador). Os *Bororo* transformam a primeira realidade em segunda realidade, a morte biológica não acaba, é transformada em funeral.

DISCIPLINA: HDL5028 – Os Mitos de Origem Ameríndios: o caso dos Boe (Bororos) e os Bakarú

Período: 2020/1 - Diversitas- USP

Professores: Aivone de Carvalho Brandão, Marília Librandi Rocha e Sérgio Bairon

Nesse curso, eu aprendi o seguinte: cada objeto pertencente à cultura bororo, bem como a matéria-prima com a qual é feito, estão intimamente ligados ao seu mundo mítico ritual e, por esse motivo, não podem ser dissociados de seu mundo espiritual.

Seminário Avançado II. Movimentos Sociais, Política e Educação Popular: Relações Raciais e Educação (1)

2020/2 - Local: UFMT. Programa de Pós Graduação em Educação, Cuiabá.

Professores: Beleni Grando e Sérgio Pereira dos Santos

Impermeabilidade, invisibilidade e silenciamento são pontos cegos. No plano nacional, o objetivo foi formar cidadãos que fossem semelhantes aos seus senhores, e que deixassem suas características para trás, principalmente seu conhecimento original. Invisibilidade é não deixar o outro ver a sua identidade, e assim virar um sujeito conforme a proposta de integração. Silenciamento, se acontecer alguma coisa ruim, não deixar os outros perceberem, sofrer em silêncio. Nas escolas hoje, às vezes, não entra nada, impermeabilidade e porosidade, entra e sai sem deixar vestígios de sua cultura. José Horário Rodrigues (1964), no Brasil e na África, rejeitava a importância europeia, buscou descolonizar o pensamento social, definiu o “complexo de cariação” (composto químico de coloração branca inconsistente e pouco duradouro). O intuito foi o de ironizar a necessidade das elites nacionais, que apresentavam a “brancura”, mesmo no conceito de mestiçagem. Major Aristóteles de Lima, enfatiza a estratégia racista do Estado

Nacional Brasileiro, pensado, projetado e operacionalizado, no sentido de um pensamento eliminar a mancha negra (aqui penso entre nós, indígenas, pois foram feitas tentativas de colocar todos nós num lugar só para nos homogeneizar). É conhecida a visão de Arthur Ramos de que bastaria trocar a palavra raça por cultura para que o trabalho de Nina Rodrigues adquirisse respeitabilidade científica. Temos aqui a palavra raça, que é muito pejorativa, por exemplo, temos raça de cães, mas dizia-se, raças indígenas. Hoje, temos etnia, povos, mas a gente tenta falar em sociedades indígenas, pois cada sociedade possui uma identidade específica. Invisibilidade, na cidade de Poconé, a população é de origem negra e indígenas, mas não enxergam os indígenas. O racismo tem de ser pensado com relação à condição econômica e social.

DISCIPLINA: HDL5029 – Pensamento Ameríndio

Período: 2020/2 - Local - Diversitas, USP

Professores: Aivone de Carvalho Brandão, Marília Librandi e Sérgio Bairon

Nesse curso, nós, Boe, participamos como colaboradores junto com outros indígenas convidados nos encontros realizados on line (Lives). Eu participei na “live”, **“Constelação de Saberes”, com Ailton Krenak.**

ATIVIDADES EXTRAS

1. **Roda de Conversa: “Boe ero, boe ego”** - Mariel Kujiboekureu, Maria Auxiliadora Silva, Idelfonso Boro Kuoda, Lauro Pariko Ekureu, Marília Librandi, Aivone Carvalho e Sérgio Bairon.
2. **II Seminário América Latina e suas Narrativas Insurgentes - UFG - Goiânia - GO**
Data: 15/09/2020. Apresentação de trabalho “Boe ero, boe ego”. Contexto da educação Boe.
3. **Participação na Live Constelação de Saberes, com Ailton Krenak. junto com Marília Librandi . Diversitas, USP, CEDIPP.**
4. **I AMERINIDADE: DIÁLOGOS INTERCULTURAIS E DIREITOS ACESSADOS E PROTAGONIZADOS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO, Universidade do Estado de**

Mato Grosso - UNEMAT, Campus Universitário de Cuiabá-UFMT, de 26 a 28 de outubro de 2020.

Apresentação do trabalho “Experiência Semana Indígena Boe Meruri ocorrida em 2015”